

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE –
MESTRADO

ROSALINA LUIZA CASSOL SCHVARSTZHaupt

A HOSPITALIDADE NA ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE *CARAVAGGIO*/
FARROUPILHA/RS SOB A ÓTICA DA IGREJA CATÓLICA

CAXIAS DO SUL

2018

ROSALINA LUIZA CASSOL SCHVARSTZHAUPT

**A HOSPITALIDADE NA ROMARIA DE NOSSA SENHORA DE *CARAVAGGIO*/
FARROUPILHA/RS SOB A ÓTICA DA IGREJA CATÓLICA**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora: Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia

CAXIAS DO SUL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S397h Schvarstzhaupt, Rosalina Luiza Cassol

A hospitalidade na romaria de Nossa Senhora de Caravaggio/
Farroupilha/RS sob a ótica da igreja católica / Rosalina Luiza Cassol
Schvarstzhaupt. – 2018.

112 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2018.

Orientação: Vania Beatriz Merlotti Herédia.

1. Hospitalidade. 2. Peregrinos e peregrinações. 3. Caravaggio,
Nossa Senhora de. 4. Turismo - Aspectos religiosos. 5. Devoção. I.
Herédia, Vania Beatriz Merlotti, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.483.13

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

A hospitalidade na Romaria de Nossa Senhora de *Caravaggio*/Farroupilha/RS sob a ótica da Igreja Católica

Rosalina Luiza Cassol Schvarstzhaupt

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 23 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul

Profª. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos
Universidade de Caxias do Sul

Profª. Dra. Sênia Regina Bastos
Universidade Anhembi Morumbi

Prof. Dr. Paulo César Nodari
Universidade de Caxias do Sul – Convidado Especial

Aos meus filhos: Tiago, Cristiane e Rafael, pela
delicadeza de cultivarem o amor fraterno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus ter me dado as condições necessárias para o desenvolvimento deste trabalho e a meus pais a dedicação dispensada a mim e aos meus irmãos, por uma educação nutrida em valores fraternos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Vânia Beatriz Merlotti Herédia a amabilidade, dedicação, orientação, disponibilidade, o apoio e incentivo que contribuíram de maneira fundamental para o meu crescimento, durante a trajetória do mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade a sapiência em transmitir o conhecimento com firmeza e cordialidade e, especialmente, à Profa. Dra. Márcia Cappellano dos Santos e à Profa. Dra. Susana Gastal as contribuições da hospitalidade autêntica.

Aos meus colegas de mestrado, com quem dividi alegrias, dúvidas, aprendizagem, tornando mais valiosa e significativa a nossa caminhada, especialmente à Samara Camilotto, pela alegria e delicadeza na hospitalidade.

À Regina de Azevedo Mantesso, secretária administrativa do PPGTURH a sempre amável disposição em prestar as informações solicitadas e bem receber a todo instante.

Ao Pe. Gilnei Fronza, reitor do Santuário, o acolhimento, a atenção e por ter possibilitado a realização da pesquisa no local.

Aos entrevistados a amabilidade, bondade e generosidade com que me acolheram e disponibilizaram suas experiências de atenção, escuta e cuidado para a hospitalidade aos peregrinos.

Ao meu marido Vanderlei a compreensão, o carinho e apoio incondicional em todos os momentos.

Aos meus filhos: Tiago, Cristiane e Rafael a amabilidade e o incentivo que me dispensaram para a realização desta etapa em minha jornada.

À Universidade de Caxias do Sul ter me acolhido uma vez mais e ter me proporcionado aprofundar a arte da hospitalidade.

A todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

Minha gratidão!

Que a hospitalidade seja uma forma de amar!

José Tolentino Mendonça

RESUMO

O tema da hospitalidade e acolhimento tem atraído interesse no meio acadêmico, neste tempo marcado por grande mobilidade humana, decorrente de fatores nos diversos espaços geográficos. Na dimensão religiosa, as peregrinações têm demonstrado crescente fluxo aos lugares sagrados, em todo o mundo. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar a hospitalidade que é oferecida pela Igreja católica aos peregrinos que chegam ao Santuário de Nossa Senhora de *Caravaggio*, Farroupilha, RS, na romaria que acontece anualmente em torno do dia 26 de maio. A pesquisa tem como objeto o estudo da hospitalidade que a Igreja católica oferece aos peregrinos, a partir da análise das entrevistas realizadas com sujeitos que fazem parte da Igreja e que tiveram envolvimento com a romaria em diversas épocas. O discurso dessas representações será tratado pelo método de análise textual discursiva, com vistas a conhecer a percepção que esses sujeitos têm sobre a hospitalidade da Igreja nessa romaria e como ocorre o acolhimento dos peregrinos, com vistas a contribuir para o Turismo Religioso.

Palavras-chave: Hospitalidade. Peregrinação. Devoção. Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio* em Farroupilha, RS. Turismo Religioso.

ABSTRACT

The issue of hospitality and welcoming people has aroused interest in the academic environment in this time marked by great human nobility resulting from factors taking place in different geographical spaces. In the religious dimension, pilgrimages have increased to sacred sites around the world. In the face of this, this study aims to assess the hospitality that is offered, by the Catholic Church, to the pilgrims coming to the Shrine of our Lady of Caravaggio, Farroupilha, RS, in the pilgrimage held annually on May 26. This paper is, therefore, focused on the hospitality that the Catholic Church offers to pilgrims from the analysis of the interviews conducted with the people that are part of the Church and who have been involved with the pilgrimage in different times. The discourse of these representations will be treated by the method of discursive textual analysis so as to understand how these people perceive the hospitality offered by the Church in this pilgrimage and how it takes place, with a view to contributing to Religious Tourism.

Keywords: Hospitality. Pilgrimage. Devotion. Sanctuary of Our Lady of Caravaggio in Farroupilha, RS. Religious Tourism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCDDS	<i>Congregación para el Culto Divino y la Disciplina de los Sacramentos</i>
CDC	Código de Direito Canônico
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
Celam	Conselho Episcopal Latino-Americano
Cf.	Conferir
Cfe	Conforme
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPPMI	Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes
DGPT	Diretório Geral para a Pastoral do Turismo
DPPL	Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia
DV	<i>Dei Verbum</i>
E	Entrevistado / Entrevistada
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
Entraí	Encontro das Tradições Italianas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
Lc	Lucas
LG	<i>Lumen Gentium</i>
Mt	Mateus
N. Sra.	Nossa Senhora
PCPMI	Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
1 Tim	1ª Carta a Timóteo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do Santuário Nossa Senhora de <i>Caravaggio</i> , em Farroupilha, RS	48
Figura 2 – Santuário Nossa Senhora de <i>Caravaggio</i> , Farroupilha, RS	52
Quadro 1 – Entrevistados da pesquisa	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	JUSTIFICATIVA	14
3	REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1	HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO	18
3.1.1	O ritual da hospitalidade	25
3.2	TURISMO RELIGIOSO E PEREGRINAÇÃO	27
3.3	RELIGIOSIDADE POPULAR	32
3.3.1	Santuários e peregrinações	33
3.3.2	A Virgem Maria na piedade popular	40
4	METODOLOGIA	44
4.1	A CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	46
4.2	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	47
4.3	O LOCAL DA PESQUISA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DE <i>CARAVAGGIO</i>	48
4.4	COLETA DOS DADOS DA PESQUISA	57
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS DA PESQUISA	60
5.1	HOSPITALIDADE COMO ACOLHIMENTO	60
5.2	O SANTUÁRIO COMO LUGAR DE HOSPITALIDADE	73
5.3	A FORÇA DO EVANGELHO NAS PRÁTICAS DEVOCIONAIS	80
5.4	COMUNIDADE, PERTENÇA E SOLIDARIEDADE	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE A – VISITAS DE PEREGRINOS AO SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DE <i>CARAVAGGIO</i>, FARROUPILHA, RS, DE 2003 a 2017	108
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	109
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA	110
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	111
	ANEXO – MATÉRIA INFORMATIVA SOBRE A ROMARIA AO SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DE <i>CARAVAGGIO</i>	112

1 INTRODUÇÃO

A hospitalidade é um fenômeno humano e cultural que remete e confunde-se com a própria origem e os primórdios da civilização. Seus registros estão associados a aspectos religiosos, morais e sociais; a tempos que remetem à ideia do dever sagrado de receber aquele que está longe de seu local de domicílio e, avançando para sua dimensão mais coletiva, a que associa aos serviços de proteção social ou religiosa e, em tempos mais recentes, à ideia do domínio comercial.

A hospitalidade é mencionada na História ocidental, ainda antes de surgirem as tavernas, primeiras casas de hospedagem das quais se tem conhecimento. Em sua origem, há menção à crença religiosa que vem dos antigos gregos. Na história mitológica, há relatos de que Zeus se transmutava em peregrino, como viajante, a caminho das Olimpíadas, para saber como a hospitalidade estava sendo exercida nas hospedarias, havendo todo um ritual histórico envolvendo a atitude da hospitalidade.

Com o transcurso do tempo, a hospitalidade foi se configurando a novas realidades e acompanhando as demandas provocadas pelos deslocamentos, que também seguiram atualizações em função das demandas de mercado. Uma dessas demandas é o segmento do Turismo Religioso o qual aumentou expressivamente nas últimas décadas, motivado principalmente por visitas aos lugares considerados sagrados pelas religiões. As estatísticas apontaram uma demanda crescente de peregrinos que buscam experiências mais significativas além da motivação de viajar para conhecer.

A Igreja católica, através dos documentos que tratam da mobilidade humana, tem dado atenção pastoral ao fenômeno turístico e considera que o turismo, quando bem orientado, pode levar à descoberta dos dons que Deus semeou com profusão no Universo e no coração humano, independentemente de raça, língua e cultura.

Entre as destinações turísticas mais importantes, incluem-se catedrais, mosteiros, santuários e antigos caminhos de peregrinação, que exercem uma grande atração sobre o ser humano. Nesse cenário, o turismo se constitui numa oportunidade de evangelização. O Diretório Geral para a Pastoral do Turismo (*Peregrinans in terra*),¹ enuncia que com o aumento de turistas cresce também a consciência de sua influência positiva e leva em conta numerosas virtudes e potencialidades, embora se manifestem alguns elementos ambíguos, que podem ser negativos.

¹ Diretório elaborado pela Sagrada Congregação para o Clero, responsável pela Pastoral do Turismo, aprovado

Para o Papa João Paulo II (2001), “o turismo favorece o contato dos homens e das mulheres com a natureza e com as culturas, promove a valorização dos recursos ambientais e apresenta as belezas da criação como uma herança comum de toda a família humana”, conforme manifestou em sua mensagem para o dia mundial do turismo, em 27/9/2001.

Nesse sentido, o serviço da Pastoral do Turismo leva em conta que o turismo é um fator que humaniza, pois é visto como ocasião para o repouso e se constitui oportunidade para o conhecimento recíproco de povos e culturas. Além disso, é instrumento de desenvolvimento econômico; tem potencial para promover a paz e o diálogo; gera possibilidades para a educação e o crescimento pessoal, como também se constitui momento para o encontro com a natureza e espaço privilegiado para o crescimento espiritual. (CNBB, 2009a, n. 9).

Sensível aos deslocamentos e às necessidades vitais humanas, no decorrer da História, a Igreja católica notabilizou-se no exercício de prestar hospitalidade aos excluídos da sociedade. Nos textos bíblicos, há inúmeros relatos – tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento –, que se referem à hospitalidade aos menos favorecidos e rejeitados pela sociedade.

Nos tempos atuais, conforme dados do Anuário Estatístico 2016, do Vaticano, verifica-se a existência de mais de mil instituições de assistência social, as quais abrangem hospitais, postos de saúde, leprosários, casa de idosos, orfanatos, jardins de infância, centros de educação e reeducação social e outros tipos de instituições. (PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS, 2016).

No aspecto da dimensão espiritual, emerge a expectativa do ser humano de buscar conforto para questões profundas do ser e que alguns autores, como Boff (2005) e Beni (2016) colocam em grau de semelhante importância à dimensão da corporeidade.

A hospitalidade, no sentido relacional, remete ao tratamento de acolhida para o “outro”. Esse tratamento envolve gestos que reportam à amabilidade, afabilidade, gentileza, atenção, cordialidade, delicadeza, polidez, fineza, doçura, meiguice e que se expressam na atitude de abertura incondicional àquele que surge como solicitante ou convidado para compartilhar um espaço na reciprocidade, mediante regras, ritos e leis não escritas. Camargo (2015, p. 47) aborda que “todas as culturas guardam princípios, leis não escritas de hospitalidade, herdadas de formas ancestrais de direito, que regem o relacionamento humano em casa ou fora de casa”.

Num sentido comercial, a possibilidade dos deslocamentos humanos, devido às condições materiais promovidas pela urbanização e pela industrialização, qualificou a

atividade turística, afetando a visão de hospitalidade ao visitante e envolvendo uma nova concepção de hospedagem, alojamento e acolhida.

No evento da hospitalidade, no âmbito religioso, há o traço da transcendência que perpassa todas as religiões, ao mesmo tempo em que toda religião pode ser considerada a partir da hospitalidade. No Cristianismo, a hospitalidade vai se organizando em hospícios e hospitais já nos primeiros séculos da era cristã. A organização da hospitalidade nos mosteiros tinha como motivação acolher todos os peregrinos, como se estivessem acolhendo o próprio Cristo. (GODI, 2011).

A hospitalidade, portanto, era vista como uma forma de acolhimento. Quem acolhia o peregrino o recebia e realizava a experiência do pleno acolhimento. No texto bíblico, que faz referência ao juízo final, Jesus Cristo menciona: “Era peregrino e me acolheste.” (BÍBLIA, Mt, 25, 35, 1983). Vemos, então, a hospitalidade associada à caridade, constituindo com a fé e a esperança as três virtudes teologais, as quais, com Deus como principal objeto, fundamentam a vida cristã. (GODI, 2011).

Beni (2016), ao abordar o acolhimento no ambiente religioso, expressou perceber que a Igreja católica constitui-se uma instituição que exerce concretamente a hospitalidade. Avalia que a missa é um ato de acolhimento por excelência espiritual. Observa que o peregrino busca esse acolhimento, esse conforto espiritual. O autor vê no gesto de hospitalidade o aspecto religioso através do qual oferece um reconforto, um acolhimento à alma, também necessário ao ser humano como o é do corpo. Compreende que, de modo geral, as pessoas não se apercebem da hospitalidade que a Igreja realiza através de suas diversas atividades.

A atitude de acolher, na Igreja católica, traz a memória do cuidado, da atenção e da disposição de receber bem aquele que chega. Essa ideia está impregnada no imaginário coletivo, e aquele que se dirige à comunidade religiosa tem essa expectativa do acolhimento. Entretanto, no momento histórico atual e no contexto marcado pelos traços do secularismo, as influências incutidas e assimiladas pela sociedade de consumo indicam fortes implicações no modo de comportamento individual e coletivo esperado da parte daqueles que se identificam com a religião cristã-católica e que seja coerente com a doutrina propagada.

No entanto, o marco doutrinal da Igreja católica é essencialmente de caráter humano, tendo Jesus Cristo como o maior exemplo da história humana, o qual revelou um projeto que inspira vida em plenitude aos que aderem à sua proposta existencial. Embora o cristão católico tenha o conhecimento do caminho, sua prática exige empenho, dedicação, escuta e afeto que se expressa na abertura ao espírito fraterno, em relação ao outro que surge como

suplicante ou convidado a compartilhar um espaço na reciprocidade. Essas atitudes, com grande frequência, desafiam valores que prevalecem na sociedade.

Nesse sentido, a busca pela compreensão da hospitalidade tem o intuito de avançar no conhecimento relacionado ao acolhimento da Igreja e de entender as possíveis contradições em relação a acolher. Nesse contexto, emergiu a motivação para aprofundar o estudo investigativo das implicações em torno da hospitalidade religiosa, por meio da análise acerca do Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*.

Este Santuário, localizado em Farroupilha, acompanha a história de imigrantes italianos que ali se estabeleceram em 1876, encontrando condições muito precárias para conduzir a vida. (BERTUOL, 1950). A História mostra que a religião que trouxeram de suas origens foi muito importante para superarem os desafios com que se defrontaram ao chegarem na região de mata fechada e com mínimos recursos. A iniciativa de rezarem unidos, revezando-se de casa em casa, motivou a construção de uma capela e escolheram Nossa Senhora de *Caravaggio* como sua padroeira. Uma família disponibilizou um quadrinho com a estampa da Santa trazido na viagem de imigração, o qual já era objeto de veneração entre os vizinhos que se reuniam, traziam enfermos e rezavam em torno dele, pedindo graças e sendo atendidos em muitas ocasiões.

Caravaggio foi um lugar acolhedor desde o princípio. Já nas primeiras romarias, os moradores do local acolhiam os peregrinos oferecendo a própria casa para lhes dar conforto. Tal gesto zeloso com esses peregrinos, nos primeiros tempos do povoado, está relatado no livro de Bertuol (1950). O autor descreve ações de moradores que cediam repouso, inclusive para animais, que eram os meios de transporte da época. O fluxo de peregrinos sempre foi uma crescente desde suas origens até o presente momento, bem como o espírito de serviço dedicado aos que chegam ao local. O fenômeno da intensa mobilidade de pessoas para o Santuário tem motivado o interesse literário, cinematográfico² e de pesquisas científicas, das quais destacam-se os autores: Bertuol (1950), Zorzi (1986), Pasa (2013), Vendrúsculo (2015), Brustolin (2004), Schneider (2013),³ Silva (2015), entre outros.

² O local do Santuário foi cenário de filme, gravado na romaria de 2016. O filme é sobre Nossa Senhora de *Caravaggio* e conta a história de um casal que, com a ajuda da Santa consegue retomar sua união abalada pelo alcoolismo.

³ Mônica Schneider (2015) desenvolveu pesquisa acerca de relações de hospitalidade na romaria ao Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, Farroupilha, RS, sob a ótica do romeiro. A pesquisa deu origem à sua Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, e teve como objetivo identificar, analisar e interpretar as relações de hospitalidade, utilizando técnicas de análise de conteúdo.

Nas últimas romarias, houve uma média anual entre novecentas a mil pessoas da comunidade local e de arredores, que se dedicaram aos serviços voluntários no acolhimento aos peregrinos, conforme dados divulgados no *site* do Santuário. (SANTUÁRIO, 2018c). Entre essas pessoas, estão dezenas de sacerdotes que permaneceram à disposição dos peregrinos para atendimento pessoal de confissões e aconselhamentos, além de religiosas, seminaristas, pessoas que auxiliaram nos serviços da liturgia e de apoio no acolhimento e em diversos setores que se fizeram necessários.

Para a romaria, os peregrinos se deslocam, em sua maioria, a pé, vindos dos municípios vizinhos, principalmente de Caxias do Sul. Trazem consigo expressão de gratidão por graças alcançadas pela interseção de Nossa Senhora de *Caravaggio*. Muitos buscam acolhimento para a alma, conforto espiritual e rezar pela saúde da família, por trabalho, por paz. Uma das expressões visíveis é a capela dos ex-votos, que guarda milhares de manifestações de gratidão por graças alcançadas.

As mensagens homiléticas dirigidas aos peregrinos têm centralidade nas questões que envolvem a valorização da família; o tema da não violência, principalmente em relação à mulher; a conscientização a respeito do cuidado com a ecologia e o desenvolvimento de uma cultura de paz.

Conforme dados disponibilizados pela direção do Santuário, o fluxo médio de peregrinos no mês de maio, mês da romaria, tem sido em torno de quatrocentos mil peregrinos, tendo-se por base os anos de 2003 a 2017. A frequência média anual gira em torno de um milhão e meio de peregrinos, também com base no mesmo período.⁴

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a hospitalidade que é oferecida aos peregrinos que chegam ao Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, no município de Farroupilha/RS, por meio da Igreja católica. Como objetivos específicos buscou-se:

- a) descrever as percepções dos representantes da Igreja, que atuam e/ou atuaram na romaria, a fim de entender o sentido de hospitalidade oferecida pela Igreja;
- b) conhecer as principais ações que a Igreja católica realiza no acolhimento dos peregrinos, na romaria ao Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*;
- c) reconhecer as dificuldades que a instituição enfrenta no acolhimento dos peregrinos, na romaria ao Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*;

⁴ Ver Apêndice A – Visitas de Peregrinos ao Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, Farroupilha, RS, de 2003 a 2017.

d) analisar como o acolhimento oferecido pela Igreja católica contribui para o turismo religioso local.

O estudo fez uso de aparato conceitual que aborda a hospitalidade e o turismo religioso, para conhecer a percepção dos representantes da Igreja católica que atuaram e/ou atuam no Santuário, no período da romaria.

O estudo responde às seguintes questões norteadoras: O que a Igreja católica entende por hospitalidade? Como se dá o acolhimento pela Igreja católica aos peregrinos que participam da romaria? Como a romaria contribui para o fortalecimento do gesto de acolhimento por parte da comunidade local, e qual é a contribuição da romaria para o turismo religioso? A romaria se constitui um dos principais eventos religiosos do Sul do País, movimentando um número considerável de peregrinos anualmente.

2 JUSTIFICATIVA

Estudar a hospitalidade na romaria ao Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio* surgiu pela motivação de aprofundar o conhecimento na questão do acolhimento da Igreja católica oficialmente denominada “Igreja Católica Apostólica Romana”. O tema da hospitalidade dessa Igreja aponta para um desafio que parece constante e inspira a ser trabalhado com mais afinco diante de problemáticas levantadas em avaliações paroquiais, em nível diocesano, e em pesquisa realizada com pais de crianças em processo de evangelização, em uma comunidade urbana da região (SCHVARSTZHaupt, 2014), além de considerações divulgadas através de diretrizes de ação evangelizadora da Igreja, em nível nacional.

A escolha pelo campo da pesquisa relaciona-se ao fato de vincular-se com o turismo religioso, tendo em vista o grande fluxo de peregrinos que se deslocam o ano inteiro para o Santuário de *Caravaggio*, em Farroupilha. A data de 26 de maio é a que concentra a grande multidão de pessoas que, motivadas pela fé, realizam o percurso. Grande parte das milhares de pessoas fazem mais de uma dezena de quilômetros a pé, vindas das cidades vizinhas, com predominância de Caxias do Sul, como antes mencionado. Entretanto, o fluxo de peregrinos ao Santuário ocorre permanentemente, o ano inteiro, vindos de mais de oitenta países.⁵ Nos finais de semana, conforme dados estatísticos do Santuário, ocorre a presença de 7 a 10 mil peregrinos que visitam o local, participam das missas, do terço, de atendimento espiritual e beneficiam-se das demais estruturas que o Santuário oferece.

O Santuário constitui-se o lugar, a casa que acolhe em nome da Igreja católica e também é o mentor da complexa ação de planejamento da infraestrutura do evento das romarias. Os sacerdotes, através das celebrações, confissões e dos aconselhamentos, acolhem espiritualmente; religiosas⁶ e leigos moradores locais e das proximidades dedicam sua atenção e seu auxílio em diversas atividades, para que os peregrinos encontrem o essencial e façam

⁵ Países de procedência de peregrinos no período de 2003 a 2017: Afeganistão, África do Sul, Albânia, Alemanha, Angola, Antígua e Barbuda, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Bolívia, Burkina Fasso, Cabo Verde, Canadá, Caribe, Chile, China, Colômbia, Congo, Costa Rica, Cuba, Dubai, Egito, El Salvador, Equador, Eslováquia, Espanha, Estados Unidos, Etiópia, Filipinas, Finlândia, França, Gabão, Geórgia, Grã-Bretanha, Guatemala, Guiana Francesa, Haiti, Holanda, Honduras, Hungria, Ilha de Malta, Índia, Inglaterra, Irã, Israel, Itália, Japão, Jordânia, Líbano, Lituânia, Marrocos, Maurítânia, México, Moçambique, Mongólia, Nicarágua, Noruega, Nova Zelândia, Panamá, Paraguai, Peru, Polinésia Francesa, Polónia, Portugal, Quênia, República do Congo, República Dominicana, República Tcheca, Romênia, Rússia, Serra Leoa, Somália, Suécia, Suíça, Tailândia, Taiwan, Tanzânia, Ucrânia, Uruguai, Venezuela, entre outros. Dados informados pela direção do Santuário. (Organização da autora. Farroupilha, 2018).

⁶ O termo “religiosas” aqui empregado refere-se a pessoas do sexo feminino dedicadas à vida consagrada, assumida como uma resposta livre a um chamamento particular de Cristo, mediante entrega total a Deus para a perfeição da prática da caridade e que integram congregações religiosas.

sua experiência de fé. Nesse contexto incluem-se ainda as instituições públicas de segurança, saúde e de planejamento de mobilidade.

A Igreja católica tem a hospitalidade como uma de suas maiores virtudes, demonstradas ao longo da História e presentes em seu marco doutrinal. Nas origens da própria constituição do termo, que hoje temos como *hospitalidade*, está uma base fundada a partir do termo *hospital*, casa construída por congregações religiosas para dar abrigo a pessoas doentes abandonadas pela sociedade, desde os primeiros séculos do Cristianismo. Conhecemos essas instituições como *Santas Casas*. (GODI, 2011, p. 612). Em nosso País, a maioria dos hospitais tem sua origem na Igreja católica.⁷ Entretanto, atualmente, com necessidades mais complexas e demandas mais especializadas, dependem de outros recursos para dar conta do atendimento às pessoas menos favorecidas economicamente, como indica a Confederação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos. (CBM, 2018).

A justificativa da pesquisa, no plano teórico, é a aproximação da linguagem teológica à linguagem vivencial do mundo real. A práxis cristã não se basta no mundo das ideias, mas requer concretude, ou seja, que se alie fé e vida numa linguagem que aproxime os seres humanos. Um dos aspectos que se evidenciam essenciais, na questão do acolhimento, em se tratando da vivência comunitária, é o relacional. Não basta apenas dizer o que é necessário fazer para acolher, mas como fazer. A atitude de acolhimento reivindica a postura pessoal de cada ser humano, no sentido de dar atenção àquele que se aproxima. No espaço religioso, essa atitude é primordial e constitui-se uma das principais expectativas daquele que chega para o encontro, tendo em consideração seus anseios existenciais.

Os principais referenciais teóricos para tratar da hospitalidade têm suporte na literatura fundada nos autores Mauss (2003), Boff (2005; 2012), Baptista (2002; 2008), Correia (2014). Para o turismo religioso, os autores utilizados foram: Urry (2001), Valle (2006) e Cárdenas (2012). E, para abordar sobre a Igreja católica, foram utilizados Mattai (1993), Lakeland (2013) e documentos oficiais da doutrina eclesial, que tratam da religiosidade popular, devoção e peregrinação, com o intuito de aprofundar o conhecimento, no tocante ao acolhimento, principalmente, na dimensão espiritual.

⁷ No Brasil, as primeiras Santas Casas fundadas foram: as Santas Casas de Santos, SP (1543); Salvador (1549); Rio de Janeiro (1567); Vitória (1818); São Paulo (1599); João Pessoa (1602); Belém (1619); São Luís (1657), Campos (1792) e Porto Alegre (1803), entre outras. Destas derivaram outras entidades similares, como as Beneficências Portuguesas, os Hospitais Filantrópicos das comunidades judaica, japonesa, sírio-libanesa, ou mesmo ligadas a movimentos da Igreja católica, protestante, evangélica, espírita, entre outras, totalizando, até os dias atuais, cerca de 2.100 estabelecimentos de saúde espalhados por todo o território brasileiro. (CBM, 2018).

A Igreja aqui abordada “refere-se a toda a família religiosa, no caso a família da Igreja Católica Apostólica Romana, a qual inclui o santo e o não tão santo, o piedoso e o relativamente secular, os que frequentam a igreja regularmente e os católicos de Natal e de Páscoa”, como define Lakeland (2013, p. 17).⁸

Na avaliação de Lakeland, a carta conciliar Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG)⁹ (PAULO VI, 1964) constitui-se o documento que apresenta a exposição mais autorizada da Igreja sobre eclesiologia dos tempos recentes e talvez de sempre. O documento ratifica três significados inseparáveis para se concebera *Igreja*. São eles: o povo que Deus reúne no mundo inteiro; existe nas comunidades locais; e se realiza como assembleia litúrgica, acima de tudo eucarística, que vive da Palavra e do Corpo de Cristo e ela mesma se torna assim Corpo de Cristo. Assim sendo, a Igreja é ao mesmo tempo “sociedade provida de órgãos hierárquicos e Corpo Místico de Cristo; assembleia visível e comunidade espiritual; e Igreja terrestre e Igreja enriquecida de bens celestes”. (LG, n. 8). Estas dimensões constituem junto “uma só realidade complexa, em que se funde o elemento divino e humano”. (LG, n. 8).

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG),¹⁰ o Papa Francisco (2013) define:

Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de ter respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho. (FRANCISCO, 2013, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 114).

A articulação dessas dimensões, em que o humano e o divino buscam se tocar, foi a causa motora inicial deste estudo, na pretensão de entender as dificuldades presentes entre o discurso feito pela Igreja como instituição, a ação da Igreja constituída por aqueles que se identificam com a fé por ela professada e a proximidade entre a doutrina pregada e a prática vista sob a expectativa do peregrino.

A proposta inicial buscava identificar como o peregrino se sentia acolhido no Santuário, o que ele buscava e se a visita havia proporcionado a realização de sua busca, entre

⁸ O termo *igreja*, com grafia em minúsculo no meio da frase, diz respeito ao local, o edifício em que os cristãos católicos realizam seu culto. “Igreja”, com i maiúsculo, designa suas três dimensões inseparáveis (assembleia litúrgica, comunidade local e comunidade universal dos crentes. (CIC. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 752).

⁹ *Lumen Gentium* traduz-se por *A luz dos povos*. É importante mencionar que a luz a que o texto se refere é Cristo. A Igreja, dizem os padres conciliares, reflete essa luz no mundo.

¹⁰ *Evangelii Gaudium* traduz-se por *Alegria do Evangelho*. O documento trata do anúncio do Evangelho nos dias atuais.

outras questões. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa exploratória,¹¹ com perguntas abertas, na romaria de maio de 2016, nos dias 26, 27, 28 e 29.

A referida pesquisa foi constituída por 62 peregrinos, abordados aleatoriamente, em pontos estratégicos, no entorno do Santuário, nos quais se evidenciava terem já realizado a experiência da visita. Em síntese, as respostas relativas às questões mencionadas indicaram que cem por cento dos peregrinos entrevistados foram acolhidos além de suas expectativas; a maioria foi manifestar gratidão por graças alcançadas; outros foram pedir por saúde, trabalho, paz, entre outros pedidos. A maioria dos peregrinos respondeu ter encontrado grande paz e sentiu-se realizada com a visita, que ainda teria fortalecido o desejo de voltar sempre em busca de renovação de vida.

Ao avaliar a possibilidade de realizar o presente estudo, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, a proposta inicial foi reformulada para que apenas abrangesse a hospitalidade na visão da Igreja. Dessa forma, para a realização da pesquisa, primeiramente foi feito um contato prévio com autoridades da Igreja católica que atuam no Santuário, buscando viabilizar seu desenvolvimento. A pesquisa foi bem aceita, assim como houve manifestação de interesse pelos resultados da investigação.

O estudo pretendeu fundamentar, através da base teórica, o conhecimento sobre o tema definido a partir de relatos coletados, em forma de entrevistas, com sujeitos que tiveram envolvimento com a romaria, em diversas épocas: bispos, sacerdotes, religiosas, agentes de pastoral e moradores da comunidade do Santuário. A partir dos dados coletados, analisou-se como se dá a prática da hospitalidade da Igreja católica e como a mesma pode contribuir para o desenvolvimento do turismo local.

¹¹ Ver Apêndice B – Questionário. Pesquisa exploratória na romaria a *Caravaggio* realizada pela autora em maio de 2016.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO

A hospitalidade vem ocupando um lugar de evidência no campo da discussão filosófica e científica, originado pelas adversidades decorrentes da globalização, as quais provocam migrações humanas, violência de tribos e vizinhos mais fortes diante do caos econômico e da miséria, nos países mais fragilizados economicamente. (BOFF, 2005). No Brasil, nas últimas décadas, observou-se o fenômeno do regresso aos países de origem ou, ao menos, a busca pela dupla nacionalidade pelos descendentes desses migrantes. E, em nível mais amplo, observa-se a preocupação com a homogeneização de hábitos e costumes, fatores que geram o esvaziamento de rituais que regem o vínculo social e marcam a identidade dos povos.

Mauss (2003), em estudos realizados com civilizações da Polinésia, Melanésia, noroeste americano, observou que as trocas e os contratos se realizavam sob a forma de presentes, obrigatoriamente dados e retribuídos. Em tais fenômenos, exprimiam-se simultaneamente, e de forma complexa, as diversas instituições religiosas, jurídicas, morais, econômicas, estéticas e morfológicas. Mauss observou existir um triplice dever constituído no *dar-receber-retribuir*. Nesse dever, constituía-se intrínseca uma regra de direito e de interesse, que fazia com que o presente dado devia obrigatoriamente ser retribuído. Ao mesmo tempo, havia uma força na coisa dada que fazia com que o donatário a retribuísse. Mauss constatou que há uma noção de hospitalidade que começa com uma dádiva. Essa noção de relação de troca dá sinais de que não se limita à dinâmica das sociedades arcaicas. Essas leis não escritas da hospitalidade continuam a se exprimir com força na hospitalidade doméstica atual.

Nas economias e nos direitos que precederam os nossos, Mauss identifica que as trocas e os contratos ocorriam entre as pessoas morais: clãs, tribos e famílias, por intermédio de seus chefes e não individuais. As trocas que realizavam não eram exclusivamente bens e riquezas, mas sim amabilidades, banquetes, ritos, danças, festas, entre outros. Mauss (2003, p. 198) também observou que as propriedades, rigorosamente ditas pessoais, possuem um poder espiritual. “Se o presente recebido, trocado, obriga, é que a coisa recebida não é inerte. Mesmo abandonada pelo doador, ela ainda conserva algo dele.” Daí o entendimento de que o presente é animado pelo espírito que acompanha o detentor. O autor vê que, em sua essência, essa força animadora se prende aos usuários até que estes retribuam com seus próprios

presentes, ou seja, suas propriedades ou trabalho. Isso se efetiva em atos como banquetes, festas, presentes; em expressões que equivalham ou em valor superior. Tais atos proporcionam aos doadores autoridade e poder sobre o primeiro doador, de forma que a ideia dominante parece guiar a circulação obrigatória das riquezas, dos tributos e das dádivas. Tal fato evidencia dois sistemas importantes de fenômenos sociais: o primeiro, a natureza do vínculo jurídico criado pela transmissão de uma coisa, que identifica-se como um vínculo de direito, um vínculo pelas coisas, ou seja, *um vínculo de almas*, pois a própria coisa teria uma alma; e o segundo, a natureza da troca por dádivas, como presentes, graças, bênçãos, proteções, favores.

Avançando na ideia de troca relacional, Binet-Montandon (2011) analisa que, se podemos assimilar acolhida e hospitalidade a ponto de torná-las sinônimas, numa perspectiva antropológica, a acolhida pode distinguir-se da hospitalidade não somente do ponto de vista do tempo, mas dos códigos e dos sistemas de normas que a regem, tendo, por um lado, o instante da acolhida e, por outro, as leis da hospitalidade.

A hospitalidade implica a acolhida como momento inaugural do encontro; mas se a hospitalidade supõe sempre a acolhida, uma resulta de uma lei superior da humanidade, um direito natural, um princípio ético inalienável e sagrado, a outra se traduz em modalidades práticas particulares segundo as formas jurídicas e políticas próprias a cada Estado. (BINET-MONTANDON, 2011, p. 1173).

Num sentido de levar em conta as profundezas do ser humano, Nouwen (1999) aborda que a hospitalidade espiritual se constitui um grande desafio na vida humana. O autor considera que escutar é um gesto difícil, pois exige alto grau de estabilidade interior da parte de quem escuta, a ponto de não mais precisar provar ou justificar, por meio de discursos, argumentos, afirmações ou declarações. Os verdadeiros ouvintes não têm mais a necessidade interior de fazer sua presença conhecida. Eles são livres para receber, dar boas-vindas e aceitar. “A escuta é muito mais que permitir que o outro fale enquanto se espera por uma chance de responder. Implica prestar atenção aos outros e recebê-los no interior de nosso ser.” (NOUWEN, 1999, p. 99). A virtude do escutar reside no fato de que os que são ouvidos começam a se sentir aceitos e a levar suas palavras mais a sério e a descobrir quem eles realmente são.

Para Nouwen, a escuta é uma forma de hospitalidade espiritual pela qual se convida estranhos a se tornarem amigos, a conhecerem seu interior mais plenamente e mesmo a ousar permanecerem em silêncio mediante sua presença.

A escuta na vida espiritual é muito mais que uma estratégia psicológica para ajudar os outros a se descobrirem. Na vida espiritual, o ouvinte não é o ego que gostaria de falar mas é treinado a se conter, e sim o espírito de Deus dentro de nós. Quando somos batizados no Espírito – isto é, quando recebemos o Espírito de Jesus como o sopro de Deus soprando dentro de nós – esse Espírito cria em nós um espaço sagrado em que o outro pode ser recebido e escutado. O espírito de Jesus ora escuta em nós e a todos aqueles que vêm até nós com seus sofrimentos e dores. Quando ousamos confiar plenamente no poder do Espírito de Deus que escuta em nós, veremos a verdadeira cura acontecer. (NOUWEN, 1999, p. 100).

O gesto de escutar requer espírito de generosidade. Para poder escutar é preciso inspirar segurança, pois uma pessoa só se abre a alguém quando tem a certeza de que esta irá respeitar o segredo. Vanier (1995) declara ser a confiança um dos aspectos essenciais da escuta. Para o autor, escutar é saber respeitar as fraquezas, os sofrimentos do outro, e não divulgá-los a ninguém.

Acolher é símbolo de verdadeira maturidade humana e cristã e significa não apenas abrir a porta e a casa para alguém, mas sim dar-lhe espaço no coração, para que esse alguém possa existir e crescer, um espaço em que ele possa sentir-se aceito do jeito que é, com suas feridas e dons. Para isso, é preciso que exista, no coração de quem acolhe, um lugar silencioso e tranquilo em que os outros possam repousar. E o requisito para ocorrer esse acolhimento é que o coração esteja em paz. Uma comunidade que expressa amorosidade torna-se atraente e, porque atrai, conseqüentemente é acolhedora. (VANIÉR, 1995).

Para Correia (2014), a hospitalidade revela-se um dos caminhos para a construção da identidade cristã na comunidade de fé, se constitui testemunho eloquente para os de fora e cria um ambiente caloroso para os de dentro. Correia considera que, em todas as civilizações, a história da relação das pessoas, de grupos e povos registra muitos momentos de hospitalidade e de hostilidade, bem como se manifesta a importância e o valor que cada sociedade deu e dá à pessoa humana. Conforme o autor, não há civilização que se construa à margem da sociedade e observa que, em diversos textos bíblicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, há referências à hospitalidade, que sempre a promove e aconselha, mesmo que por vezes também aconselha prudência no seu exercício, como, por exemplo, no Livro da Sabedoria 11, 29-34; 29:21-28, 1983. (CORREIA, 2014).

Boff (2005) compreende a hospitalidade como uma virtude. Para o autor, as virtudes constituem o mundo das excelências e dos valores, com um apelo utópico, o de potencialidade para transportar a pessoa humana a horizontes mais abertos. A hospitalidade de uns com os outros é base nos dizeres das escrituras judaico-cristãs, com o fundamento de que “todos somos hóspedes nesta terra e não temos aqui morada permanente.” (p. 14). Boff (2012), compreende que a hospitalidade é por excelência a virtude dos nômades, migrantes e

peregrinos. Considera que, de certa maneira, todos somos peregrinos e de alguma forma merecedores de hospitalidade. Sem hospitalidade, as pessoas, as comunidades e os povos não alimentam a reciprocidade entre si nem reforçam o laço de paz e de amizade entre eles.

Boff remete a Thomas Kuhn e Fritjhof Capra que teorizam sobre o processo criativo, ao introduzirem no debate a questão da mudança de paradigmas e reconhece estar emergindo um outro tipo de percepção da realidade. Ao paradigma do inimigo e do confronto é necessário contrapor o paradigma do aliado, do hóspede e do comensal. Há um caminho a percorrer: “Do confronto devemos passar à conciliação e da conciliação chegar à convivência e da convivência à comunhão e da comunhão à comensalidade.” (BOFF, 2005, p. 30).

Nesse sentido, a prática das virtudes da hospitalidade, da convivência, da tolerância e da comensalidade fornece a base para um futuro de esperança com novos valores, novos sonhos, nova forma de organizar arquitetonicamente os conhecimentos, novo tipo de relação social, nova forma de dialogar com a natureza.

Acentuando o aspecto da virtude, “a hospitalidade pode ser entendida como uma das expressões de cuidado.” (BOFF, 2012, p. 209). O cuidado transformado em hospitalidade pode salvar vidas ameaçadas e transformar pessoas. O cuidado abrange mais que um momento de atenção e de zelo, representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo com o outro. Boff explicita que cuidar é mais que um ato, é uma atitude. A atitude é uma fonte que gera muitos atos que, por sua vez, expressam o proceder de fundo. Na atitude do cuidado está inserido um amplo envolvimento nos aspectos material, pessoal, social, ecológico e espiritual.

Boff observa que “o cuidado somente surge quando a existência de alguém é importante para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seu sofrimento e de seus sucessos, enfim, de sua vida”. (BOFF, 2012, p. 103). Para o autor, o cuidado significa desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato, e sua atitude pode provocar preocupação, inquietude e sentido de responsabilidade.

Nesse sentido, Mortari (2018) sustenta que o agir que cuida é guiado pela intenção de buscar o que faz bem à vida. A atitude de estar à procura do que faz bem; é o mesmo que dar uma orientação ética para a existência. Assim sendo, “o que desencadeia a ação do cuidado é o interesse pelo outro, entendendo o interesse não como curiosidade, mas como *inter-ser*, ou seja, um olhar voltado ao outro movido pelo sentir-se em conexão com o outro”. (MORTARI, 2018, p. 100). No núcleo ético do cuidado, abordado pela autora, estão o sentir-se responsável pelo outro, o agir com generosidade e o aproximar-se do outro com reverência. Já o concretizar-se da essência do cuidado envolve a intenção de buscar benefício ao outro tendo

como princípio a benevolência como sua matriz geradora, a qual envolve o prestar atenção, o escutar, o estar presente com a palavra, o compreender, o sentir com o outro, o estar presente numa proximidade distante com delicadeza e com firmeza.

Pensando a hospitalidade num contexto mais abrangente, Boff (2005) aborda a hospitalidade como paradigma para um outro mundo possível e destaca a importância do uso da narrativa mítica para sua melhor compreensão, pois a narrativa é viva, perpassada de emoção e possui um enredo que revela o sentido das coisas narradas. Embora use conceitos, a narrativa não se constitui algo meramente conceitual, mas sim envolve a dimensão afetiva e obedece à lógica dos sentimentos. Os seres humanos passam por experiências fundamentais que determinam a estrutura e o sentido da vida. Essas experiências se apresentam tão significativas que a linguagem, simplesmente, e o uso de conceitos abstratos não conseguem expressá-las. A narrativa de estórias contribui para conservar o registro dessas experiências proveitosas. O mito conta, explica, revela e conduz ao mais profundo das reservas psíquicas da humanidade, ocasionando um elo com o sentido da experiência humana, sejam quais forem as raízes culturais ou religiosas ou nossa psicologia pessoal.

Boff (2005) considera a hospitalidade nas dimensões incondicional e condicional. Para o autor, a hospitalidade envolve ainda dimensões humanas, tais como: a sensibilidade, a compaixão, a acolhida, o convite para sentar-se, o oferecer água fresca, o dar de comer, o servir superabundantemente, o oferecer tudo incondicionalmente. A sensibilidade na ajuda ao outro é tomada pelo autor como base para a hospitalidade. Boff profere que, “se no Ocidente encontramos o veneno que mata a hospitalidade, encontramos nele também seu antídoto: a centralidade do ‘outro’ proposto ininterruptamente pela tradição bíblica”. (BOFF, 2005, p. 147). Nessa perspectiva, a acolhida traz à luz a estrutura básica do ser humano e traz a evidência de que nossa existência acontece porque, de uma forma ou de outra, fomos acolhidos. Para Boff, o pior sentimento é sentir-se rejeitado e excluído.

Ao considerar a hospitalidade como relação, Baptista (2002, p. 157) a define como “um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro”. Através da relação de proximidade se torna possível abraçar verdadeiramente a aventura da descoberta, da realização e de superação de nós mesmos. Dessa forma, a hospitalidade apresenta-se como experiência fundamental construtiva da própria subjetividade e através da qual deve ser potenciada em todos as suas modalidades e nos contextos da vida.

Baptista (2008) aborda a dimensão ética da hospitalidade e evidencia a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade, nos quais podem surgir a consciência de um destino

comum e o sentido de responsabilidade capazes de motivar a ação solidária. Salienta que sem a capacidade de sermos tocados, física e espiritualmente, pelos acontecimentos que expõem a vulnerabilidade do outro, qualquer esforço racional torna-se inútil. Recorre à memória de tragédias humanas que continuam a marcar nosso tempo e argumenta que a hospitalidade permite que a sensibilidade humana se torne possível, em virtude de ser uma experiência de contato e de relação. A hospitalidade, portanto, permite romper com o ciclo egoísta, a partir do momento em que outrem faz sua entrada na esfera do mesmo. Dessa forma, o egoísmo só é possível como consciência e escolha deliberadas e não mais como egoísmo inocente.

Lugares de hospitalidade são definidos por Baptista (2008) como lugares abertos ao outro, que envolvem o lugar de residência, a paisagem envolvente, as cores, os sons e os cheiros da rua ou do bairro, as narrativas da *nossa gente*, as tradições e os hábitos de *nossa comunidade*. Entende que esses ingredientes funcionam como caldo de humanidade que fecunda a singularidade subjetiva e faz a identidade dos lugares. A humanização do espaço o transforma em *lugar* e pressupõe o respeito pela hospitalidade do próprio mundo natural e se constitui em solo de enraizamento temporal, de sustento e de fruição. Por essas características, não deve ser visto como um recurso inesgotável. Baptista (2008, p. 6) afirma que “a verdadeira riqueza ou identidade dos lugares não está em suas potencialidades materiais, mas sim na forma como são apropriados, percebidos, desfrutados, amados e, sobretudo, partilhados”.

Esta autora (2008) considera ainda que, nessa relação de partilha, as coisas do mundo transformam-se em conteúdos de interação e adquirem valor e sentido, numa relação em que, *dando, trocando e retribuindo* coisas, as pessoas vão alimentando uma cadeia relacional que transcende a simples circulação e permuta de bens, conforme o observado por Mauss (2003). A hospitalidade implica uma ligação afetuosa com o mundo habitado. Nesse sentido, “a identidade pessoal alimenta-se de laços de enraizamento temporal e estes carecem da vinculação a um ambiente natural, cultural e relacional, e portanto a um território de referência”. (BAPTISTA, 2008, p. 8).

Baptista aprofunda que as formas de organização territorial influenciam os estilos de pertença comunitária e têm a força de condicionar decisivamente as trajetórias de vida e interação social. Por outro lado, a interpelação de alteridade humana anima a bondade ou capacidade para o dom de si mesmo. A autora compreende que, no sutil excesso de hospitalidade, emergem os atos que exprimem a sociabilidade humana, em que a bondade reside no fato de “nos darmos a nós mesmos e onde um sopro de bem faz transbordar a

devoção familiar, a amizade, a obrigação profissional e a responsabilidade cívica”. (BAPTISTA, 2008, p. 8).

Grinover (2009) desenvolve a compreensão de que a hospitalidade integra as leis superiores da humanidade e favorece a inclusão do outro num espaço próprio de saberes. O autor provoca-nos a considerarmos a hospitalidade clássica, em seu sentido histórico do termo, na ideia que consistia em satisfazer as necessidades básicas e necessárias de segurança, e em certos casos, de conforto e de afeto de pessoas se deslocando por meio de uma relação gratuita. Nesse contexto, “a noção de lugar de hospitalidade implica um território e uma relação proxêmica¹² que juntos fazem da hospitalidade um arranjo institucionalizado”. (GRINOVER, 2009, p. 7). Esse conjunto de regras proporciona configurações singulares e particulares à hospitalidade.

O autor observa que, na contemporaneidade, as pessoas escolhem lugares, estilos, imagens, códigos e os combinam de acordo com suas próprias experiências pessoais. Ao transferir esse conceito à hospitalidade, esta segue os comportamentos humanos e fragmenta-se em tantas hospitalidades quanto os códigos, as imagens e as experiências urbanas, e subverte o conceito clássico consolidado. Observa que o caráter cada vez menos público dos espaços urbanos sugere que estes estejam sendo, cada vez menos, visualizados como espaços efetivos de pertencimento.

No sentido de organização coletiva e senso de comunidade, a ideia de hospitalidade aparece como base estruturante de laços sociais, que contribuem para melhor convivência e desenvolvimento. Putnam (1993) e colaboradores empreenderam uma pesquisa na Itália, entre 1970 e 1989, através da qual mapearam e estudaram as características que distinguiam as diversas regiões daquele país. Observaram que regiões situadas mais ao Norte tiveram um desenvolvimento superior às do Sul, embora as condições básicas e o governo eram os mesmos para todo o país. Os melhoramentos ocorreram graças a um contexto social que forjou laços horizontais e ligações sólidas com vistas à solidariedade que, por sua vez, gerou fundamentos cívicos nessas comunidades. Além disso, os pesquisadores notaram que o regime de gestão comunal medieval do Norte vem se manifestando, até hoje, sob a forma de empenho civil, responsabilidade social e mútua assistência. Entre as localidades que compõem a Região Norte está a região do Vêneto, onde observaram ser caracterizada por

¹² A tese, proxêmica, abordada por Grinover, sustenta a ideia desenvolvida por Edward Hall, na década de 50, do século XX, de que o comportamento humano estava relacionado ao espaço físico e, em tal sentido, a comunicação entre os sujeitos se encontrava vinculada ao comportamento espacial por meio de códigos “silenciosos”. (GRINOVER, 2009, p. 7).

expressiva presença de católicos, enquanto não ocorria o mesmo nas regiões mais ao Sul. É importante ressaltar que dessa região veio grande parte dos imigrantes italianos, que se estabeleceram em Farroupilha/RS, nas últimas três décadas do século XIX.

A hospitalidade alimenta-se de uma união entre diversos elementos. Há de se considerar que a hospitalidade primeiramente emerge de uma condição espiritual antes que material, embora se alimentem e complementem. A hospitalidade, ou não, traz suas raízes de comportamentos originados na própria sociedade, e sua prática pode constituir-se caminho para a construção de uma condição social, em que ocorra mais sinais de justiça e solidariedade. Compreendida como uma das maiores virtudes, a hospitalidade constitui-se base para um futuro de esperança, um novo paradigma de comportamento que envolve relação interpessoal e espaços de convivialidade que motivem e gerem espírito altruísta.

3.1.1 O ritual da hospitalidade

A hospitalidade envolve uma ritualidade que se constitui um conjunto de comportamentos simbólicos repetidos. Para Eliade (2001), nas religiões primitivas e arcaicas, a repetição de gestos divinos justifica-se como “imitação”. O autor aponta o calendário sagrado como um referencial, que repete anualmente as mesmas festas, ou seja, comemora os mesmos acontecimentos míticos. Na prática, o rito representa um eterno regresso de um número limitado de gestos divinos, num retorno periódico dos acontecimentos primordiais que reatualizam os acontecimentos míticos. Nessa perspectiva, Eliade interpreta que o ser humano religioso reencontra a possibilidade de transfigurar sua existência a cada reatualização, tornando-a semelhante ao modelo divino. Graças a este eterno retorno às fontes do sagrado e do real a existência humana parece salvar-se do nada e da morte, dando-lhe assim significado.

Montandon (2016) vê no gesto inicial da hospitalidade uma transgressão ritualizada de atravessar um limiar. O limiar é a linha de demarcação de uma intrusão, pois a hospitalidade é intrusiva, comporta intrinsecamente um lado de violência, de ruptura, de transgressão ou até mesmo de hostilidade, ao que Derrida chama de *hostipitalidade*. A invasão do domínio do *outro* é um problema tanto de espaço pessoal quanto de propriedade. No gesto da hospitalidade, primeiramente, está o afastar a hostilidade latente, que tende a estar presente em qualquer ato de hospitalidade, pois o hóspede, o estrangeiro, é seguidamente visto como reservatório de hostilidade, seja ele como for, pois tende sempre a representar uma ameaça.

Camargo (2015) identifica esse ritual como complexo e descreve que a cena da hospitalidade envolve um jogo de distâncias e proximidades que entretencem as pessoas no espaço e indicam os modos pelos quais umas se movem em relação às outras. A distância maior ou menor que se guarda do anfitrião ou de outro convidado pode mostrar afabilidade, interesse ou, inversamente, tédio e mau humor. As falas entre os atores são mais ou menos estudadas, dependendo da intimidade dos atores, porém algumas sempre serão rituais e obrigatórias, consagradas no ritual da própria língua: *dá licença, desculpe, por favor* e, acima de tudo, *obrigado*. (CAMARGO, 2015).

Para Camargo, a cena hospitaleira é definida por uma troca de dádivas e contradádivas. O convite feito ou o pedido de acolhimento aceito é uma primeira dádiva do anfitrião. A contradádiva do hóspede expressa-se pela resposta do anfitrião, que reconhece com gratidão sua presença. A nova contradádiva do anfitrião é demonstrada pela promessa de comensalidade e entretenimento. A comensalidade se constitui no ponto principal da cena, que inclui o melhor da comida e bebida. O gesto de confraternizar entre si e proporcionar esta experiência é a maior dádiva do anfitrião. A dádiva é a oferta da hospedagem, no espaço que lhe é reservado. Cabe ao anfitrião circunscrever o espaço que o hóspede deverá transitar, e a este cabe respeitar a regra de ocupação de espaço.

O convite, a acolhida, a caridade, a solidariedade parecem ser formas aproximadas e derivadas de uma forma inicial de hospitalidade. Num gesto de compensação, a hospitalidade implica a penetração num espaço e a instalação de um ritual de acolhida. O espaço a ser penetrado pode ser um espaço geográfico ou um espaço psíquico, que compreende a penetração num território, que pode ser o do outro. O gesto de hospitalidade não é nem confortável nem espontâneo; entretanto, é ao mesmo tempo condicional e incondicional, profano e sagrado.

Nouwen (2011) refere que a hospitalidade implica, em primeiro lugar, criar um espaço livre no qual o estranho possa entrar e tornar-se amigo, em vez de inimigo. Para Nouwen (2011, p. 69), “o paradoxo da hospitalidade é que ela deseja criar o vazio, não um vazio temeroso, mas um vazio amistoso no qual os estranhos podem penetrar e descobrir a si mesmos”. Nessa perspectiva, a hospitalidade não é mudar as pessoas, mas oferecer a elas um espaço no qual a mudança pode acontecer.

Bertrand (2011, p. 1.295), por sua vez, traz um outro elemento ao acolhimento: o sorriso. Para a autora, “rir para alguém ou sorrir-lhe é acolhê-lo com benquerença”. O gesto de rir e sorrir pertencem aos ritos de acolhida não verbais e acompanham todo um gestual que visa a expressar boas-vindas. A contrapartida *rir de alguém* é dar prova de sentimentos

negativos, que implicam distância e rejeição do outro. Sorrir para a pessoa que se recebe é colocar o encontro sob indicadores favoráveis. Bertrand expressa o alcance da acolhida espiritual ilimitada ligada ao riso. Para o autor, na mística cristã o riso se traduz também num estado de regozijo, que ultrapassa o poder das palavras e manifesta um estado de comunhão fusional com Deus. A autora ainda observa que há uma ambivalência do riso em relação à hospitalidade, pois o mesmo pode ser fator de integração ou de exclusão. Entretanto, o senso de hospitalidade se limita a formas civilizadas deste rito.

3.2 TURISMO RELIGIOSO E PEREGRINAÇÃO

Há algumas décadas, o turismo tem representado um importante fator na economia mundial, fenômeno que está associado aos avanços tecnológicos, transportes, à informação, fusão de mídia e ao volume expressivo de negócios e recursos. Para o Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (CPPMI, 2001, n. 4), a indústria turística se transformou em uma das mais significativas forças econômicas em todo o mundo, ocupando o primeiro lugar em alguns países.

Ao longo da História, os povos desenvolveram diferentes meios pelos quais buscam alcançar um elo entre o mundo material e o mundo espiritual. Nesse contexto, mostra-se a espiritualidade intimamente relacionada à religião. Manifestações espirituais foram incorporadas em atividades, como a arte, composições musicais, construções arquitetônicas, representações teatrais, entre outras. Os espaços naturais também serviram como ligações entre o homem e a divindade. Essa tem sido a razão pela qual montanhas, lagoas, rios, entre outros, foram considerados sagrados.

As viagens por razões religiosas têm a característica de rememoração de uma tradição milenar de viajar do local de residência para outro lugar considerado *numinoso*¹³ e que representa ao viajante um elo com o sagrado na Terra. Para Cárdenas (2012), esse fenômeno, comum a várias religiões, deu origem ao turismo religioso, que pode ser entendido como finalidade específica de conhecer lugares diferentes, porém com uma atitude e disposição especial para ir a lugares de reunião de culto, locais de propósito de fé, não apenas como alguém que vai como espectador, mas que vai com a necessidade de viver uma experiência de encontro com Deus e uma experiência de fé.

¹³ Estado de vivência que o ser possui acerca de questões sobrenaturais, geralmente sagradas, transcendentais ou de divindade, comportando-se e sendo influenciado por essas questões.

Nesse sentido, o turismo religioso se caracteriza por ser um movimento de pessoas em direção a um centro, a um lugar geográfico que entendem como um lugar sagrado, um lugar de encontro com Deus.

Assim, a espiritualidade, associada ao turismo religioso, tem uma série de manifestações que ultrapassam a mera presença do peregrino em frente a uma imagem, em um santuário ou lugar sagrado, ao retorno à natureza, à vida nômade como um transeunte. No momento em que as pessoas se deslocam de um lugar para outro por razões religiosas, espirituais, econômicas, etc. demonstram a atratividade da vida ao ar livre, o contato direto com a natureza, em que o tempo abstrato é inventado e somente o tempo religioso permanece. Tais momentos oportunizam um tempo de celebração e de fraternidade entre as pessoas, em que ocorre a oportunidade de compartilhar o que se tem e mesmo o que não se tem. Esses elementos provocam a atração em torno da invocação do objeto devocional, do lugar sagrado, para tantas pessoas de diferentes ideologias e crenças. (CÁRDENAS, 2012).

No que concerne ao fenômeno das peregrinações, Cárdenas (2012) avalia que, apesar de serem uma das mais antigas razões para viagens e, portanto, para o turismo, o tema do turismo religioso tem sido pouco abordado por estudiosos do assunto. O autor avalia que a maioria das pesquisas existentes foi realizada a partir da antropologia e sociologia, mas raramente pelo olhar do turismo; os que se aventuraram a isso foram geógrafos, principalmente, e economistas, mediante alguns estudos de economia aplicada e planejamento urbano.

Cárdenas (2012) desenvolve uma proposta metodológica para investigar o turismo no campo da espiritualidade. O turismo espiritual é uma denominação recente, para se referir a um segmento de turistas que busca, através de seu deslocamento, ter um encontro espiritual, que pode ser religioso ou não. O autor defende que o turismo espiritual e o turismo religioso não são sinônimos e, portanto, torna-se necessário fazer sua definição de forma independente.

O turismo espiritual, dada sua própria conceituação, inclui qualquer tipo de manifestação, de modo espiritual, enquanto o turismo religioso considera apenas o que está relacionado à religião institucionalizada. Cárdenas utiliza um raciocínio matemático, com base na teoria dos conjuntos, e estabelece que o turismo religioso trata-se de um subconjunto do turismo espiritual, que por sua vez é um subconjunto do turismo. Dentro desse conceito, se o turismo religioso inclui aquele associado à religião institucionalizada, a arte religiosa por sua vez é, portanto, um subconjunto dele. (CÁRDENAS, 2012).

Beni (1998) interpreta o turismo como um sistema aberto que realiza trocas com o meio onde está inserido. Nessa perspectiva, o autor revela que o sistema pode ser entendido

como um conjunto de partes que interagem, para atingir determinado objetivo, destacando ainda que a elaboração do sistema possibilita uma visão do todo, ao invés de somente as partes. Assim sendo, oferece aspectos constituídos pelo conjunto das relações ambientais, da organização estrutural e das ações operacionais, cada um com seus subsistemas, que se apresentam de forma relacionada.

Para Urry (2001), o turismo está relacionado às práticas de afastamento, nas quais ocorre uma ruptura limitada com rotinas e práticas bem-estabelecidas da vida diária, a qual permite abertura dos sentidos para um conjunto de estímulos que contrastam com o cotidiano e o mundano. Considera que, embora tenha ocorrido uma variação histórica e sociológica a respeito do turismo, existem características mínimas das práticas sociais que, por questões de conveniência, são descritas como *turismo*. Sustenta que os relacionamentos turísticos surgem de um movimento de pessoas para várias destinações, e sua permanência nelas envolve deslocamento através do espaço e um período de estada, em um lugar ou lugares novos. Esses períodos de permanência em outros lugares caracterizam-se por serem breves e de natureza temporária, com a clara intenção de voltar para casa, dentro de um período relativamente curto. Os lugares escolhidos se prendem a motivações e expectativas, por meio de abstrações e da fantasia em relação a satisfações intensas, que envolvem sentidos diferentes dos vivenciados habitualmente.

Ao traçar um olhar histórico sobre o turismo na relação com o religioso, Urry destaca que, nos séculos XII e XIV, as peregrinações eram um amplo fenômeno praticado e sistematizado pela presença crescente de redes de hospedarias para viajantes, mantidas por religiosos e principalmente impulsionadas pela cultura das *indulgências*. Já o século XV foi marcado pelas excursões organizadas que iam de Veneza à Terra Santa. (URRY, 2001). O autor afirma que existe normalmente um processo de sacralização que torna um determinado artefato, natural ou cultural, em um objeto sagrado do ritual turístico. Nesse processo, estão envolvidos estágios, tais como: a paisagem, o enquadramento e a elevação, a veneração, a reprodução mecânica do objeto sagrado e a reprodução social pelo seu prestígio. Prossegue, tomando emprestada a análise que Turner (1973; 1974 apud URRY, 2001) realizada sobre os peregrinos, ao constatar que importantes ritos de passagem ocorrem entre um estágio e outro.

O primeiro deles é a separação social e espacial do lugar normal de residência e dos laços sociais convencionais; o segundo é a liminaridade, onde o indivíduo encontra-se em uma “antiestrutura... fora do lugar e do tempo” – os laços convencionais são suspensos, é vivenciada uma “*communitas*”, na qual as ligações são intensas e ocorre uma experiência direta do sagrado e do sobrenatural; o terceiro é a reintegração, em que o indivíduo é reintegrado ao grupo social anterior,

habitualmente em um *status* social mais elevado (URRY, 2001, p. 26, grifos do autor).

Urry observa que, embora essa análise se aplique às peregrinações, também são passíveis de aplicações no turismo. A exemplo do peregrino, o turista desloca-se de um lugar familiar para um lugar distante e após regressa ao lugar anterior. “No lugar distante, não só o peregrino, como também o turista se entregam à *veneração* de santuários que são sagrados, embora de modo diferente e, como resultado, obtêm algum tipo de experiência enaltecida.” (2001, p. 26).

Num contexto amplo, no qual está incluído o religioso, o turismo, nos dias atuais, é visto como um fato social e econômico, em que milhões de pessoas se deslocam anualmente, dentro do próprio país ou em direção a outros países. Além das pessoas que se deslocam, a atividade turística envolve uma multidão de pessoas que vivem do turismo, participando dele com múltiplas funções, ou como residentes dos lugares que atraem turistas. (CPPMI, 2001, n. 2).

Em numerosos países, o turismo se constitui um fenômeno *de massa*, e em outros, está iniciando ou em crescente desenvolvimento. A forma como está sendo realizado, e com os recursos disponíveis atualmente, sua operacionalidade coloca em contato recíproco pessoas de todas as civilizações e religiões. (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1969, n. 1).

Além das viagens, há diferentes movimentos em curso em nosso tempo, como o nomadismo, em que principalmente os jovens deixam seus locais de origem para conhecer o mundo, em busca de aventura e horizontes mais amplos, e as migrações, quando as pessoas deixam sua terra por razões de necessidade e/ou sobrevivência. As romarias, por sua vez, constituem diferentes tipos de movimentos de mobilidade, algumas ligadas a buscas profundamente religiosas e outras indistinguíveis do turismo, porém constituem um dos maiores movimentos de viagens de todos os tempos. (RIEGER, 2014).

Com o Diretório Geral para a Pastoral do Turismo, *Peregrinans in terra*, em 1969 a Igreja católica expressou sua atenção de serviço pastoral frente ao fenômeno turístico, quando, em certos momentos, o turismo surgia como plataforma de muitas possibilidades para o progresso das pessoas e dos povos. O referido documento propõe orientações de caráter normativo aos líderes religiosos, a respeito do turismo, e ações no acolhimento aos turistas. (CPPMI, 1969).

Uma dessas ações busca incentivar o uso de línguas estrangeiras em algumas celebrações, a fim de proporcionar melhor compreensão aos visitantes. Por outro lado, adverte levar em consideração que muitos turistas procuram conhecer obras de valor histórico ou

artístico em igrejas e museus, ou manifestações da piedade popular, procissões, romarias, peregrinações, expressões religiosas características de determinados lugares. Esta espécie de turismo religioso deve suscitar, da parte das comunidades de fiéis e de seus dirigentes, o cuidado de responder a tal interesse, com uma preocupação de índole evangelizadora.

A Igreja católica, em seus documentos relativos à pastoral do turismo, demonstra-se apreensiva diante da vastidão e complexidade desta nova forma de emprego do tempo livre, que envolve deslocamento da residência habitual, dentro ou fora do próprio país, sem o fim exclusivo de lucro ou trabalho. Por meio do Diretório Geral para a Pastoral do Turismo (DGPT, 1969, n. 4), a Igreja católica incentiva todos os cristãos a presarem para que “seu tempo livre se torne tempo de valorização dos recursos econômicos, culturais, afetivos, espirituais, bem como de favorecer a promoção do tempo de turismo em tempo de salvação”.

Para a Igreja católica, o turismo constitui-se princípio de unidade e fator de transformação e de elevação social, de solidariedade do ser humano com o universo e de restauração da pessoa humana. O referido documento da Pastoral do Turismo aborda que o turismo, bem-aproveitado, concorre para o recíproco conhecimento dos seres humanos e para o desenvolvimento do espírito de hospitalidade; tem a potencialidade de reduzir a distância entre as classes sociais e as raças humanas; vencer o isolamento dos povos; favorecer novas fontes de trabalho; reduzir o fenômeno da migração em algumas regiões e promover o processo de unificação dos seres humanos no conceito de Povo de Deus.

Desta forma, o turismo pode tornar-se um instrumento de paz e de confraternização entre os povos, bem como facilitar contatos concretos e válidos entre os fiéis das diversas religiões e entre os não crentes, constituindo um instrumento de encontro ecumênico e de diálogo, com espírito de caridade e esperança.

No sentido da solidariedade do ser humano com o Universo, o turismo, em algumas formas, é capaz de favorecer o contato das pessoas com a natureza; promover a valorização dos recursos da mesma natureza; recriar seus recíprocos laços facilmente comprometidos pela técnica e apresentar suas belezas variadamente esparsas, como uma herança comum a toda a humanidade.

Como fator de restauração humana, o turismo pode contribuir reintegrando corpo e psique afetados pelo desgaste do trabalho e ritmo cotidiano da vida. O ser humano, em sua natureza, tem anseio por liberdade e movimento e cria relações interpessoais num contexto de maior serenidade, confiança e disponibilidade ao encontro e diálogo, condições essas favorecidas pelo turismo. De acordo com o DGPT (1969, n. 11), o turismo pode se traduzir

em autoeducação, em complemento pessoal e promover o senso de autonomia e respeito, se vivido inteligentemente.

3.3 RELIGIOSIDADE POPULAR

A pesquisa moderna sobre o fenômeno religioso identificou amplamente, no âmbito das grandes religiões institucionalizadas, uma modalidade particular de experiência religiosa comumente denominada de religiosidade popular. Foralosso (2003) refere que o termo *popular* diz respeito explicitamente aos sujeitos da experiência religiosa dessa espiritualidade e não implica necessariamente a designação classista, como se religiosidade popular fosse própria e exclusiva dos que se situam nos degraus mais baixos da escala social. O autor afirma tratar-se de designação de conteúdo socioeclesial, porque própria, se bem que não exclusiva, da base eclesial.

Nesse meio, ocorrem festas religiosas que envolvem gestos rituais, atos de culto, relatos e celebrações e nas quais se situam romarias e peregrinações. Mattai (1993, p. 1001), por sua vez, refere que a religiosidade popular “é uma religiosidade típica atribuída ao ser humano médio, desprovido de formação teológica especial, caracterizado como que periférico diante da religiosidade oficial e de suas indicações comprometedoras”. Tais representações são realidades que as classes populares consideram como próprias e distintas das que caracterizam a religiosidade oficial ou a de outras classes, no que diz respeito à linguagem, aos gestos concretos, à intensidade emocional e participativa.

Mattai avalia que, após longo período de esquecimento ou descaso, em consequência de mudança de sensibilidade religiosa e política, bem como de decepções que acompanharam a crise da civilização tecnológica e da busca de novas sínteses antropológicas e teológicas, a religiosidade popular provoca hoje interesse, justamente devido aos valores humanos e religiosos que nela se evidenciam. O autor sustenta que, na piedade popular, se manifesta uma sede de Deus própria da simplicidade humana. Esta religiosidade torna a pessoa capaz de generosidade e de sacrifício até o heroísmo, quando se trata de manifestar a fé ao mesmo tempo em que supõe senso profundo dos atributos de Deus, tais como a paternidade, a providência e a presença amorosa e constante. (MATTAI, 1993).

Do ponto de vista da sociologia, autores, como Hervieu-Léger (2008), caracterizam a modernidade religiosa apontando para uma crise institucional das religiões tradicionais, tanto em termos de regulação da crença quanto na transmissão dela. Para a autora, essa sociedade secularizada, marcada pela desregulamentação da crença, se torna massiva, e novas formas

autônomas de individualização e de subjetivação da fé e da prática religiosa começam a emergir, longe do domínio de controle institucional.

Hervieu-Léger compreende que a desregulamentação da crença e o enfraquecimento da memória favorecem a circulação dos crentes no campo religioso. A autora considera que essa desregulamentação promove conversões religiosas, e interpreta que estas ocorrem, a partir da individualidade subjacente às variadas disposições sociais e culturais.

Hervieu-Léger (2008, p. 116) identifica três modelos principais de conversão. O primeiro modelo é o do sujeito que muda de religião por rejeitar a religião herdada. O segundo, é o das conversões dos *sem religião*. Nesse caso, a partir de trajetória individual, o sujeito descobre determinada tradição e integra-se a ela. E o terceiro modelo de convertido é aquele que a autora denomina de *reafiado*, ou seja, “convertido de dentro”. Esse é caracterizado pelos que vivem de maneira conformista a tradição recebida, porém, em determinado momento, descobrem aquela identidade religiosa como possibilitadora de sentido.

Um outro aspecto destacado por Hervieu-Léger (2008) é a questão do *crer sem pertencer*, uma das marcas da conjuntura religiosa atual. A autora percebe ocorrer uma disjunção entre crença e pertença, o que constitui uma das principais características da modernidade religiosa, e gera *crer sem vínculo de pertencer*.

3.3.1 Santuários e peregrinações

Ao abordar lugares de expressão da religiosidade popular, Mattai (1993) considera serem os santuários locais de florescimento popular, que não nascem de instituição, embora situem-se no âmbito da Igreja. A fé cristã supera a sacralização dos lugares; entretanto, a Igreja católica, tida como povo peregrinante, serve-se, além dos sacramentos, de outras formas para levar a fé à sua maturidade. A oração realizada nesses lugares é espontânea, simples e de caráter devocional e, portanto, difícil de considerar que são formas que ainda não foram cristalizadas, ou não previstas pela Instituição.

Nesse sentido, Mattai discorre que essa Igreja, oficialmente, não oculta que existem aspectos negativos na religiosidade popular e em todas as suas manifestações; entretanto, essa própria Igreja vê nessas expressões a necessidade de evangelização dentro do imenso campo que se apresenta. Mattai (1993, p. 1.001) menciona que, nos aspectos negativos, ocorrem “práticas mágico-supersticiosas, que não raras vezes se unem a ritos cristãos (feitiçarias, mau olhado e coisas parecidas)”, as quais são distintas das que caracterizam a religião oficial.

Entretanto, o autor identifica existirem “abundantes contribuições, corretivos e integrações equilibradoras que, para a vida de Igreja, provêm das orações, relações e celebrações dos peregrinos”. (MATTAI, 1993, p. 1003).

O gesto de peregrinar nem sempre é compreendido em sua correta interpretação e nem sempre está isento de ambiguidades. O peregrinar é considerado uma busca do elemento consolador, milagroso, da evasão da realidade, para buscar o que há de gratificante na fé e possui uma característica de individualismo, que se esquia dos compromissos, do sentimentalismo, da emoção e das coisas semelhantes. Para Mattai (1993), entretanto, quando a peregrinação é acolhida e preparada corretamente, pode transformar-se em preciosa experiência, que desenvolve autênticos valores de espiritualidade, criatividade, agrupamento e participação.

Valle (2006), ao discorrer sobre o universo religioso popular, aborda que os santuários acolhem milhões de devotos anualmente, com um público cada vez mais heterogêneo e complexo, do qual supõe proceder a maioria dos peregrinos. Ao tema que envolve santuários, romarias e seguimento cristão, considera importante a palavra “caminhada”, termo surgido das Comunidades Eclesiais de Base¹⁴ (CEBs), que se espalharam e que ganharam consistência existencial e significado teológico-pastoral, bem como expressaram uma nova compreensão de vida comunitária cristã.

A ideia de seguimento de Jesus como um “caminho” tem seu alicerce no Evangelho e também no livro dos Atos dos Apóstolos, além de fazer memória dos textos da grande “passagem” da libertação do povo de Israel da escravidão do Egito, na época de Moisés. Caminhar, peregrinar, fazer romarias não é algo novo, apesar das grandes mudanças que se verificam também no campo religioso. Valle (2006) refere que esses atos vêm de tradições arraigadas em antigos costumes repassados de geração em geração.

Na afirmação de Valle, os gestos sustentados apenas por tradições do passado, as romarias e os santuários católicos passaram gradativamente a acentuar três traços que não se evidenciavam no catolicismo tradicional. O primeiro, é a centralidade na pessoa de Jesus Cristo e do Evangelho. O segundo, trata-se da importância de uma pertença consciente à comunidade de fé. E o terceiro tem a ver com a missão de dar testemunho como algo inerente ao seguimento de Jesus.

¹⁴ Comunidades Eclesiais de Base foi um movimento da Igreja católica que surgiu e se espalhou na América Latina entre os anos de 1970 a 1980, com o objetivo da leitura bíblica, em articulação com a vida e com a realidade política e social.

Valle (2006) analisa que as motivações, que subliminarmente estão inseridas na tríplice experiência antropológica daquele que se põe a caminho, são buscas, aflições pessoais mais imediatas, inseridas na realidade cristã cotidiana, nas quais o peregrino vivencia, principalmente, a experiência de sair de casa, de seu cotidiano, para pôr-se a caminho ao lado de outros em demanda a um lugar sagrado para um encontro maior.

Nos documentos da Igreja católica, o tema das peregrinações é abordado sob distintos aspectos. Essa Igreja é considerada uma peregrinante que caminha rumo à glória celeste. No parágrafo 769 do Catecismo da Igreja Católica (CIC), o documento cita que “a Igreja [...] só terá a sua consumação na glória celeste” (PAULO VI, 1964, LG, n. 1.237), quando do retorno glorioso de Cristo. E até aquele dia, a Igreja avança em sua peregrinação através das perseguições e das consolações em Deus. (LG, n. 1238).

Em relação ao ser humano, essa Igreja considera que a morte é o fim de sua peregrinação terrena, do tempo de graça e misericórdia para seu destino último, no plano divino. (CIC, n. 1.013). As peregrinações se caracterizam como uma das expressões da religiosidade popular, momento e gesto em que o sentimento religioso do povo cristão se utiliza para realizar suas formas de piedade e que rodeiam a vida sacramental da Igreja (CIC, n. 1.674). “A tradição da oração cristã é uma das formas de crescimento da tradição da fé, particularmente pela contemplação e pelos estudos dos crentes [...] e pela penetração profunda das realidades espirituais que eles experimentam.” (CIC, n. 2.651).

Grande parte dos santuários cristãos estão relacionados à Maria, mãe de Jesus Cristo, evento central da fé cristã e, principalmente, a situações que envolvem sua *aparição*, em tempos, lugares e culturas diversas, constituindo como consequência importantes locais de atrativo turístico.

A respeito do tema *aparições*, a Igreja católica, em diversos documentos, trata acerca do assunto. Seguindo as orientações do Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG) cap. VIII, e da Exortação Apostólica *Marialis Cultus*¹⁵ (PAULO VI, 1974), da Encíclica *Redemptoris Mater*¹⁶ (JOÃO PAULO II, 1987) e de outros documentos do magistério da Igreja, o subsídio doutrinal sobre as *Aparições e Revelações Particulares* esclarece que “o que comumente chamamos de *aparições* e *revelações* são experiências de ordem psíquica. [...] fenômenos extraordinários que não se podem pressupor, mas dos quais temos inúmeros relatos de experiências”. (CNBB, 2009b, p. 15).

¹⁵ *Marialis Cultus*, traduz-se por *Culto à Maria*.

¹⁶ *Redemptoris Mater*, traduz-se por *Mãe do Redentor*.

O referido documento manifesta que as ciências que estudam com maior rigor o fenômeno das aparições não têm a pretensão de dizer a última palavra a respeito, mas ser um saber rigoroso que controla as regras da produção do próprio conhecimento. As ciências reconhecem a existência de um imenso território a elas inacessível, e estão abertas a outras formas de conhecimento os quais ultrapassam os limites do que é cientificamente controlável. No atual estágio do conhecimento, a ciência apenas sustenta que não pode afirmá-lo a partir de suas regras de saber. (CNBB, 2009b, p. 15).

Tal documento ainda considera que o ser humano é um mistério, um sujeito dotado ao mesmo tempo de uma dimensão exterior e interior, essencialmente corpo e espírito, conforme descreve:

O corpo é uma espécie de “central de comunicações” pela qual o ser humano entra em relação com o mundo dos objetos e das pessoas que o cercam. Os objetos, as coisas, “aparecem” e se “revelam” a ele através dos sentidos externos como a visão, a audição, o olfato, o gosto e o tato. Os sentidos internos, em especial a fantasia, trabalham as “informações”, montam uma imagem interior, síntese dessas informações com outros conteúdos, já presentes no consciente ou no inconsciente. (CNBB, 2009b, p. 16).

O ser humano, portanto, é compreendido dentro de um princípio de totalidade, no qual está inteiro diante da realidade, tanto do mundo interior quanto exterior. Nas relações com a realidade, existem percepções que vão além do mundo sensível e que levam a crer que há percepções extrassensoriais.

Tudo leva a crer que há percepções extraordinárias. Os cientistas que pesquisam nesta área partem do pressuposto de que a realidade vai além do que é percebido pelos sentidos. Há pessoas que “veem coisas invisíveis” e “ouvem sons inaudíveis” no plano da “normalidade”. Há, pois, outros modos de “ver”, de “ouvir” etc., que a própria ciência hoje aceita e que se pressupõe, acontecem também nos fenômenos de aparições e revelações. (CNBB, 2009b, p. 16).

Outro aspecto a considerar, para a interlocução que envolve o fenômeno religioso e suas implicações, é a compreensão do elemento devocional. De acordo com Falcão (2016), o termo *devoção*, no sentido religioso, significa apego sincero e fervoroso a Deus ou aos santos, sob uma forma litúrgica, ou mediante práticas regulares privadas, sentimento religioso e piedade. Ainda segundo Falcão, a origem do vocábulo vem do latim *devotione*, que tem o sentido de *dedicar-se a algo* na esfera religiosa.

Mattai (1993) aborda que, na doutrina católica, a devoção é um culto privado, pessoal ou comunitário, centrado no ato de entrega ou consagração de si próprio ou da comunidade ao amor de Deus, e, por extensão, ao das três pessoas divinas, aos santos e à Virgem Maria. As

devoções, que são principalmente expressas através da oração, fazem parte de um culto privado mais amplo, que é a piedade popular. Para o autor, estas expressões populares de fé desenvolveram-se à margem da liturgia oficial, mas elas, se forem sabiamente praticadas e mantidas longe de qualquer superstição, são reconhecidas pela Igreja católica, como importantes para o fomento da fé e da espiritualidade dos fiéis.

O Conselho Episcopal Latino Americano (Celam, 2008, n. 263), pelo Documento de Aparecida, explicita que “a piedade popular contém e expressa sentido intenso da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal”. O mesmo documento expõe o reconhecimento dessa Igreja de que “a piedade popular é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja”. (n. 264).

O ato de entrega devocional, segundo Mattai (1993), é expresso em práticas piedosas exercidas, privada ou publicamente, como regra, aprovadas pela Igreja. A espiritualidade que envolve as devoções pode ser expressa em muitas fórmulas de orações e em outras manifestações tais como: peregrinações a lugares sagrados; medalhas, relíquias, estátuas e imagens sagradas e bentas; em procissões, ou ainda em outros costumes populares. Mattai observa que, no decurso da experiência espiritual, sempre sob assistência divina, as devoções podem ser acompanhadas de consolações, como em geral acontece nos principiantes generosos, mas também essa espiritualidade pode ser purificada e aprofundada na aridez espiritual.

Ainda no âmbito das muitas expressões devocionais, Falcão (2016) expõe existirem essencialmente dois tipos de devoção, que são a veneração e a adoração. Na abordagem do significado desses termos, Falcão descreve que *veneração*, no sentido religioso, constitui-se na atitude de profundo respeito e mesmo de culto, devida às pessoas e coisas sagradas. A Deus e às três Pessoas divinas¹⁷, a veneração é de *adoração*; à Nossa Senhora, de culto especial *hiperdulia*; e aos santos, de *dulia*. O termo *dulia* vem do grego, e significa *honrar*. E ainda são dignas de veneração imagens, relíquias, alfaias e demais objetos destinados ao culto. (FALCÃO, 2016).

A *adoração*, entretanto, é o mais elevado ato da virtude da religião. Consiste no reconhecimento cheio de admiração e respeito de que Deus, e só Ele, é criador, salvador e Senhor de tudo quanto existe. A adoração é devida só a Deus Uno e a cada uma das três

¹⁷ Na fé católica, as três Pessoas divinas se constituem da Santíssima Trindade, ou seja, Pai, Filho e Espírito Santo.

Pessoas divinas. A adoração a Cristo exprime-se nas diversas formas de devoção eucarística: na missa, na exposição do Santíssimo Sacramento, na visita ao sacrário, na genuflexão diante do sacrário, na adoração da Cruz, em Sexta-Feira Santa.

Falcão (2016) aborda que o significado do termo *romaria* está associado à prática religiosa de visitar Roma, a exemplo do que ocorria na época de Jesus, em que os judeus visitavam o templo de Jerusalém, ao menos uma vez por ano. Daí o nome pelo qual eram originalmente conhecidas as peregrinações a Roma, passando depois a designar outras peregrinações a santuários distantes, muito do agrado das populações medievais, que as aproveitavam para ver novos mundos e estreitar amizades, designadamente entre jovens em idade de casamento. Estas funções passaram depois para os arraiais, quando, pela facilidade de transportes, as peregrinações passaram a ter caráter mais exclusivamente religioso. (FALCÃO, 2016).

Valle (2006, p. 31) observa que, nas línguas francesa e inglesa, não existem as palavras *romaria* e *romeiro*. Usam-se apenas os termos *peregrinação* e *peregrino*. No espanhol e no português, no entanto, utilizam-se os dois termos, cujos sentidos parecem sobrepor-se.

Morgain (2003) menciona que a origem e o significado de *peregrinação* remonta a antes da Antiguidade cristã. O termo *peregrinação*, que significa *percorrer, ir longe* (do latim *peragere*), dá origem a *peregrino*, para indicar *quem parte para outro território*. Com o decorrer do tempo, passou a significar também *estrangeiro*. (MORGAIN, 2003, p. 870).

Valle (2006) refere que a palavra *peregrino*, em sua origem, relaciona-se aos que percorrem caminhos por terras desconhecidas e inhóspitas, enfrentando heroicamente o desconhecido, como é o caso de Ulisses, no relato de Homero, ou como dos índios guaranis, em sua caminhada em busca da terra sem males. Em muitas das estradas que levam aos locais-santuários construídos pelo povo, a dureza e o caráter inhóspito e áspero dos lugares chamam a atenção, quase a dizer que realmente é difícil a via que leva ao alto e à conversão. Valle descreve que a palavra *peregrino* passou a designar

[...] quem, depois de ter percorrido um dado caminho, encontra-se com alguém outro. O termo associou, assim, à ideia do caminho a do “encontro com o outro”, físico ou espiritual. Nesse encontro se processaria quase necessariamente uma transformação extraordinária no peregrino, mudança que não se completa no ato exterior do peregrino, mas remete sempre à dimensão ascética de processos interiores onde se dá um encontro místico com o outro, como é o caso mais específico das peregrinações aos grandes santuários católicos. Alguns antropólogos e sociólogos contemporâneos julgam válido usar a palavra “romaria” no sentido de deslocamentos mais curtos, que envolvem uma participação comunitária e combinam aspectos festivos e devocionais. (VALLE, 2006, p. 60).

Estudos de Zorzi (1986), sobre peregrinações na região nordeste do Rio Grande do Sul, apontam que o Santuário de *Caravaggio*, em Farroupilha, RS, contextualiza o fenômeno das romarias. Nesse sentido, a Igreja católica considera com apreço o gesto peregrino de estar a caminho, em busca de algo maior que a si mesmo, transcender. Zorzi faz referência de que, no rito litúrgico católico, há um prefácio próprio para romarias e santuários. Nele reza-se: “[...] Assim, ao mesmo tempo que estreitais os laços entre habitantes de várias cidades que acorrem ao santuário em romarias, melhor prefigurais por meio deles o encontro jubiloso da Jerusalém celeste.” (ZORZI, 1986, p. 10). Essa oração refere-se a um pedido do sacerdote que preside a celebração litúrgica que o encaminha a Deus Pai, em favor dos fiéis que O buscam, aludindo ao texto bíblico. O Documento de Aparecida (CELAM, 2008, n. 260) aborda a experiência que o peregrino sente no gesto de colocar-se a caminho para vivenciar a fé. Nessa experiência religiosa, ele vive um mistério que o supera, não só na transcendência de Deus, mas também da Igreja, da família e de seu bairro.

O documento do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (PCPMI), da Igreja católica, que trata sobre o sentido e a dimensão do lugar sagrado denominado santuário, descreve que “o santuário é antes de tudo um lugar de memória da ação poderosa de Deus na história, que está na origem do povo da aliança e da fé de cada um dos crentes”. (PCPMI, 1999, p. 11). E, o documento Código de Direito Canônico (CDC, n. 1.230) define que, “por *santuário* entende-se a igreja ou outro lugar sagrado, aonde os fiéis em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações, com a aprovação do Ordinário local”.

Na contemporaneidade, a Igreja católica reconhece a importância dos santuários, sobretudo para alimentar e purificar a piedade popular e, conforme indicam seus documentos, procura fazer com que neles os peregrinos encontrem à disposição os meios de santificação, através da celebração da Penitência, da Eucaristia e de outros sacramentos e sacramentais, e tempos fortes de pregação, de oração e de comunhão de fé e de caridade, como menciona o Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia (DPPL), da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos (CCDDS). (2002, n. 261-278).

Para o PCPMI (1999, p. 5), “todo o santuário pode ser considerado portador de uma mensagem precisa, uma vez que nele se representa no hoje o evento que fundou o passado, que continua a falar ao coração dos peregrinos”. No contexto dos santuários, Maria é considerada um santuário vivo, lugar do acontecimento da glória salvífica, a portadora daquele que veio trazer a revelação da fé cristã, como refere o mesmo documento, que aborda o santuário como memória, presença e profecia do Deus vivo.

3.3.2 A Virgem Maria na piedade popular

A devoção à Virgem Maria é profundamente enraizada nos povos da América Latina, desde o início da colonização hispano-portuguesa. Os colonizadores levaram consigo o culto à Virgem Maria expresso em imagens e devoções populares. Maria representa o grande símbolo, o vulto materno e misericordioso, que convida todo ser humano a estar em comunhão com Deus (CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, 2006).

Feres (2006) refere que os devotos veem na Virgem Maria a mãe que os acolhe e protege e na qual se encontra refletida a ternura e o amor de um Deus misericordioso, disposto ao perdão e à superação. O autor considera que ela é exemplo e mestra da fé e desperta no coração do fiel uma grande capacidade de amor, doação e sentido de fraternidade, porque é a mãe que acolhe todos sem exceção.

A Igreja, de forma universal, mantém em toda a sua história importante ligação com a Mãe de Deus, a qual abraça o passado, o presente e o futuro, venerando-a como Mãe espiritual da humanidade e advogada na ordem da graça. Isto está demonstrado pela presença dos numerosos santuários marianos espalhados pelo mundo. Somente na América Latina são mais de 350, conforme descreve Feres (2006). Nestes lugares de particular peregrinação do Povo de Deus, este busca o encontro com a Mãe de Cristo, procurando encontrar, no clima de especial irradiação da presença materna daquela que acreditou, a consolidação da própria fé.

O documento do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (1999) recomenda que os responsáveis por santuários marianos exerçam atenção aos sinais de expressão de piedade mariana e que estes sejam integrados à vida litúrgica, a qual é o centro e a definição do santuário.

Fiores (1993) descreve o perfil espiritual de Maria e a identifica com as mesmas características da linha mística do povo de Deus do Antigo Testamento e que são enfatizadas pelas bem-aventuranças no Evangelho de Lucas. Seu retrato espiritual¹⁸ envolve características de humildade, serviço, fidelidade, abertura e confiança nas promessas de Deus.

A função espiritual da maternidade de Maria é vista com grande apreço, como nas manifestações da religiosidade popular. Sua sublime santidade vem a constituí-la modelo para

¹⁸ Características espirituais de Maria: pobreza (BÍBLIA, Lc 1, 48); serviço (Lc 1, 38.48); temor de Deus (Lc 1, 29.50); consciência de sua própria fragilidade (Lc 1, 52); senso de justiça (Lc 1, 53); solidariedade com o povo de Deus (Lc 1,52-55); alegria (Lc 1,28.47); abertura e disponibilidade ao plano divino (Lc 1,38.51); confiança na realização das promessas de Deus, fiel e misericordioso (Lc 2,19; 2,51).

todos os fiéis. À Maria é atribuída a função de mediação, da qual se pode reconhecer o germe, pelo lugar que lhe é outorgado na economia da salvação. Agostinho (1996), em seus escritos (séc. IV), defendia Maria ter nascido preservada do pecado original. Agostinho afirma com segurança que Maria, mãe do Salvador, deveria estar isenta de todo o pecado, tendo predito em seus textos o princípio do dogma da Imaculada Conceição, que seria proclamado em 1854. (cfe. 90, 94 - 95, AGOSTINHO, 1996, p. 158, 164 - 165).

Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os homens, atesta-o São Paulo. (BÍBLIA, 1Timóteo 2, 5-6, 1983). Não somente a Bíblia constitui o canal da revelação divina. A Constituição Dogmática *Dei Verbum* declara que a fonte da revelação de Deus se compõe de dois canais: a sagrada Tradição¹⁹ e a Sagrada Escritura. Na referida constituição, consta o reconhecimento de que não é apenas através da escritura que a Igreja deriva sua certeza a respeito de tudo que foi revelado. (PAULO VI, 1965, DV, n. 6).

Santo Tomás de Aquino (1265-1273) ensina que nada impede que exista entre Deus e os homens, abaixo de Cristo, mediadores secundários, os quais cooperam com o redentor de modo dispositivo ou ministerial. (SUMA TEOLÓGICA, III, q. 26, a.1). Entre essas mediações, a bem-aventurada Virgem Maria distingue-se relevantemente. Na encíclica *Redemptoris Mater* (III parte, n. 38), São João Paulo II (1987) reforça a doutrina milenar da Igreja explicitando que “[...] a mediação de Maria está intimamente ligada à sua maternidade e possui um caráter especificamente maternal, que a distingue da mediação das outras criaturas que, de diferentes modos e sempre subordinados, participam na única mediação de Cristo”. Avivando esse sentido, no pontificado de Bento XV, em 21 de janeiro de 1921, a Igreja aprovou o ofício e a missa própria de Maria “medianeira de todas as graças”. (SAMPEL, 2017, p. 15).

Boff (2010), ao tratar sobre os dogmas marianos, refere que a mariologia é um dos casos mais típicos do desenvolvimento dos dogmas teológicos. Para o autor, a consciência acerca da importância de Maria, no contexto bíblico, começou dentro do Novo Testamento e sustenta que “no verdadeiro desenvolvimento do dogma, nada se inventa, tudo se descobre. Vai-se do implícito ao explícito. Surgem então novas perspectivas, não propriamente dados novos” (p. 7). A respeito da possibilidade de vir a ser declarado dogma a questão da “mediação” de Maria, Boff (2010, p. 62) afirma que “[...] a mediação de Maria é bíblica [...]

¹⁹ A *Tradição* católica é a autoridade e a ação da Igreja católica, especialmente em seu Magistério, que, através dos apóstolos e da sucessão apostólica (os Papas e os Bispos unidos ao Papa), transmite tudo aquilo que ela é e tudo o quanto acredita, para todo o mundo, ininterruptamente, desde o advento salvífico de Cristo até a atualidade. (Cfe. *DEI VERBUM*, 1965, n. 8).

que essa convicção religiosa, tão sentida pelo povo de Deus, ser declarada dogma não é questão de verdade, mas de oportunidade”.

O Novo Testamento registra um dos momentos em que Maria Santíssima interveio diante de Jesus. No episódio das bodas de Caná, há o relato da falta de bebida, imprescindível para os convidados na festa de casamento. Naquele dia, a pedido da mãe, Jesus transformou água em vinho. (BÍBLIA, Jo 2, 3-11, 1983). Daquele momento em diante, há aproximadamente dois mil anos, Maria Santíssima, na Tradição da Igreja, intercede por aqueles que lhe suplicam algo.

Boff (2014, p. 22) explica que a figura da mãe de Cristo está presente nos documentos principais da fé, tais como: “o Novo Testamento, o símbolo da fé e a anáfora eucarística [...]. Maria é, pois, considerada ‘constitutivo dogmático’ da fé católica”.

Do alto da cruz, Jesus incumbiu Maria do múnus de intercessora ao proferir “Mulher: eis aí teu filho” e depois ao dizer ao discípulo “Eis aí tu mãe”. (BÍBLIA, Jo 19, 26-27). O Código de Direito Canônico recomenda aos católicos “a veneração especial e filial à bem-aventurada sempre Virgem Maria, mãe de Deus, a quem Cristo instituiu mãe de todos os homens [...]” (CÂNON 1.186). Sampel (2017) descreve outras citações do referido Cânon a respeito da récita do rosário para animar a espiritualidade de seminaristas (246, § 3º) e religiosos (663, § 4º) e aponta como um dos caminhos para a perfeição dos padres exortando-os a cultuarem com especial veneração a mãe de Deus (276, § 2º, 5º).

A respeito dos dogmas relacionados à Virgem Maria, Boff (2010) aborda que, no Novo Testamento, são poucas as passagens que falam sobre Maria, porém, as que constam são carregadas de sentido e frutificaram ao longo da História. Observa que a mariologia é um dos casos mais típicos de desenvolvimento dos dogmas. Para o autor, a consciência da importância de Maria começou já dentro do Novo Testamento e vê o desenvolvimento dos dogmas constatando que neles nada se inventa, tudo se descobre, vai-se do implícito ao explícito, em que surgem novas perspectivas, mas não propriamente dados novos.

Boff (2010) sustenta que os dogmas constituem-se luzes no caminho da fé, que os ilumina e os torna seguros, e têm como fundamentos a Bíblia e o caminhar da vida da Igreja. Esse trajeto se realiza pela *Tradição*, que se constitui ao longo do tempo pelo senso dos fiéis (*sensus fidelium*), pelo magistério da Igreja (concílios, papas, bispos) e pela Teologia.

Através de dogmas, a Igreja busca encontrar fórmulas que digam e explicitem aspectos fundamentais do mistério da Salvação. Quatros são os dogmas declarados relacionados à Maria:

a) maternidade divina: Maria, Mãe de Deus. Maria é verdadeiramente Mãe do Deus encarnado, Jesus Cristo;

b) virgindade perpétua de Maria: é o dogma mariano mais antigo das Igrejas católica e oriental ortodoxa, afirmando a “real e perpétua virgindade mesmo no ato de dar à luz o Filho de Deus feito homem”. (CIC, n. 499);

c) imaculada concepção de Maria: declara que a concepção de Maria foi realizada sem qualquer mancha de pecado original, no ventre da sua mãe;

d) assunção de Maria: o mais recente dos dogmas marianos indica que a Virgem Maria, no fim de sua vida terrena, foi elevada em corpo e alma à glória dos céus. (BOFF, C., 2010).

Mattai (1993) avalia que as manifestações devocionais à Maria se evidenciam de maneira oculta e profunda, porém soberanamente nas orações que os próprios fiéis deixaram de modo anônimo nos santuários marianos por eles visitados nos espaços de memoriais dos devotos.

Mattai (1993) interpreta que, na cultura meridional, desempenham papel fundamental a simbiose mãe-filho e a pluralidade de rostos, principalmente constatada na América Latina. Num ambiente de casa superconcorrida e a forma como se desenvolve a vida em meio à vizinhança, reiteradamente sem expressivas tutelas privadas, gera a condição de que a criança, muitas vezes abandonada à economia do bairro, é sustentada primeiro pela irmã mais velha e, depois, quase que exclusivamente, pela vizinhança. Mais tarde, a criança, então convertida em adulto, continuará desejando a mãe, apesar do ambiente exigir que integre o grupo. Segundo esta hipótese, que está relacionada com o arquétipo junguiano, a saudade da intensa relação empática, vivida apenas nos primeiros anos com a mãe, geraria a necessidade de buscar a fonte da fantasia e o sentido do transcendente.

No itinerário cristão, a relação com Maria se impõe como imperativo da fé, como está referido na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (PAULO VI, 1964, LG, n. 67), mas também como elemento de aprimoramento humano e estímulo para o compromisso e a esperança. Maria orienta o caminho da existência humana para seu êxito integral na relação com Deus, convertendo-se em mensagem de otimismo, de esperança e de vida. Para Fiores (1993), acolher Maria na vida pessoal constitui-se sinal de abertura ao dom de Deus, que é oferecido aos discípulos de Jesus para reforçar e tornar cada vez mais maduro e perseverante o amor que lhe é dedicado.

4 METODOLOGIA

O presente estudo classifica-se como exploratório, de natureza qualitativa, com a intenção de contribuir para a compreensão do fenômeno da hospitalidade aos peregrinos que chegam ao Santuário Nossa Senhora de Caravaggio, em Farroupilha, RS, na romaria que ocorre, anualmente, em torno do dia 26 de maio.

O estudo exploratório consiste em investigações empíricas, cujo objetivo é formular questões que visem a “desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos”. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 171). Além disso, esse tipo de estudo é geralmente utilizado em “procedimentos sistemáticos ou para obtenção de observações empíricas, ou para análise de dados (ou ambas, simultaneamente)” .

Quanto ao método escolhido para alcançar os objetivos propostos, foi selecionado o de análise textual discursiva que, por meio da criação de categorias analíticas, permite examinar as narrativas dos entrevistados. Para Moraes e Galiazzi (2007), a análise textual discursiva busca a

[...]construção de metatextos analíticos que expressem os sentidos lidos num contexto de textos. A estrutura textual é construída por meio das categorias e subcategorias resultantes da análise. Os metatextos são constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto um modo de teorização sobre os fenômenos investigados. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 32).

Neste estudo, o suporte metodológico baseou-se na abordagem teórico-metodológica de Moraes e Galiazzi (2007), que consideram a Análise Textual Discursiva como uma nova opção de análise para pesquisas de natureza qualitativa e de caráter hermenêutico.

De algum modo o texto é organizado para possibilitar uma compreensão mais complexa da Análise Textual Discursiva, que constitui-se uma modalidade de investigação que se afasta dos extremos, tanto da Análise de Conteúdo tradicional quanto de algumas modalidades de Análise de Discurso. Moraes e Galiazzi argumentam que a

Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Análise Textual Discursiva são metodologias que se encontram num único domínio, a análise textual; mesmo que possam ser examinadas a partir de um eixo comum de características, também apresentam diferenças, sendo estas geralmente mais em grau ou intensidade de suas características do que em qualidade. A Análise Textual Discursiva assume pressupostos que a localizam entre os extremos da Análise de Conteúdo e Análise de Discurso. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 140).

Ao levantarem o questionamento sobre se Análise de Conteúdo e Análise de Discurso seriam técnicas ou metodologias, Moraes e Galiazzi (2007, p. 141) afirmam que a resposta depende de nossa concepção de método e técnica. Os autores se posicionam afirmando que preferem “denominá-las de metodologias de análise, não as entendendo como conjuntos rígidos de procedimentos, mas como conjuntos de orientações, abertas, reconstruídas em cada trabalho”. Explicitam essas metodologias utilizando uma metáfora: como exercícios de movimentar-se num rio. A Análise de Conteúdo assemelha-se ao deslocar-se rio abaixo, a favor da correnteza, enquanto que a Análise de Discurso corresponde ao mover-se rio acima. Por sua vez, a Análise Textual Discursiva tanto pode inserir-se num como no outro desses movimentos.

A Análise Textual Discursiva, na perspectiva dos mesmos autores, tende para uma construção ou reconstrução teórica, numa visão hermenêutica, de reconstrução de significados, a partir de perspectivas de uma diversidade de sujeitos envolvidos nas pesquisas. Retomando a metáfora do rio, mais do que navegar a favor ou contra a correnteza, essa metodologia visa a explorar sua profundidade.

O método da Análise Textual Discursiva propõe três componentes para realizar a análise: a desconstrução dos textos do *corpus*, ou unitarização, o estabelecimento da relação entre os elementos unitários (categorização) e a análise dos textos. No primeiro componente, a desconstrução ou unitarização, os textos são examinados detalhadamente e realizada uma fragmentação para a elaboração de unidades constituintes referentes ao objeto de estudo. Para Moraes e Galiazzi (2007), esse processo implica

[...] colocar o foco nos detalhes e nas partes componentes dos textos, um processo de decomposição que toda análise requer. Com essa fragmentação ou desconstrução pretende-se conseguir perceber os sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores, ainda que se saiba que um limite final e absoluto nunca é atingido. É o próprio pesquisador quem decide em que medida fragmentará seus textos, podendo daí resultarem unidades de análise de maior ou menor amplitude. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p.18).

A categorização implica um processo “de comparação constante entre as unidades definidas no momento inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes”. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 22). Estes conjuntos de elementos constituirão as categorias analíticas. A etapa de categorização, além de juntar elementos parecidos, nomeia e define as categorias cada vez com mais precisão, conforme forem sendo constituídas. Essa explanação acontece através de retorno cíclico aos elementos anteriores para a construção do significado de cada uma das categorias. Estas categorias podem ser elaboradas em diferentes níveis e, em

alguns casos, inclusive, assumem “as denominações de iniciais, intermediárias e finais, constituindo, cada um dos grupos, na ordem apresentada, categorias mais abrangentes e em menor número”. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 23).

A categorização pode seguir duas opções extremas: uma de natureza objetiva e dedutiva e outra indutiva e subjetiva. Nas duas formas, a categorização está relacionada à organização de categorias e subcategorias, que resultará na produção de metatextos com descrições e interpretações do material analisado. Os metatextos são “constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto um modo de teorização sobre os fenômenos investigados”. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 24).

Quanto ao método de categorização, foi escolhido o modo indutivo, que objetiva elaborar categorias com base nas unidades de análise que foram construídas, a partir do *corpus* da pesquisa. No estudo, foram formuladas as categorias que se originaram dos conteúdos analisados.

Na terceira e última etapa, ocorreu a análise e a produção do metatexto, que foi construído com base na unitarização e categorização ocorridas nas etapas anteriores. A análise visou a descrever os discursos apresentados nas categorias e subcategorias, validando e fundamentando as “descrições a partir de interlocuções empíricas ou ancoragem dos argumentos em informações retiradas dos textos”. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 35). O objetivo da análise textual foi aprofundar os significados e elaborar novos sentidos e teorias, a partir do material que formou o *corpus* elaborado através das entrevistas.

4.1 A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

A palavra *corpus* tem sua origem no latim e significa *corpo*. No âmbito acadêmico, *corpus* é o conjunto de materiais e documentos sobre um determinado tema. Segundo Bauer e Aarts (2011), o *corpus* é formado por todos os materiais identificados como fontes relevantes para que o pesquisador fundamente seu texto.

O *corpus* é a matéria-prima de produções textuais e formado pelo material textual colhido durante a pesquisa. Estes textos são compreendidos como produções linguísticas de algum fenômeno e podem ser descritos, interpretados e lidos, correspondendo assim aos diversos sentidos que deles podem ser elaborados. (MORAES; GALIAZZI, 2007).

Bauer e Aarts (2011) descrevem que, para definir um corpo teórico nas ciências sociais, os linguistas e pesquisadores qualitativos empenham-se a estudar variedades nos temas, nas opiniões, atitudes, nos estereótipos, nas cosmovisões, nos comportamentos e nas

práticas da vida social. Entretanto, como essas variedades são ainda desconhecidas, os pesquisadores sugerem um procedimento por etapas que envolve: “selecionar preliminarmente; analisar essa variedade; e ampliar o *corpus* de dados até que não se descubra mais variedades”. (BAUER; AARTS, 2011, p. 55).

O *corpus* é concebido como um sistema que cresce. Bauer e Aarts concordam com as sugestões de Barthes (1967, p. 95s, apud BAUER; AARTS, 2011, p. 55) que, “para o delineamento do corpus podem ser úteis para a seleção qualitativa: relevância, homogeneidade e sincronicidade”. Os assuntos devem ter relevância, conectados a partir de um ponto de vista apenas. Devem ser homogêneos, tanto quanto possível, no que se refere à substância material dos dados, e os materiais a serem estudados devem fazer uma interseção da História, escolhidos dentro de um ciclo natural e sincrônico. Gaskell (2011, p. 64) refere que “nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada”. O autor argumenta ainda que

[...] a entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação, objetivando uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (GASKELL, 2011, p. 65).

Gaskell (2011, p. 68) compreende que “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas, ao contrário, explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em questão”. Por sua vez, o “objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista”, diferentemente do que ocorre através da amostra do levantamento, em que a amostra probabilística pode ser aplicada na maioria dos casos. (p.70).

4.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Como o objeto de estudo trata da hospitalidade na romaria ao Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, os critérios de seleção dos sujeitos entrevistados são: 1) conhecer a história da romaria; e, 2) ter ou ter tido algum vínculo e/ou participação com esse ritual religioso, que ocorre no município de Farroupilha, RS. A escolha dos sujeitos que participaram da pesquisa de campo foi baseada nos seguintes critérios:

- a) ter tido alguma experiência na romaria do Santuário Nossa Senhora de Caravaggio;
- b) ter vinculação com a Igreja, ter atuado ou estar atuando na igreja local;

c) ter participado de forma efetiva em alguma das romarias que ocorreram no Santuário, mediante contribuição de serviços em prol do Santuário e da romaria;

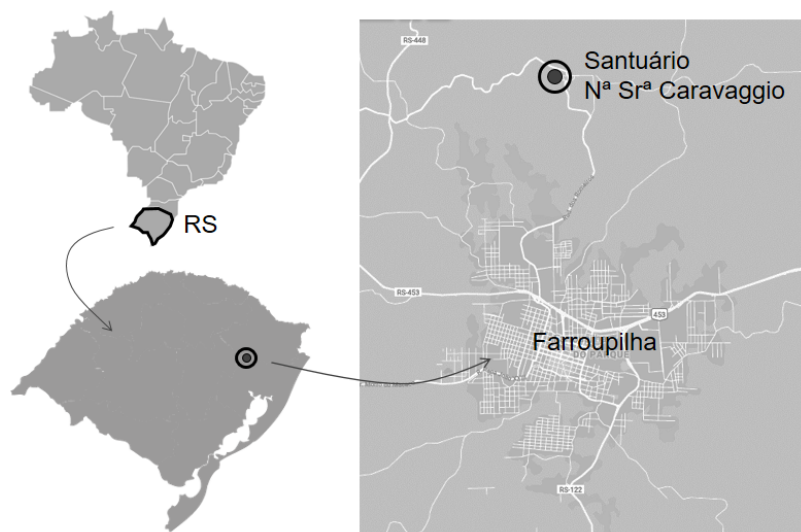
d) estar disponível para participar da pesquisa e aceitar a publicação dos seus depoimentos, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram realizadas 24 entrevistas buscando conhecer a posição dos diversos representantes da Igreja, que atuaram no Santuário. Além desses que tiveram atuação na organização da romaria, a proposta inclui o conhecimento das posições dos representantes da Igreja e de suas autoridades (bispos, sacerdotes, religiosas e auxiliares), que atuam ou atuaram no Santuário. A seleção dos entrevistados incluiu a participação daqueles que estiveram envolvidos no acolhimento aos peregrinos, razão pela qual, neste momento, não foram incluídos os peregrinos nas entrevistas. Outro motivo também foi o fato de já ter sido realizada uma pesquisa no local, visando estudar a hospitalidade na ótica dos romeiros, pela pesquisadora Mônica Schneider (2013).

4.3 O LOCAL DA PESQUISA: SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DE *CARAVAGGIO*

A pesquisa teve como foco o estudo da hospitalidade no Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, que se localiza no município de Farroupilha, RS (Figura 1). Como já mencionado anteriormente, o Santuário é um dos maiores do Sul do Brasil, bem como em número de peregrinos, e o estudo da romaria pode promover o conhecimento do movimento que ocorre nesse deslocamento, com características religiosas, sendo importante para o campo do turismo religioso.

Figura 1 – Localização do Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, em Farroupilha, RS



Fonte: Adaptado de Google Maps (2018), SETCESUL (2018) e Clker.com (2018).

O Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, em Farroupilha, RS, é o maior santuário religioso do Sul do Brasil pelo fluxo de peregrinos. Localizado a seis quilômetros do centro da cidade, anualmente recebe milhares de fiéis provindos de diversos estados brasileiros e de inúmeros países. Padroeira do Município e da região colonial italiana, o dia que celebra a aparição de Nossa Senhora de *Caravaggio* é feriado municipal.

Nos dias da romaria, ocorre um grande fluxo de peregrinos de localidades vizinhas, que se dirigem ao Santuário, principalmente a pé, sendo que a maioria é de Caxias do Sul, conforme acervo estatístico do Santuário de *Caravaggio*. Em 2016, a romaria a *Caravaggio* foi declarada bem cultural de natureza imaterial de Caxias do Sul.²⁰ Está situado num local elevado em relação a seu entorno, proporcionando uma bela vista paisagística com vales, vegetação e ar próprio de montanha.

O Santuário está situado na diocese de Caxias do Sul, a qual engloba 28 municípios, numa área de 11.034 quilômetros quadrados, situada a leste setentrional do Estado do Rio Grande do Sul. A diocese conta com 74 paróquias que formam 1.005 comunidades. Destas, 335 são dedicadas a títulos de Nossa Senhora e das quais 45 recebem o título de Nossa Senhora de *Caravaggio*, o mais escolhido entre os demais. (GUIA DA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL, 2017).²¹

Farroupilha é considerado o município onde primeiro ocorreu a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Em sua fase inicial, a migração foi impulsionada por meio da política de colonização da época, promovida pelo atual governo, cujos objetivos eram “ocupar o espaço de terras devolutas por imigrantes europeus; exercer o trabalho livre; garantir a propriedade privada e usufruir da mão de obra familiar”. (HERÉDIA, 2012, p. 122). Esse período foi marcado pelo desenvolvimento das atividades primárias, que resultou na expansão do comércio agrícola. Herédia (2015) assinala ser o fenômeno migratório internacional decorrência de desenvolvimento desigual, em que populações sofrem efeitos de políticas econômicas, quando não garantem a possibilidade da sua própria reprodução.

Farroupilha está localizada no nordeste do estado, distante 111 quilômetros da capital, Porto Alegre, e a 19 quilômetros de Caxias do Sul. Sua localização é considerada favorável

²⁰ Trajeto realizado pelos romeiros entre Caxias do Sul e o Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, em Farroupilha, foi declarado “bem cultural de natureza imaterial”. Ver Anexo A: Matéria informativa sobre a romaria ao Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*.

²¹ Os demais e principais títulos atribuídos às comunidades-Igreja são: N. Sra. Aparecida (37); N. Sra. do Rosário (30); N. Sra. da Saúde (28); N. Sra. das Graças (24); N. Sra. de Fátima (23); N. Sra. de Lourdes (14); N. Sra. do Carmo (14). As demais 120 comunidades dedicadas a Nossa Senhora estão sob outros títulos. (GUIA DA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL, 2017).

para o turismo, pois se encontra próxima a dois destinos turísticos indutores do estado, Gramado e Bento Gonçalves, respectivamente, a 86 quilômetros e a 26 quilômetros de ambos. Localizada na microrregião de Caxias do Sul, possui uma área urbana de 40,32 quilômetros quadrados e uma área rural de 318,98 quilômetros quadrados. Está situada a 783 metros acima do nível do mar e em clima subtropical. A estimativa de população em 2017, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de 69.542 habitantes e o índice de desenvolvimento humano (IDH), em 2010, de 0,777. (IBGE, 2018). O município destaca-se pela economia diversificada, com a indústria representando maior participação no crescimento econômico, com expressão do setor metalmeccânico, seguida pelo segmento de embalagens, comércio atacadista e varejista, pela agricultura e por serviços. É considerada a capital nacional da malha, maior produtor de kiwi e de uvas moscatéis do País.

O turismo local tem sua maior expressão nos segmentos de: religiosidade, cultura, parques, feiras e museus. Entretanto, o maior atrativo é o Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, que atrai anualmente um fluxo em torno de um milhão e meio de pessoas²² provenientes de todos os estados do Brasil e de mais de oitenta países, conforme já mencionado. Na romaria de 2016, foi estimada a presença em torno de 180 mil peregrinos (SANTUÁRIO DE *CARAVAGGIO*, 2016); em 2017, foram 70.000, em período em que ocorreu muita chuva (SANTUÁRIO DE *CARAVAGGIO*, 2017), e, em 2018, foram 145.000 peregrinos (SANTUÁRIO DE *CARAVAGGIO*, 2018b), tendo em conta que, nos dias dessa romaria, estava ocorrendo a contenção de combustível pela paralização dos transportes no País.

Um fato importante a considerar é a condição climática, pois, como a romaria caracteriza-se por ter grande fluxo de pessoas que se deslocam a pé para o Santuário, a ocorrência de chuvas, naqueles dias, prejudica a mobilidade e, em consequência, interfere na participação dos peregrinos.

Entre os atrativos turísticos, o município conta com dois importantes parques. O parque Santa Rita, que está localizado numa área de 80 hectares, a três quilômetros da cidade, por acesso asfaltado, e conta com lago artificial, ilha, restaurante, churrasqueiras ao ar livre, quiosques e parque infantil e uma ampla área para passeio. E o Parque dos Pinheiros, no centro da cidade, que dispõe de uma área de 22 hectares, com lago artificial, piscina pública,

²² Ver Apêndice A – Relatório de Visitas de Peregrinos ao Santuário de *Caravaggio* de 2003 a 2017. Os dados representam as visitas dos peregrinos a partir de registros no livro de presenças e de frequência nas missas no Santuário, conforme dados disponibilizados pela direção do Santuário. Acervo do Santuário, Farroupilha, 2018. (Organização da autora).

pista para caminhadas, parque infantil, pista de *skate*, quadra de futebol e vôlei de areia. Possui um restaurante com atendimento diário, bem como estrutura para festas. Já a 11 quilômetros do centro da cidade, encontra-se a cascata do Salto Ventoso, uma queda d'água com 52 metros de altura, sobre uma gruta com 200 metros de extensão em seu percurso, em formato de meia-lua, por 25 metros de altura.²³

Na cidade encontram-se ainda outros atrativos que remetem ao tempo da imigração. A Praça da Imigração abriga a sede do Encontro das Tradições Italianas – Entrai, que ocorre a cada dois anos; situa-se no local onde se estabeleceram as três primeiras famílias em 1875. Nessa praça, está a réplica dos passaportes desses imigrantes, a igreja, o parque infantil e uma gôndola veneziana com onze metros de comprimento, que foi presente do governo italiano pelo Centenário da Imigração Italiana, comemorado em 1975. E, em Nova Milano, está o Monumento do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, inspirado nas três primeiras famílias que colonizaram a região.

No centro da cidade, está localizada a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, construída em estilo gótico em 1932, com duas torres com 49 metros de altura e tombada pelo Conselho de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Farroupilha. O Museu Municipal Casa de Pedra, localizado no bairro Nova Vicenza, e construído entre 1890 e 1896, em alvenaria e pedras regulares aparentes, representa a arquitetura típica da imigração italiana no Rio Grande do Sul e abriga um acervo de utensílios e móveis, que retratam a vida dos imigrantes italianos. Criado em 1983, foi tombado pelo Patrimônio Histórico do Município em 1988. E, no centro também, encontra-se o Museu Casal Moschetti, inaugurado em 1972, localizado na casa que pertenceu a um importante líder religioso do local. No museu, encontra-se uma coleção de pratarias, porcelanas, objetos de mármore, móveis esculpidos à mão, cristais, pinacoteca de diversos artistas, uma biblioteca e quadros pintados pela doadora, que era uma italiana naturalizada brasileira.

Entre os principais eventos, ocorre o Encontro das Tradições Italianas (Entrai), antes citado, que envolve música, dança, teatro, gastronomia, exposições, artesanato e outros produtos locais. A Festa Nacional do Kiwi e Feira Industrial de Farroupilha é um evento que ocorre a cada dois anos e reúne exposições de produtos, gastronomia, shows e atrações especiais, nos pavilhões do Parque Cinquentenário, para um público de aproximadamente 120 mil visitantes. (PREFEITURA DE FARROUPILHA, 2017). O município, que traz o nome

²³ O local foi cenário para o filme “O Quatrilho”, obra de José Clemente Pozenato, e da minissérie brasileira de TV, “Quinto dos infernos”.

por ter sido emancipado no ano de comemoração do centenário da Revolução Farroupilha, comemora a semana Farroupilha, que recorda a data de 20 de setembro, com promoções, apresentações artísticas, ações educativas e culturais, e com acampamento e participações artísticas de centros de tradições gaúchas.

O Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio* é seu principal atrativo turístico e acolhe milhares de visitantes anualmente, mas principalmente nos finais de semana e nos dias de romaria (Figura 2). O Santuário atual, com capacidade para duas mil pessoas, foi construído em estilo romano, de 1945 a 1963, com projeto arquitetônico do arquiteto Ticiano Bettanin, que se inspirou no Santuário de *Santa Maria del Sacro Fonte*, de *Caravaggio*, Itália. (PASA, 2013).

Figura 2 – Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, Farroupilha, RS.



Fonte: Santuário de *Caravaggio* (2018c).

Além do Santuário antigo, o espaço conta com: rádio, capela dos ex-votos, sala de confissões, espaços de eventos, restaurantes, local de venda de artigos religiosos e demais estruturas de apoio.

A devoção à Nossa Senhora de *Caravaggio* foi trazida ao local pelos primeiros imigrantes italianos que aí se estabeleceram em 1876, vindos da região do Vêneto, Norte da Itália. Herédia (2015), ao abordar a questão das migrações, descreve que “os movimentos migratórios internacionais, do final do século XIX, foram decisivos na conformação da estrutura econômica e social do Brasil, principalmente nas características das regiões do Sudeste e do Sul”. (HERÉDIA, 2015, p. 95).

Conforme a história narrada por Bertuol (1950), a aparição de Nossa Senhora de *Caravaggio* aconteceu no dia 26 de maio de 1432, às 17 horas, a uma camponesa chamada

Joaneta, num lugarejo conhecido como Prado de Mazzolengo, localizado a uns 1.800 metros de *Caravaggio*, no Norte da Itália, nos limites dos Estados de Milão e Veneza e na divisa de três dioceses: Cremona, Milão e Bérghamo e num momento de grandes conflitos. Joaneta, com 32 anos, era tida como piedosa e sofredora. A causa era o marido, Francisco Varoli, um ex-soldado conhecido pelo mau-caráter e por bater na esposa. Maltratada e humilhada, na tarde daquele dia, colhia pasto naquele prado.

Bertuol situa a época, ano de 1432, marcada por divisões políticas e religiosas, ódio, heresias, batida por bandidos e agitada por facções, traições e crimes, naquela região da Itália. Além disso era cenário da Segunda Guerra Mundial, entre a República de Veneza e o Ducado de Milão, tendo passado para o poder dos venezianos em 1431, um ano antes do evento de *Caravaggio*.

O relato ainda conta que, entre lágrimas e orações, Joaneta avistou uma senhora que, em sua descrição, parecia uma rainha, mas que se mostrava cheia de bondade. Dizia-lhe que não tivesse medo e mandou que se ajoelhasse para receber uma grande mensagem. A senhora anuncia-se como “Nossa Senhora” e diz: “Tenho conseguido afastar do povo cristão os merecidos e iminentes castigos da Divina Justiça, e venho anunciar a paz.” (BERTUOL, 1950, p. 29). Nossa Senhora de *Caravaggio* confia à Joaneta a missão de levar a mensagem aos governantes e ao povo, com o pedido de que voltem às práticas cristãs católicas, jejuem todas as sextas-feiras e, em honra a seu Filho e em seu louvor, rezem aos sábados de tarde em agradecimento pelos castigos afastados. Além disso, pede que, naquele local em que se encontra, seja erguida uma capela. Como sinal da origem divina da aparição e das graças que ali seriam dispensadas, ao lado de onde estavam seus pés, brota uma fonte de água límpida e abundante, existente até os dias atuais e onde nela muitos doentes recuperam a saúde. (BERTUOL, 1950).

Ao relatar a história do Santuário, em *Caravaggio*, Farroupilha, Bertuol descreve que os imigrantes, com suas pobres bagagens, trouxeram consigo um tesouro inestimável, uma fé profunda, costumes morais, sociais e familiares muito sólidos e um grande amor ao trabalho, com espírito de economia, poupança e previsão. Destaca que a maioria deles era dependente de senhores herdeiros dos feudos da Idade Média. Menciona que, na nessa região em que se estabeleceram os imigrantes, depararam-se com grandes desafios:

[...] derrubaram matas, fizeram casas e roças, plantaram, colheram e tornaram a agricultura robusta. Levantaram vilas e cidades e indústrias que chamaram a atenção do mundo. Junto às rudimentares moradias, priorizaram capelas, capitéis, igrejas, marcos da fé trazidas da terra de origem. Construíram escolas para a educação dos filhos, hospitais, conventos, seminários. Muitos destes filhos se tornaram sacerdotes,

religiosos, professores, enfermeiros, missionários, primeiro na região e depois expandindo sua presença no mundo. Outros jovens que receberam nessas escolas aprimoradas uma boa formação, mas não seguiram a vida religiosa, se tornaram pessoas de bem nas diversas profissões, na agricultura, no comércio, no magistério, na advocacia, na justiça, na política e mesmo em altos postos do governo. (BERTUOL, 1950, p. 8).

Em meio às necessidades de sobrevivência, a religião que trouxeram de suas origens foi muito importante para superarem os desafios da vida. A iniciativa de rezarem, reunindo as famílias, no rodízio de casa em casa, motivou a iniciativa de providenciarem uma capela para oração. Com a capela, era necessário escolherem um padroeiro; após refletirem sobre algumas opções, a decisão recaiu à figura de Nossa Senhora de *Caravaggio*, porque um dos moradores locais possuía um pequeno quadrinho trazido de sua terra de origem. O quadrinho seria em forma de empréstimo até providenciarem sua substituição. O relato de Bertuol (1950) descreve que o referido quadro já era objeto de veneração no lugarejo da família, na pátria de origem. Nesse lugar, as famílias das colônias próximas já se reuniam, traziam enfermos e rezavam em torno dele; pediam graças à Nossa Senhora, sendo atendidos em muitas ocasiões.

O espírito religioso, alicerçado na fé trazida da pátria de origem, demonstrou ao longo do tempo ter sido um elemento importante e que sustentou a esperança dos moradores da localidade. Dom Benedito Zorzi (1986), ao escrever sobre o evento de *Caravaggio*, relata:

Os romeiros vêm para implorar a proteção de Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja; para adorar a Deus na prece, no recolhimento, na meditação; para se encontrar com Jesus, o Filho bendito de Maria, sobretudo ouvindo a Palavra de Deus, participando do santo Sacrifício da missa e recebendo os santos sacramentos da penitência e da Eucaristia: vêm pedir graças e favores de toda a ordem. Vêm agradecer graças recebidas. Não há outros atrativos e nem se pretende que os haja: Caravaggio deve sempre preservar-se num lugar de oração; um recanto de meditação, onde se tomam decisões de reforma de vida; um oásis que aproxima os homens do céu; que mostra o valor do que é eterno e a caducidade das coisas que o mundo oferece aos homens, peregrinos de uma vida melhor e definitiva. (ZORZI, 1986, p. 9-10).

Joaneta, na condição de porta-voz, leva ao povo e aos governantes o recado de Nossa Senhora para solicitar-lhes, em nome da santa, os acordos de paz. Apresenta-se a Marcos Secco, senhor de *Caravaggio*, ao Duque Felipi Maria Visconti, senhor de Milão, ao imperador do Oriente, de Constantinopla, João Paleólogo, no sentido de unir a Igreja dos gregos com o Papa de Roma. Em suas visitas, levava ânforas de água da fonte sagrada, que resultavam em curas extraordinárias, prova de veracidade da aparição. Os efeitos da mensagem de paz logo apareceram. A paz aconteceu na Pátria e na própria Igreja. Bertuol descreve que, até mesmo Francisco, melhorou nas suas atitudes com a esposa Joaneta. Observa que sobre ela, após cumprida a missão de dar a mensagem de Maria ao povo, aos

estados em guerra e à própria Igreja católica, os historiadores pouco ou nada falam. Por alguns anos foi visitada a casa onde ela morou que, com o tempo, desapareceu no anonimato. (BERTUOL, 1950).

Bertuol traça o perfil de Joaneta como sendo mulher simples, virtuosa e embaixadora de Nossa Senhora de *Caravaggio*. Destaca que, como as demais figuras de outras aparições, “Nossa Senhora elegeu pessoas de condições simples e humildes para serem porta-voz das mensagens de piedade, advertência, bênçãos e favores celestiais”. (BERTUOL, 1950, p. 62). Em Salette, são os piedosos e modestos pastores que receberam a missão da Mãe de Deus, de levar aos homens seus pedidos compassivos; em Lourdes, Bernadette polarizou as atenções das massas populares e das mais altas autoridades civis, eclesiásticas e científicas; em Fátima, foram as piedosas crianças Lúcia, Francisco e Jacinta, oriundas de famílias pobres e plebeias; em Guadalupe, o desprezioso índio Juan Diego foi o mensageiro da vontade de Virgem Maria às autoridades eclesiásticas e governamentais. O que é comum, em todos os videntes, é que foram pessoas simples e de oração. E, após os eventos das aparições, manifestaram vida simples e religiosa, prezando pelo anonimato. Pouco ou quase nada sabe-se deles daí em diante. Assim também aconteceu com a vidente de *Caravaggio*.

A devoção à Nossa Senhora de *Caravaggio* foi levada pelos imigrantes italianos a diversos lugares e de diversos estados brasileiros. Nas migrações internas, os filhos desses também levaram a devoção para as novas terras que foram povoar. Além do Santuário em Farroupilha, RS, deram origem aos santuários em Azambuja, SC, em Nova Veneza, SC, em Canela, RS, em Paim Filho, RS e a dezenas de capelas nas Regiões Sul e Oeste do Brasil. (ZORZI, 1986).

O primeiro oratório foi construído no local por dois moradores que abateram um pinheiro e dele extraíram a madeira. Media de 3 a 4 metros quadrados e o construíram em segredo dos demais moradores. Bertuol (1950) relata que, quando os demais o souberam, interviram para ampliar seu tamanho, pois desejavam que todas as famílias locais pudessem se beneficiar para nele rezar. A capela então, pela iniciativa das 22 famílias locais, foi refeita para abrigar em torno de cem pessoas e foi inaugurada em 1879, data considerada a da fundação do Santuário.

Os padres que atendiam à região deslocavam-se para o local, a fim de celebrar missas, bem como havia fluxo de pessoas de outras localidades vizinhas para a prática religiosa. Em 1885, o quadrinho da devoção, atualmente exposto no mobiliário que sustenta o conjunto estatutário, dentro do Santuário, foi substituído pelas imagens esculpidas por Pietro Stangherlini, escultor da época, que residia em Caxias do Sul. A base de referência para sua

confeção foi o próprio quadrinho cedido pelo grupo de *Caravaggio*. O transporte das imagens de Caxias à *Caravaggio*, seguiu envolvendo-as em lençóis e suspensas nos ombros de dois homens a cada imagem. Os demais da comitiva seguiam de perto e os substituíam quando cansavam. Ao término do trajeto, segundo Bertuol (1950), os que transportavam o conjunto de imagens as colocaram sobre uma padiola, preparada de andor enfeitado. Dessa forma, o conjunto estatuário entrou solenemente no lugarejo e foi colocado na capela que haviam construído.

Bertuol relata o fluxo de peregrinos nas primeiras décadas das romarias, em que se evidencia crescimento ano a ano. Em 1925, estimou-se entre 2 e 3 mil devotos. Em 1935, teria sido em torno de 5 mil. Em 1948, 25 mil e, em 1949, de 30 a 35 mil. No ano 1950, foram em torno de 40 mil, tendo ocorrido a festa numa sexta-feira. (BERTUOL, 1950, p. 137).

O relato histórico descrito por Bertuol demonstra que a lugarejo de *Caravaggio* foi um lugar acolhedor desde sua origem. Já nas primeiras romarias os moradores do local acolhiam os peregrinos oferecendo a própria casa para lhes dar conforto. “Nas décadas de 1930 a 1950, os moradores de Caravaggio improvisavam em suas moradias galpões e paióis, leitos com feno, folhas e palhas, a fim de alojar os visitantes à noite.” (BERTUOL, 1950, p. 137). Há o relato de que, numa propriedade local, num único dia, em torno de cem animais de montaria eram desencilhados no pasto da família de Antônio Franceschett. Fatos semelhantes ocorriam em outras residências de *Caravaggio* (BERTUOL, 1950).

O espírito atestado no acolhimento que ocorreu e que ocorre em *Caravaggio*, demonstrado na história escrita e em relatos atuais, sugere que a hospitalidade faz parte da identidade assimilada pela prática religiosa. Esse gesto é percebido também no empenho de muitas pessoas que, residentes ou que se deslocam para o local, vêm prestar colaboração com seu serviço voluntário nos dias da romaria. Nos últimos anos, conforme dados fornecidos pela direção do Santuário, em torno de mil pessoas contribuem com serviço voluntário, anualmente, nos dias da romaria. (SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO, 2016, 2018a, b, c, d).

4.4 COLETA DOS DADOS DA PESQUISA

A coleta dos dados da pesquisa foi realizada por intermédio de uma pesquisa de campo, que buscou apurar a posição dos sujeitos que tiveram ou tinham vinculação ao tema proposto. De acordo com Vergara (2006, p. 47), a pesquisa de campo “é a investigação empírica realizada no local onde ocorre um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-los. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes de observação participante ou não”. De acordo com Gonsalves (2001, p. 67), “a pesquisa de campo pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada” e exige do pesquisador um encontro mais direto e no espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu, reunindo um conjunto de informações a serem documentadas.

A pesquisa de campo foi realizada em forma de entrevistas individuais guiadas²⁴ e gravadas com os sujeitos definidos pelo estudo. A transcrição das entrevistas com os sujeitos definidos pela pesquisa formaram o *corpus* da pesquisa. De acordo com os critérios estabelecidos para a pesquisa, foram realizadas 24 entrevistas,²⁵ pela autora deste trabalho, entre 23/12/2016 e 19/4/2018. O Quadro 1 oferece alguns indicadores dos entrevistados.

As primeiras entrevistas (1 a 8) foram realizadas num primeiro momento, ocorrido na primeira fase da pesquisa, validando o instrumento para prosseguimento. As entrevistas de 9 a 23 ocorreram entre um período de 40 dias (22/6 a 1º/8/2018). E a última entrevista, a de número 24, ocorreu em momento posterior, em virtude de dificuldades de conciliar agendamento.

Dos entrevistados, 12 são sacerdotes, sendo que, dentre estes, dois são bispos; não foram identificados em virtude de o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido prever o sigilo da identidade. Os demais entrevistados foram três religiosas, sete moradores locais, um ex-morador e um colaborador no Santuário.

Dos 24 entrevistados envolvidos na pesquisa, seis eram mulheres e 18 eram homens, com idades entre 23 a 98 anos; três com idade entre 23 a 39 anos; nove tinham entre 40 a 69, e 10 entre 70 e 98 anos.

²⁴ Ver Apêndice C – Roteiro de Entrevista.

²⁵ Ver Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Quadro 1 – Entrevistados da pesquisa

Código	Data da entrevista	Função/Ocupação Atual	Escolaridade	Idade
E 1	23/12/2016	Sacerdote	Superior	98
E 2	23/12/2016	Sacerdote	Superior	79
E 3	22/2/2017	Religiosa	Superior	77
E 4	22/2/2017	Morador de Caravaggio	1º Grau	74
E 5	23/2/2017	Sacerdote	Superior	50
E 6	28/2/2017	Morador de Caravaggio	Superior	56
E 7	23/2/2017	Sacerdote	Superior	39
E 8	1º/3/2017	Sacerdote	Superior	81
E 9	22/6/2017	Sacerdote	Superior	56
E 10	28/6/2017	Religiosa	Superior	74
E 11	1º/7/2017	Sacerdote	Superior	65
E 12	3/7/2017	Moradora do Caravaggio	2º Grau	44
E 13	3/7/2017	Morador de Caravaggio	2º Grau	40
E 14	3/7/2017	Morador de Caravaggio	1º Grau	68
E 15	3/7/2017	Moradora de Caravaggio	1º Grau	40
E 16	3/7/2017	Religiosa	Superior	66
E 17	8/7/2017	Sacerdote	Superior	52
E 18	12/7/2017	Ex-moradora de Caravaggio	Primário	76
E 19	26/7/2017	Sacerdote	Superior	73
E 20	29/7/2017	Morador de Caravaggio	Superior incompleto	23
E 21	29/7/2017	Sacerdote	Superior	88
E 22	29/7/2017	Sacerdote	Superior	32
E 23	1º/8/2017	Colaborador no Santuário (não residente)	Superior	75
E 24	19/4/2018	Sacerdote	Superior	55

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Há mais representantes da Igreja pertencentes ao clero e religiosas (15), em relação aos membros da Igreja que representam a comunidade local nos serviços ao Santuário, dada a constatação de saturação nas respostas. Os moradores locais demonstraram homogeneidade, na memória coletiva evidenciada em seus relatos. A história de suas famílias, das gerações que os precederam, as citações bíblicas que utilizaram para justificar suas práticas devocionais identificam o predomínio de similaridade de linguagem cultural em suas falas.

Por outro lado, os sacerdotes, em suas contribuições ao serviço no Santuário, trazem presente uma memória viva, com experiência de serviço no local, de mais de trinta anos, exercendo funções de organização das romarias e atendimento aos peregrinos. Outros, que colaboraram ao longo do tempo, além dos períodos de vínculos permanentes, quando de romarias.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS DA PESQUISA

A análise dos resultados das entrevistas visa ao entendimento das posições dos entrevistados, em relação às questões norteadoras do estudo. Por meio do método de análise textual discursiva, o procedimento metodológico proporcionou que emergissem do texto quatro categorias analíticas, que serviram para analisar o conteúdo das narrativas.

As narrativas presentes nas entrevistas nortearam a construção de categorias de análise, que foram usadas para identificar e descrever as percepções e ações dos sujeitos atuantes, nos processos que envolvem o acolhimento que a Igreja local oferece aos peregrinos. A Igreja é compreendida como coletividade e não como um gesto individual simplesmente. Por isso, as respostas às perguntas formuladas são sempre dadas no sentido do *nós*, numa configuração de atores que se sentem comprometidos com o ambiente coletivo e nele buscam agir de forma conjunta. Embora sujeitos individuais, cada um considera-se parte da identidade de um grupo, de uma coletividade, da comunidade do Santuário, mas também da instituição religiosa *Igreja católica* como um todo.

As categorias que nasceram do discurso dos entrevistados e sintetizam suas principais ideias foram: Hospitalidade como acolhimento; o Santuário como lugar de hospitalidade; a força do Evangelho nas práticas devocionais; e Comunidade, pertença e solidariedade.

5.1 HOSPITALIDADE COMO ACOLHIMENTO

Nas falas dos sujeitos da pesquisa, identifica-se a ideia de hospitalidade tida pela comunidade local em seu imaginário coletivo; a concepção de hospitalidade tende ao acolhimento, visto que interpretam que o termo *hospitalidade* tem mais o sentido de gestos relacionados ao aspecto material, enquanto que, na Igreja, consideram mais apropriado utilizar o termo *acolhimento*. A vinculação deste significado se prende mais à dimensão espiritual religiosa, visto considerarem que o peregrino que chega ao local tem motivação religiosa, o que remete ao acolhimento do *outro*.

Os entrevistados, em suas manifestações, conceituam a hospitalidade da Igreja utilizando principalmente os termos *acolhimento*, *acolhida* e *acolher*, em substituição ao termo *hospitalidade*. O termo *acolhimento* remete a uma relação interpessoal entre acolhedor e acolhido, em que ocorre o recebimento, o atendimento, a atenção, a aceitação, a consideração, o respeito ao outro por aquele que acolhe. O acolhimento ainda implica uma

condição de sentir-se em abrigo seguro, onde a pessoa, em sua busca pessoal, encontra proteção, amparo, guarida, refúgio, diante de sua necessidade.

O acolhimento ocorre como fenômeno humano e relacional descrito por Baptista (2008), no qual as coisas do mundo transformam-se em conteúdos de interação e adquirem valor e sentido. A interação de acolhimento fica evidente pela manifestação das trocas afetivas entre os sujeitos que desejam acolher e ser acolhidos. O acolhimento ultrapassa o fato social considerado um simples ritual racional, como pode ser verificado na fala de um morador (E 6).

Hospitalidade é atender bem a pessoa. Na Igreja eu acho que deveria ser tratado não como hospitalidade mas como “acolhimento”. A pessoa que está passando por dificuldade ela tem que ser mais do que ser bem atendida. [O acolhimento requer]se colocar ao lado e se fazer um apoio para essa pessoa (E 6, morador).

O fenômeno relacional do acolhimento considera dimensões de cuidado para com o acolhido, como observa uma religiosa entrevistada (E 16).

Eu utilizaria essa palavra nem tanto como hospitalidade mas como uma “acolhida”. Acolhida, passa desde o interior da pessoa, a forma como a pessoa chega, como ela é acompanhada (E 16, religiosa).

O envolvimento com a realidade do outro, considerando que o outro, o peregrino, está no local por uma busca que, muitas vezes, envolve a dor humana física ou psíquica, motiva a compaixão e, em consequência, a atitude de cuidado, como tentativa de contribuir para aliviar sua dor. Por outro lado, o gesto de ajudar o outro também tem como contrapartida a vivência da aprendizagem, como elemento que impulsiona; tornar-se também um alguém mais acolhedor, como evidencia a fala de um sacerdote (E 5).

Falando humanamente, no termo hospitalidade, o que nós humanos oferecemos enquanto Igreja (padres, leigos, leigas, religiosos, religiosas) é esta mútua relação. É a partir da experiência de Deus que vamos fazendo cotidianamente a hospitalidade que o Pai do céu sempre nos oferece. De alguma forma, quem acolhe também está sendo acolhido, ou seja, sentir-se bem acolhido num lugar é também depois convite a ser acolhedor onde estiver (E 5, sacerdote).

O acolhimento é percebido pela descrição do afeto dirigido por aquele que acolhe e reconhecido por aquele que é acolhido. No gesto da atenção daquele que acolhe, acontece a presença sensível à expressão do outro, que traz sua experiência religiosa, seu mundo interior, suas inquietações pessoais para o contato com algo maior que a si, ou seja, o “sagrado”.

O sagrado aqui pode abranger diversos elementos como o próprio espaço físico do Santuário, aquilo que a imagem devocional representa, o encontro com Jesus através dos

sacramentos (Confissão, Eucaristia), como referem os documentos eclesiais Código de Direito Canônico (CDC, n. 1230) e doc. 170 (PCPMI, 1999, p. 11) sobre Aparições. Ainda a esse respeito, referem os autores Eliade (2001), Valle (2006), Foralosso (2003) sobre o conceito de sagrado, e Urry (2001) e Cárdenas (2012), acerca do sagrado como lugar de turismo religioso.

Milhares são as manifestações deixadas no local e que atestam a fé expressa pelos peregrinos. O respeito em acolher a individualidade de cada um, com simples gestos, é expresso na narrativa de uma religiosa do serviço de acolhimento no Santuário (E 3), que constata que para o peregrino “o acolher é tudo”.

Hospitalidade é acolher o pessoal que chega até aqui na porta. Eles querem entrar. Hospitalidade é o acolher a pessoa. O acolher a pessoa é tudo para eles. Sentir-se bem-acolhido. A maioria vem, entram, nem querem conversa. Ficam olhando. Muitos vão até Nossa Senhora ajoelhados, caminhando ajoelhados. Depois ficam no banco, ouvindo uma música bem baixinha, ficam uns dez a quinze minutos lá, em silêncio e saem tranquilos. Eles dizem mesmo “que paz entrou em mim! Uma paz interior! Agora vou para casa, vou no meu trabalho feliz!” A Igreja, a gente está sempre disponível para receber essas pessoas, porque eles precisam alguém, porque é assim a vida... muitos só falam, falam, mas não têm ninguém que escuta. Eles precisam às vezes desabafar e precisam alguém que escute (E 3, religiosa).

“Um pequeno acolhimento, um pequeno olhar, um pequeno sorriso para eles é tudo!” diz a religiosa (E 3). Retomando a colocação de Bertrand (2011), rir para alguém ou sorri-lhe é acolhê-lo com benquerença. O sorrir para a pessoa que se recebe cria indicadores favoráveis para a acolhida. Como observa a autora, o senso de hospitalidade se limita a formas civilizadas no rito que a envolve. O riso exercido de forma madura e sadia se traduz num estado de regozijo, que ultrapassa o poder das palavras e manifesta um estado de comunhão com Deus.

Tem vezes, a gente nem fala... um pequeno acolhimento, um pequeno sorriso pra eles é tudo. Saem satisfeitos. Um pequeno olhar. Não precisa muita coisa, só um olhar, eles saem felizes. Saem com paz. Acredito que isso toca muito, porque muitos vêm agradecer (E 3, religiosa).

A atitude de atenção à condição do *outro*, a dedicação do cumprimento, do sorriso ou do silêncio, como refere um sacerdote (E 17), sintetizam a forma inaugural da acolhida.

A primeira forma de acolhida é aquele encontro pessoal, o cumprimento, o sorriso, o silêncio quando a pessoa está em silêncio, o respeito quando a pessoa está em choro. A primeira atitude é essa de acolher a pessoa como pessoa, não importa a cor, não importa a profissão, não importa o modo de ser (E 17, sacerdote).

O Papa Francisco (2014), em sua conta no *Twitter*, em 30 de janeiro de 2014, no gesto de motivar os cristãos a viverem sua fé com alegria, expressou: “Não consigo imaginar um cristão que não saiba sorrir. Procuremos dar um testemunho alegre de nossa fé.” (FRANCISCO, 2014).

A hospitalidade, como acolhimento, apresenta ainda outros desdobramentos nas narrativas dos entrevistados. O acolhimento pode se manifestar no atendimento à pessoa que chega, considerando-a em suas dimensões corporal e espiritual. Esses gestos fazem parte da prática da caridade aconselhada pela Igreja, através das obras de misericórdia corporais, que dizem respeito às necessidades físicas do corpo e as espirituais, que dizem respeito às necessidades na dimensão psíquico-espiritual. A passagem bíblica sobre as *bem-aventuranças*, no Evangelho escrito por Mateus (5, 1-12), e a do *juízo final* (25, 31-46) oferecem a linha de identidade a se configurar no seguimento à prática cristã e lembradas nas falas de diversos entrevistados na pesquisa.

Vanier (1995) reforça que o acolhimento é símbolo de verdadeira maturidade humana e cristã, em que o acolher deve ir além do abrir a porta e a casa para alguém. Essa maturidade no acolhimento implica dar espaço ao outro, no coração, para que esse alguém possa existir e crescer, um espaço em que esse outro possa sentir-se aceito do jeito que é, com suas feridas e dons.

O acolhimento na dimensão corporal acontece através da disponibilização das estruturas materiais, que visam a suprir as necessidades básicas para o bem-estar dos peregrinos, a fim de que se sintam amparados no conforto físico e vivam a experiência religiosa a que se propuseram buscar no campo espiritual. A fala de um sacerdote (E 9) demonstra o entendimento de acolher o peregrinos em todos os seus aspectos básicos, embora sua busca tenha sido a espiritual.

Quando se fala da Igreja, a gente vê logo a questão espiritual. O foco principal é esse, mas entendo que a hospitalidade é a pessoa ser acolhida noutras necessidades. Hospitalidade é a pessoa se sentir acolhida no todo. Naquilo que a pessoa necessita, a pessoa que vai lá naquele dia, de fato, ser atendida nas condições mínimas dentro de todos esses aspectos (E 9, sacerdote).

Percebe-se que, para dar conta da hospitalidade que atenda à dimensão integral do peregrino, o espaço e o momento no Santuário requerem que se considere o que Grinover (2009) chamou de *hospitalidades*. O fato de as pessoas escolherem lugares, estilos, imagens, códigos, e os combinarem de acordo com suas próprias experiências pessoais, subverte o conceito consolidado de hospitalidade e faz pensar em comportamentos fragmentados. O

autor chama a atenção ao caráter cada vez menos público dos espaços urbanos, que tendem a reduzir sua visualização como espaços de pertencimento. Entretanto, o que observa-se no Santuário de *Caravaggio* é que os peregrinos dispõem livremente dos espaços e demonstram apropriarem-se deles com satisfação e referirem muitas vezes que encontram grande paz motivando-os a retornarem.

Nas estruturas materiais oferecidas pelo Santuário, estão os espaços e serviços que, além do templo em si, incluem o templo antigo – também utilizado para visitação e oração –, o memorial dos devotos, a capela para acender velas, o espaç o para contemplação dos mistérios do terço, os restaurantes, a loja de artigos religiosos, a capela para atendimento de confissões e escuta, espaç os de contemplação da paisagem, os estacionamento. Também dispõe de estrutura de comunicação com a web TV, *site* do Santuário e *Facebook* e uma rádio, os quais oferecem ampla divulgação das a es do Santuário.

Outras estruturas que integram o atendimento incluem o planejamento do trânsito e as demandas de transporte na romaria, o atendimento em saúde e   seguranç a pública, em pontos estratégicos do percurso e na esplanada do Santuário, além de vários pontos de apoio com distribuição de água, lixeiras, banheiros ecológicos e ambulâncias, na extensão dos 20 quilômetros da Estrada dos Romeiros, trajeto de Caxias do Sul ao Santuário. No acesso secundário, lado sul, dispõem também de uma pista de caminhada e ciclismo, que está sendo implementada.

Em relação ao templo em si, verifica-se a diversidade de atividades que compõem o atendimento tanto no aspecto físico como no espiritual (E 16, E 5).

As irmãs [religiosas] fazem o atendimento diariamente, abrindo as portas do santuário, acompanhando a dimensão litúrgica, na acolhida dos peregrinos, o cuidado com as alfaias, o cuidado com a ornamentação, arrumação do altar, o cuidado com os demais espaç os de visitação do santuário antigo, capela dos ex-votos (E 16, religiosa).

Percebo que a Igreja realiza o acolhimento de muitas formas principalmente na escuta, nas liturgias, nas missas, nas r citas do terço, nos espaç os sagrados que existem no entorno e que convidam   meditação, convidam   reflexão, convidam ao confronto consigo mesmo e com Deus, Deus Nosso Senhor (E 5, sacerdote).

Os sujeitos da pesquisa, ao expressarem as a es que envolvem o acolhimento no Santuário, referem a preocupação em atender esses aspectos materiais, pois eles se constituem básicos para que o peregrino possa realizar sua experiência de f  e atinja sua expectativa quanto ao que foi buscar. O *ir buscar*, no entendimento dos entrevistados, refere-se ao aspecto espiritual, ao encontro com os anseios mais profundos do ser e, principalmente, com o

transcendente; o encontro com Deus, com o auxílio da figura de *Nossa Senhora de Caravaggio*.

O atendimento espiritual é caracterizado pela atitude de estar aberto à realidade do outro, daquele que chega, que na romaria diz respeito a uma experiência religiosa pessoal, mas ao mesmo tempo coletiva, tendo em mente algo que está além do próprio ser (E 10).

A hospitalidade da Igreja é estar atenta à necessidade da pessoa. Também é ajudar na parte material, mas não é tanto na parte material como sim na parte da vida deles, da parte espiritual, a parte psíquica deles, do ser, porque muitas vezes eles não se sentem bem externamente porque está faltando alguma coisa na sua essência. A essência é buscar a felicidade. Então a hospitalidade da Igreja é esta: de acolher, conduzir, integrar e interiorizar aquilo que eles têm na vivência. Então, são hospitalidades que a gente faz com gente que vem a Caravaggio (E 10, religiosa).

Nesse sentido, no Santuário há oportunidades para que os peregrinos experimentem meios oportunos para vivenciarem o encontro consigo, com o outro, com o transcendente, com Deus. O Documento de Aparecida (CELAM, 2008, n. 259) faz referência ao gesto do peregrino caminhar e viver a experiência do mistério de buscar a Deus. Nessa atitude, os peregrinos se colocam em abertura para vivenciar não somente a transcendência de Deus, como também a transcendência de circunstâncias relacionadas à Igreja, à família e a seu bairro. Dessa forma, os peregrinos têm a oportunidade de vivenciar momentos de espiritualidade, através das liturgias que são amplamente oferecidas, do sacramento da reconciliação; do atendimento pela escuta e pelo aconselhamento, pelas orações da récita do terço e outros momentos de orações, pelos espaços disponíveis que colaboram para a reflexão, como o memorial dos devotos e a própria natureza no contemplar a paisagem.

Um dos principais aspectos a observar, a partir do revelado nas narrativas, é a disponibilidade e disposição de pessoas permanentemente abertas para o acolhimento, a atenção, a escuta e o cuidado com os peregrinos. A fala deste sacerdote (E 22) revela sua percepção de hospitalidade da Igreja, representando uma concepção bastante comum também relatada por outros entrevistados, no sentido de abertura humana para acolher o sofrimento do outro.

A hospitalidade da Igreja é a acolhida da pessoa não apenas do corpo, de dizer: “seja bem-vindo”, “pode sentar aqui”, mas é muito mais: é a acolhida das angústias, a acolhida de um choro se precisar, de sorriso, a acolhida da pessoa integral. A hospitalidade não tem raça, não tem classe social, não tem estilo de roupa; a hospitalidade é com quem chega. Aquele que chegou deve ser acolhido não apenas no seu corpo mas na sua integralidade. Eu diria, sobretudo, no seu desespero, na sua angústia. Hospitalidade é acolher a pessoa especialmente quando sofre. E o sofrimento aí varia. Eu falaria da falta do sentido da vida, falta de

esperança. Hospitalidade é acolher as pessoas como vêm, hoje, no seu ser completo (E 22, sacerdote).

Outra forma de manifestar o acolhimento é através da escuta. A escuta permite criar um espaço livre no qual aquele que chega, o peregrino, possa entrar e tornar-se amigo e não o seu oposto. O acolher é oferecer à pessoa que chega um espaço, no qual possa acontecer a mudança, aquilo que a pessoa busca. Como refere Nouwen (2011), o paradoxo da hospitalidade é o de criar um vazio, mas não um vazio temeroso, mas um vazio amistoso, no qual os estranhos podem penetrar em si mesmos e descobrir-se. Esse espaço de escuta e respeito à presença e condição existencial do outro é descrito na fala de um sacerdote (E 8).

Por hospitalidade da Igreja eu entendo que a gente saiba ouvir o que as pessoas desejam, de serem ouvidas no que elas desejam participar, comunicar para a Igreja e desejam ser compreendidas pela Igreja, nessa hora que elas vão à romaria. Acolhimento é proporcionar que a pessoa possa dizer o que ela sente, o que ela espera. Ela não busca outra coisa a não ser o acolhimento, ou seja, esse momento em que ela expressa o que ela sente, o que ela sofre, o que, aliás, é muito próprio do Santuário de Caravaggio (E 8, sacerdote).

A escuta propicia o encontro pessoal que proporciona um espaço interior, em que o outro, aquele que está necessitado de atenção, possa expor sua realidade e vivencie uma oportunidade de dissipar obstáculos pessoais, como sustenta Nouwen (2011). A fala de um sacerdote (E 17) evidencia isso.

A primeira forma de acolhida é aquele encontro pessoal. Então, seja o cumprimento, seja o sorriso, seja o silêncio quando a pessoa está em silêncio, o respeito quando a pessoa está em choro. A primeira atitude é essa: de acolher a pessoa como pessoa, não importa a cor, não importa a profissão não importa o modo de ser. Então, o primeiro grande objetivo é acolher a pessoa, escutá-la. Hospitalidade da Igreja se trata de fato de apresentar o que se tem de melhor e acima de tudo estar disposto a gastar tempo com a pessoa; que humanamente a gente abra espaço, não apenas o espaço físico, mas o espaço interior no coração para receber bem a pessoa, para não expulsar, para dar-lhe a oportunidade de fazer uma experiência bonita de fé e de encontro (E 17, sacerdote).

Por outro lado, a Igreja, como instituição religiosa, que, em seu marco doutrinal, revela a imagem de ser um lugar de caridade com aquele que sofre, tem no Santuário a oportunidade de comunicar o gesto de generosidade a quem a ele recorre. Um sacerdote (E 21) expressa seu entendimento de hospitalidade como acolhimento e transmissão de esperança fundada na fé.

Hospitalidade é acolher as pessoas, ouvir o que elas sentem, suas preocupações e procurar dar uma resposta de fé para que possam assumir a vida e corresponder à própria vocação. Acolher é ouvir, entender e dar uma resposta de fé, amor,

esperança para que a pessoa possa continuar a caminhada da vida (E 21, sacerdote).

Como refere Vanier (1995), acolher é símbolo de verdadeira maturidade humana e implica dar espaço no coração, para que esse alguém que busca ser acolhido possa existir e crescer; possa sentir-se aceito do jeito que é, com suas feridas e dons. Para que ocorra esse acolhimento, é preciso que exista, no coração de quem acolhe, um lugar silencioso, tranquilo e em paz. O gesto de escutar requer, do ouvinte, espírito de generosidade bem como inspirar confiança e segurança, pois uma pessoa só se abre a alguém, quando tem a certeza de que esta irá respeitar o segredo. Na confissão, há a implicação do sigilo sacramental, atitude fundamental na função do sacerdote. Essa condição proporciona segurança ao que busca o encontro pessoal, e que sua conversa, com finalidade espiritual, permaneça no silêncio, confidencial.

Vanier expõe que a confiança é um dos aspectos essenciais da escuta. Para o autor, saber escutar é respeitar as fraquezas, os sofrimentos do outro, e não divulgá-los a ninguém. Nesse sentido, percebe-se que a figura do sacerdote, no atendimento pessoal, é fundamental para que os peregrinos vivenciem por completo sua experiência de fé. Muitas pessoas, em diversas funções, realizam seu serviço como melhor desempenho, mas a expressão de satisfação completa dos peregrinos é ter tido um encontro pessoal com a figura do sacerdote na escuta, numa bênção, numa palavra de conforto ou esperança. A narrativa de um sacerdote (E 8) expõe a fala de um peregrino que lhe relata a satisfação do encontro no atendimento pessoal.

“Encontrei acolhimento porque o padre me escutou, o padre sentiu o que eu estava vivendo. O acolhimento não foi um julgamento que o padre fez de minha pessoa, foi o que eu pude expor, ou seja, no Santuário de Caravaggio, eu encontrei da parte do padre o acolhimento” (E 8, sacerdote).

A reciprocidade no acolhimento é manifestada na fala de um sacerdote (E 9), que interpreta a repercussão do *bem acolher* como gesto educativo e testemunho de vida a ser estimulado.

A partir do momento que você se abre para o próximo e acolhe, você também vai ser acolhido, você cresce. O fato de a pessoa dar a bênção é um gesto tão pequeno, tão simples, mas que representa muito para o povo. Encostar a mão na cabeça, dizer duas, três palavras, a pessoa se sente fortalecida, lhe faz bem (E 9, sacerdote).

A escuta, no Santuário, acontece no atendimento às diversas informações solicitadas pelos peregrinos, mas principalmente através dos sacerdotes, que estão permanentemente à

disposição. É recorrente, na fala desses, manifestações de apreço dos peregrinos pela oportunidade do encontro pessoal e pelo retorno de muitos que voltam e relatam importantes testemunhos. Um sacerdote, faz uma narrativa de aspectos vivenciados na escuta de peregrinos acerca de sua vida, da fé e esperança (E 5).

Eles vêm conversar, desabafar a sua vida, buscar o sacramento da confissão [...] agradecer graças alcançadas, milagres; e um sinal também expressivo é a capela dos ex-votos, onde encontra-se infinitos sinais de graças e milagres acontecidos por meio da fé, mediante a devoção a Nossa Senhora, que intercede junto a Deus-Pai. “O Santuário me devolve, Maria me devolve para o lugar aonde eu vivo, para que eu seja lá instrumento de Deus. Para que eu seja uma pessoa mais justa, mais honesta, mais verdadeira, mais coerente nas minhas relações interpessoais, no meu trabalho, naquilo que eu vou exercer.” O retorno à vida de fé. “Olha, tantos anos que visitei aqui e de lá para cá fiz um caminho de retorno à casa do Pai, retorno à vivência do evangelho.” “Olha padre, eu fui em tantos lugares e busquei de tudo o que existia, mas o que eu devo fazer para voltar para minha casa?” Alguns lançam esta pergunta para nós padres: “O que eu devo fazer pra voltar à minha casa porque eu busquei... busquei Deus em tantas outras coisas mas não encontrei.” O Santuário é este lugar de referência para muitas pessoas. Mas que depois o retorno dos peregrinos é sempre um retorno diferente, renovado, em que muitos dizem: “Olha, eu de vez em quando preciso vir aqui para renovar a minha vida, para encontrar paz, para encontrar uma palavra de consolo, para encontrar um conselho, para encontrar os sacramentos” (E 5, sacerdote).

Como exposto por Nouwen (1999), a escuta é muito mais que permitir que o outro fale enquanto se espera por uma chance de responder, pois implica prestar atenção aos outros e recebê-los no interior de nosso ser. Na escuta, os verdadeiros ouvintes fazem-se livres da necessidade interior de ter sua presença conhecida. Tal liberdade os faz abertos para receber, dar boas-vindas e aceitar. A virtude do *escutar* está em que os que são ouvidos começam a se sentir aceitos, a levar suas palavras mais a sério e a descobrir quem eles realmente são.

Esse gesto de escutar também pode ser verificado observando a relação estabelecida entre o peregrino que se prostra diante da imagem da santa, no Santuário de *Caravaggio*, como o descrito abaixo por um sacerdote (E 2), e que também é recorrente em outras falas de entrevistados.

É uma devoção que fala, que tem uma eloquência muito grande diante das pessoas. Ela também marca a linguagem própria daquele título que ela tem para falar ao povo, sem dizer nenhuma palavra, mas ela vai falando, vai se comunicando com o povo e o povo vai sentindo que ela é realmente mãe, ela é alguém que ouve, escuta, através da manifestação da oração (E 2, sacerdote).

A narrativa de um sacerdote sobre o entendimento da hospitalidade da Igreja expõe dois relatos bíblicos para explicitá-la através dos quais enfatiza a escuta e a misericórdia: o

primeiro diz respeito à visita de Jesus à Marta e Maria,²⁶ no sentido de descansar, conviver e compartilhar a vida.

[...] a imagem de Marta, Maria e Lázaro que acolhem Jesus. Jesus se dirige, porque ele era, digamos, o missionário do Pai, e de vez em quando ele ia nessa casa para descansar, conviver e compartilhar a vida. De modo que a atitude do evangelho é aquela que Maria se põe aos pés de Jesus para escutá-lo. Creio que a hospitalidade, neste texto do Evangelho, é colocar-se na escola de Jesus, ou seja, a hospitalidade passa pelas pessoas, a Igreja viva que somos todos nós (E 5, sacerdote).

O segundo relato trata da parábola do regresso do filho à casa do pai misericordioso,²⁷ em que a hospitalidade vai além do acolhimento puramente em palavras, mas no compreender o que se passa no âmago do coração humano.

Hospitalidade é muito mais do que acolher “bom dia”, “boa tarde”, “bem-vindo”, “bem-vinda”! É compreender o coração humano. É compreender além das palavras aquilo que de fato se passa no âmago das pessoas. É ser esta companhia atenta e misericordiosa. O Pai Misericordioso, que, com uma paciência somente do Pai, espera por ambos os filhos. O mais novo que gastou tudo o que possuía, depois lembrou do pai e pelo caminho de retorno foi se convertendo. Mas se converteu de fato quando recebeu o abraço do pai. E o pai nem sequer o deixou dizer o discurso que havia preparado. E de modo que aqui há a hospitalidade. Eu vejo também nestes textos, tem tantos outros, e a hospitalidade também na paciência que o pai misericordioso tem com o filho mais velho que diz: “Mas pai, por que fazer festa com este filho mais novo que gastou tudo o que tinha?” (E 5, sacerdote).

O acolhimento também se manifesta através do cuidado. O cuidado nas falas se expressa através de gestos de atenção, zelo, consciência, prudência, cortesia, dedicação, delicadeza, responsabilidade, preocupação, previdência. Conforme Boff (2005), o cuidado abrange mais que um momento de atenção e de zelo, representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

Boff (2005; 2012) e Mortari (2018) ressaltam que o cuidado acontece quando a outra pessoa é considerada com importância. Desta forma, ocorre a dedicação à pessoa e a disposição de participar de seu destino, de suas buscas, de seu sofrimento, do que diz respeito à sua vida.

Nas narrativas dos entrevistados, verifica-se a atitude de cuidado no acolhimento da Igreja, no Santuário, demonstrada por um sacerdote (E 7), religiosas (E 16, E 10) e um morador (E13).

²⁶ BÍBLIA. Evangelho de Lucas 10, 38-43, 1983.

²⁷ BÍBLIA. Evangelho de Lucas 15, 11-32, 1983.

Acolher é um gesto importante. E o que a Igreja oferece, no meu entendimento, é a dimensão do cuidado, do cuidado da pessoa que chega. O cuidado se expressa no modo como a gente prepara as celebrações, no modo como a gente organiza o culto, no modo como a gente deixa o templo limpo. Então, eu acho que o cuidado transcende também a dimensão da receptividade. O cuidado se expressa no interesse que temos na vida das pessoas que vêm ao templo, que está como que abraçando cada uma das pessoas. Então eu tenho a impressão de que quando a gente cria comunidade, a comunidade tem uma grande responsabilidade em dar este abraço e poder cuidar das pessoas que se aproximam (E 7, sacerdote).

As irmãs [religiosas] fazem o atendimento diariamente, abrindo as portas do Santuário, acompanhando a dimensão litúrgica, na acolhida aos peregrinos, o cuidado com as alfaias, o cuidado com a ornamentação, arrumação do altar, o cuidado com os demais espaços de visitação do Santuário, o antigo, capela dos ex-votos (E 16, religiosa).

Em primeiro lugar, a Igreja se preocupa muito em estar à disposição, estar pronta para acolher esse peregrino. E nessa acolhida a Igreja se esmera muito para que eles se sintam bem ali (E 10, religiosa).

Toda a ação do Santuário eu noto como um esforço de acolhida. A própria comunidade, as comunidades à volta. Há um grande esforço para que as pessoas sejam bem-vindas. Isso parte desde a questão da alimentação, da preocupação com o toldo — se vai ter, se não vai ter, se chove —, como acolher as pessoas. É uma preocupação constante, porque independente do que se faça, a romaria de Caravaggio não é uma romaria que tu vai lançar uma nota e dizer “hoje não vai ter” porque as pessoas vão vir igual porque elas são atraídas. A gente tem que estar aqui para acolher, é só isso (E 13, morador).

A hospitalidade da Igreja se verifica a partir de uma estrutura de identidade construída ao longo da História, em que se percebe o empenho do acolhimento e cuidado dispensados àqueles que chegam ao local, para vivenciarem a experiência religiosa, como revelam estes sacerdotes (E 7, E 9).

No âmbito eclesial, a hospitalidade na vida da Igreja é sinônimo de acolhida e cuidado. Enquanto acolhida, entendo como a capacidade de poder receber as pessoas. [A hospitalidade] é um gesto de solidariedade, de fraternidade. É um gesto cristão, mas também porque nós temos consciência, enquanto Igreja, que temos algo para oferecer. É a dimensão do cuidado com a pessoa que chega. O cuidado transcende a dimensão da receptividade e se expressa no interesse que temos na vida das pessoas que vêm ao templo, templo este que está como que abraçando cada uma das pessoas (E 7, sacerdote).

Nas romarias, a gente vem preparando a romaria muito tempo antes para que realmente os peregrinos que chegam encontrem aquilo que eles têm no coração, no momento em que eles saíram de casa. A gente coloca as pessoas para fazer essa acolhida nos pontos essenciais do externo do Santuário, no interior do Santuário e principalmente no Santuário antigo. A gente faz de tudo, a Igreja coloca tudo aquilo que tem, que puder colocar, para que eles se sintam bem lá (E 9, sacerdote).

No gesto de acolher, emergem ações de serviço configuradas à proposta de vida apresentada por Jesus Cristo. Jesus convida e encoraja os seres humanos a viverem e a propagarem seu projeto de vida, com vistas a contribuir para um mundo mais justo, fraterno e solidário e, pela fé, alcançar a vida eterna (BÍBLIA, Jo 15, 12-17, 1983).

Dentre os gestos que remetem à concretização desse cenário almejado, destacam-se: acolher bem, cuidar, escutar, ter olhar atento às necessidades das pessoas; compreender o coração humano; transmitir esperança. O conjunto dessas ações conduz para o acolhimento da pessoa em sua integralidade do ser, em sua dignidade. Um sacerdote (E 9) aponta o que considera a Igreja acolher a pessoa de forma integral em sua busca no Santuário.

Hospitalidade da Igreja é a pessoa se sentir acolhida no todo. Naquilo que a pessoa necessita, a pessoa que vai lá [no Santuário de Caravaggio], naquele dia, de fato, ser atendida nas condições mínimas dentro de todos esses aspectos (E 9, sacerdote).

A comunidade tratada neste estudo é uma comunidade local, mas também pode ser pensada de forma mais ampla, ou seja, no âmbito da Igreja, como instituição que congrega a Igreja católica no mundo todo, uma vez que os sujeitos da pesquisa compreendem-se como parte dessa Igreja e, portanto, a representam de alguma forma, em seus gestos. Como no relato bíblico de Emaús, Jesus de Nazaré foi reconhecido pelos dois discípulos que estavam com ele, pelo seu gesto de abençoar e partir o pão (BÍBLIA, Lc 24, 13-35, 1983).

A hospitalidade da Igreja é conceituada em princípios que refletem a identidade cristã, através da práxis, na vivência da fé. São muitas as ações realizadas pela Igreja. Beni (2016) faz referência que as pessoas, de modo geral, não percebem a dimensão do que a Igreja realiza, através de suas obras sociais, como também na própria liturgia, momento máximo de acolhimento; todos são acolhidos, convidados a refletir sobre a vida; fazer o exercício da partilha na Eucaristia, bem como reproduzir o aprendizado em sua vida cotidiana.

A hospitalidade é uma palavra muito cristã e muito forte que não pode se reduzir a um aperto de mão mas ser num aspecto mais amplo. Acolhida não é só acolher por acolher, mas o acolher é evangelizar também. Acolher bem é evangelizar! É atrair a simpatia da pessoa que às vezes está chegando perto da igreja. Acolhida também é, através das pastorais sociais, ajudar os mais pobres, não só aqueles que vão na igreja, não só aqueles que vão pedir para batizar, que vão pedir o enterro, que vão pedir sacramentos, mas também as pessoas que às vezes têm vergonha de pedir, mas que são necessitadas, humanamente falando (E 19, sacerdote).

Os documentos da Igreja, por sua vez, principalmente na Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC), sobre a Sagrada Liturgia, Paulo VI (1963) propõe “fomentar a vida cristã entre os fiéis e esclarece que a sagrada liturgia contribui de modo mais excelente para que os

fiéis exprimam o mistério de Cristo e a genuína natureza da Igreja” (SC, n. 2). O conceito manifestado por um sacerdote (E 24) revela sua concepção de hospitalidade relacionada à liturgia.

Minha concepção de hospitalidade da Igreja está associada ao conceito de liturgia. A liturgia é uma ação que é feita em favor do povo. É Deus que age em favor de seu povo. Tudo está voltado para seu povo. Então, aqui no Santuário, meu empenho é fazer acontecer algo que favoreça que o povo, chegando aqui, possa encontrar resposta do que tanto procura e buscar aqui socializar esse encontro, que não seja só uma resposta pessoal, mas que seja uma resposta comunitária (E 24, sacerdote).

Outra forma de acolhimento manifestada é através da solidariedade. Conforme afirmação de Baptista (2002), o encontro interpessoal marcado pelo acolhimento gera uma experiência construtiva da própria subjetividade e rompe o ciclo egoísta. Nesse sentido, o conceito de Igreja abordado por Lakeland (2013) traz presente a ideia de uma grande família humana, que tem por ideal a vivência de laços de solidariedade fraterna. O Papa Francisco, na Carta Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013, n. 114), reforça e convida toda a família humana a viver com espírito fraterno.

Nesse sentido, verifica-se o gesto da ajuda solidária manifestada pelos envolvidos no acolhimento aos peregrinos relatado pelos entrevistados (E 7, E 16).

A gente recebe alguém, primeiro, porque é um gesto de solidariedade, de fraternidade, é um gesto cristão, mas também porque nós temos consciência, enquanto Igreja, que temos algo a oferecer (E 7, sacerdote).

Acredito que é um grande mutirão de fé, um grande mutirão de serviço, de solidariedade e de partilha que fica na História. E, sobretudo, esse caminhar em direção à casa da mãe, como algo que vai marcando, porque é uma expressão muito grande e muito devota e muito específica, e as pessoas não chegam aos gritos, às farras, mas chegam justamente muito recolhidos naquilo que, na verdade, querem expressar (E 16, religiosa).

É importante considerar a perspectiva de duração da visita dos peregrinos ao Santuário, a qual, no local propriamente dito, não excede a algumas horas. Na hospitalidade, como refere Grassi (2011) e Binet-Montandon (2011), há a questão de um tempo inaugural. Um tempo indeterminado pressupõe uma assimilação e implica uma nova condição: a de tornar-se membro integrante, no caso, da condição de acolhido passaria a acolhedor. Essa nova realidade existe como projeto de que, ao voltar para seu local de origem, passe a integrar mais efetivamente a comunidade-Igreja de seu local de residência, exercendo a nova experiência religiosa.

A hospitalidade da Igreja revela-se como um dos caminhos para a construção da identidade cristã na comunidade de fé, como afirma Correia (2014). Através de gestos de acolhimento, emergem expressões do cuidado, respeito e ajuda ao ser humano em suas buscas, principalmente, existenciais. Muitos desses sinais são visíveis no Santuário, tanto pelas ações dos que ajudam, bem como pelos que recebem a ajuda que buscam, pois muitos regressam para agradecer e muitas vezes expõem seus relatos. Confirmando o que Correia (2014) aborda, acerca da identidade cristã, a hospitalidade constitui-se um testemunho eloquente para os que participam da Instituição e os que estão fora dela. Sua prática gera ambiente caloroso com potencialidade de inspirar semelhantes atitudes no convívio social.

5.2 O SANTUÁRIO COMO LUGAR DE HOSPITALIDADE

O Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio* representa uma história do passado dos imigrantes italianos, que escolheram o Rio Grande do Sul para se tornar sua nova pátria e, por meio de muito trabalho, conseguiram construir uma cultura que até hoje preservam e respeitam, como símbolo de vitória frente a todas as adversidades que enfrentaram no passado.

Muitas gerações estão ligadas a essa concepção de cultura, em que a religião teve um papel identitário fundamental. Os moradores locais trazem presente a história vivida por seus antepassados, desde suas origens em solo italiano e, após isso, através das gerações que se sucederam até o presente e com a preocupação de que os valores herdados sejam seguidos pelas gerações futuras.

O Santuário é referenciado como um lugar que, além de ser um espaço de devoção, tornou-se uma referência que a comunidade local²⁸ elegeu como identidade cultural, como abordam Bertuol (1950) e Zorzi (1986). Essa particularidade o diferencia de lugares de memória que possuem outras características. O vínculo com a cultura italiana e a força religiosa que marcou essa cultura, atrelada aos valores que esses imigrantes trouxeram de sua antiga pátria, reforça o simbólico que está presente no local. Conforme o relatado por Bertuol (1950), os imigrantes que aí se estabeleceram trouxeram tesouros inestimáveis: fé profunda e valores morais, sociais e familiares muito sólidos, além de grande determinação para o

²⁸ A comunidade de *Caravaggio* é formada por uma população de aproximadamente 180 famílias, católicas em sua totalidade, e que de alguma forma colaboram com serviços voluntários nas romarias e em outros momentos, conforme dados fornecidos pelos gestores do Santuário e por falas dos entrevistados. As comunidades-Igreja que a integram formam a Paróquia Nossa Senhora de *Caravaggio*. São elas: Santa Juliana, São Tiago, São Vitor e Santa Corona, Nossa Senhora de Monte Bérico, Nossa Senhora das Dores, São José, Todos os Santos (GUIA DA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL, 2017, p. 56).

trabalho.

Traços semelhantes também foram descritos por Zorzi (1986), fazendo menção que o espírito religioso, alicerçado na fé trazida da pátria de origem, sustentou a esperança dos moradores da localidade.

Através das falas de um sacerdote (E 5) e de uma religiosa (E 10), entrevistados, estes percebem que o Santuário é reconhecido como local de traços peculiares, geograficamente atrativos, mas principalmente que inspira a ideia de um lugar extraordinário, que transcende ao humano.

O Santuário, aqui, não é um decreto da Igreja. O Santuário é uma escolha de Nossa Senhora para se manifestar aqui nessa região. O fato é que esta obra é uma obra de Deus e que foge do nosso controle. Nos foge! Por mais que a gente tente preparar os ambientes e tudo o mais, mas é uma história da mão de Deus que vai conduzindo, e, que ali Nossa Senhora decidiu sentar para nos acolher (E 5, sacerdote).

[...] [é admirável] a alegria do povo quando chega no topo do acesso ao Santuário, eles se aliviam, porque dizem: “Ah! chegamos!” São lugares, eu digo, lugares sagrados, que se sente no pisar do chão uma coisa sagrada. E o povo vê ali [os moradores do entorno do Santuário] [...] são pessoas normais como quaisquer outras, mas elas têm uma vivência, uma situação diferente, a acolhida diferente. Então, essa maneira que faz com que o lugar se torne uma coisa sagrada. É sagrado porque todo o lugar onde existe a presença de Jesus Cristo no sacrário é uma coisa sagrada, mas no Santuário a gente sente o chão... de tanta fé, eu acredito que é muita fé que o povo traz (E 10, religiosa).

Como refere Urry (2001), a experiência vivida pelo peregrino, no decurso da peregrinação, marca um rito de passagem que poderá proporcionar-lhe uma condição interior futura mais favorável. Essa experiência é marcada por um rito, no qual primeiramente ocorre a separação social e espacial do lugar normal de residência e dos laços sociais convencionais. No decurso da experiência, dá-se a liminaridade, circunstância em que o peregrino poderá vivenciar uma antiestrutura fora do lugar e do tempo e momento em que poderá ocorrer a suspensão dos laços convencionais. Nesse caso, é vivenciada uma *communitas*, como sustenta Urry, na qual as ligações são intensas e ocorre uma experiência direta do sagrado e do sobrenatural. Quando ultrapassadas essas etapas, ocorre a reintegração, em que o indivíduo é reconduzido ao grupo social anterior, habitualmente em um *status* social mais elevado.

O Santuário é referenciado por sacerdotes (E 5, E 11) e por um morador (E 4) como um lugar de importância religiosa, que proporciona bem-estar e sentido à vida.

O Santuário é este lugar de referência de muitas pessoas, mas que depois o retorno dos peregrinos é sempre um retorno diferente, renovado, em que muitos dizem: “Olha, eu de vez em quando preciso vir aqui para renovar a minha vida, para encontrar paz, para encontrar uma palavra de consolo, para encontrar um

conselho, para encontrar os sacramentos. É aqui onde eu posso falar com Maria, é aqui onde eu posso também desabafar com Deus Nosso Senhor, ou às vezes com um leigo, com um irmão ou irmã religiosa, com um padre que está aí toda a minha existência” (E 5, sacerdote).

O Santuário é um lugar precioso, um lugar que as pessoas precisam que haja. [...] A gente percebe que as pessoas precisam ter um local de referência sagrada. [...] As pessoas têm que ter um ponto forte na diocese, na cidade, e Caravaggio é o ponto referencial dessas cidades todas. Essa força de atração, essa dinâmica religiosa faz com que as pessoas encontrem alívio em suas vidas, se encontrem na caminhada (E 11, sacerdote).

Eu acho que a pessoa sempre necessita de alguma coisa a mais. E Caravaggio, ou outro Santuário, proporciona isso. Então, eu acho que entre as coisas que a gente procura está a religião, a espiritualidade. Com certeza, o Santuário favorece nesse sentido. Nasci aqui e faço parte do grupo de canto desde que eu me conheço. Meu pai foi o maestro do coral do Santuário, ainda na época em que a gente cantava a missa em latim. Estou participando do canto no domingo. É muito bom (E 4, morador).

No Documento de Aparecida, a Igreja manifesta o reconhecimento de que, nas peregrinações, “o peregrino vive a experiência de um mistério que o supera.” (CELAM, 2008, n. 260). A peregrinação pode proporcionar ao peregrino a experiência religiosa não só na transcendência em relação a Deus, mas também da transcendência da Igreja, da família e do local de sua residência. Um indicativo de superação pessoal, que possivelmente pode estar associado à transcendência, é relatado nessa fala de um sacerdote (E 11).

Por trás de cada migrante, de cada peregrino tem uma vida fantástica, bacana, verdadeiras conversões, mudanças de vida, gente que deixa de ser machão, gente que deixa droga, gente que deixa a bebida, gente que é curado de câncer, tudo o que é enfermidade. Gente que se afirma como religião, como Igreja. Cada vez mais se percebe isso (E 11, sacerdote).

Conforme menciona o Diretório sobre a Piedade Popular e Liturgia (DPPL), da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos (CCDDS) (2002, n. 261-278), os santuários têm grande importância para a Igreja católica, uma vez que, além de alimentar a fé, constituem-se locais propícios para purificar a piedade popular, uma vez que encontram-se à disposição meios favoráveis de aprimoramento humano, ou seja, de santificação. O peregrino é acolhido em sua realidade e encontra meios para seguir a fé de forma mais esclarecida. Um sacerdote relata sua compreensão sobre a função do Santuário na vida de fé dos peregrinos (E 22).

O Santuário acolhe a fé das pessoas. Ele [Santuário] pode contribuir para purificar aquilo que não está tão certo, sim! Tudo bem, alguém poderia falar de uma institucionalização da fé popular, sim! Tudo bem! Mas é preciso isso porque às vezes o povo simples pode confundir, misturar. Então, o Santuário acolhe a fé e

promove no sentido assim de “vamos fortalecer a fé, com os textos bíblicos, com as celebrações dos sacramentos” (E 22, sacerdote).

Um santuário, como lugar de referência, é marcado como uma escolha sobrenatural, onde a oração realizada é espontânea e simples. (MATTAI, 1993). Como mostra a história da *Aparição* à camponesa Joaneta, em *Caravaggio*, Itália, um dos pedidos de Nossa Senhora foi de que fosse construída uma igreja no lugar, pois muitos sinais seriam vistos. (BERTUOL, 1950; ZORZI, 1986). De fato, os relatos dos testemunhos daquele Santuário mostram que ocorreram muitos eventos que a ciência não conseguiu explicar.

Em Farroupilha, não ocorreu o fenômeno da *Aparição*, entretanto ocorreu um fenômeno religioso de fluxo crescente de peregrinos superando o próprio santuário de origem na Itália. Conforme Ziglioli (2004, p. 136), a média anual de visitas era de 500.000 peregrinos em 2004. Nesse mesmo ano, em *Caravaggio*, Farroupilha, os registros apontaram uma presença de 1.043.250 visitantes e, nos últimos dez anos, uma média anual que ultrapassou um milhão e meio de visitas.²⁹ O fluxo de peregrinos e os sinais deixados no memorial dos devotos do Santuário instigam muitos a pensar que Nossa Senhora, com o título de *Caravaggio*, tenha escolhido também esse lugar.

Alguns atribuem a escolha do lugar para ser Santuário, não como decisão humana, mas sim como uma obra na esfera do sobrenatural, como reportam um sacerdote (E 5), um morador (E 14) e uma religiosa (E 16).

Eu me aventuro em dizer que o Santuário de Caravaggio não é uma obra humana. Por que digo isso? Porque se fosse uma obra humana, uma invenção digamos de padres, de bispos, não estaria acontecendo o que está acontecendo, ou seja, ali está a mão de Deus, a mão materna de Deus, de Maria, sua mãe, nossa mãe. Nós podemos observar não só nas conversas pessoais com as pessoas, como padre e como leigos também. Vocês atuam e podem escutar os corações das pessoas, de fato é “Nossa Senhora sentou aí”. Eu uso muito esta expressão: Nossa Senhora escolheu esse lugar, sentou aí. Mas não é só o lugar físico como tantos outros, mas ali começou com uma devoção, desde lá, com um quadro que trouxeram os imigrantes e a partir daí começou toda a devoção à Nossa Senhora de Caravaggio (E 5, sacerdote).

O fato que mais me marca é saber que o Santuário podia ter sido aqui ou acolá, mas está localizado aqui. O Santuário [...] é uma escolha de Nossa Senhora para se manifestar aqui nessa região. Por isso que se nós olharmos o silêncio do Santuário, parece que é silêncio, mas olha no fundo, pulsa aquele amor de mãe! E se nós sairmos a olhar a praça, ao redor, a vegetação, as casas particulares... [...] Não tem nada de extraordinário nisso aí, mas se respira projeto de Deus: o silêncio, a calma! (E 14, morador)

²⁹ Ver Apêndice A – Visitas de peregrinos ao Santuário de *Caravaggio*, Farroupilha, de 2003 a 2017.

Acredito que deve haver realmente algo que move os corações, porque já o próprio Santuário te conduz para o encontro, para o silêncio, mesmo os espaços são mantidos com muito cuidado... mesmo que você vá durante a semana, quando não há celebração há um silêncio, ou música... (E 16, religiosa).

As falas de alguns entrevistados evidenciam o espírito de abertura à hospitalidade da comunidade de *Caravaggio* com os que chegam ao local. Nesse sentido, Grinover (2009) compreende que a hospitalidade integra leis superiores da humanidade e favorece a inclusão do outro num espaço de saberes, na perspectiva de satisfazer as necessidades básicas e necessárias de segurança e, em certos casos, de reconforto e de afeto de pessoas, por meio de uma relação gratuita.

O gesto de abertura à hospitalidade se expressa de maneira constante e não somente nos dias das romarias. Os relatos históricos descritos por Bertuol (1950) já faziam referência à generosidade dos moradores que cediam sua casa para peregrinos passarem a noite nos dias de romarias e pastagens para alimentar os cavalos, principal meio de locomoção naquelas décadas finais do século XIX e início do século XX.

O Santuário é um local de fluxo permanente, não apenas nos dias de romarias. Um sacerdote (E 22) menciona o que percebe sobre a visitação de peregrinos, ao mesmo tempo em que demonstra preocupação quanto a ser mantida a paisagem de vegetação e que a mata natural nas proximidades seja preservada.

Dá a impressão que o Santuário de Caravaggio é só os três dias da romaria. Não é! É todo o ano! E quantas pessoas dizem para nós: “Padre, não vou na romaria porque é muita gente, mas eu vou depois”... “ou antes”. [...] Olha, se nós olharmos a cada final de semana é uma multidão de pessoas que vêm demonstrar a sua fé. [...] o entorno pode ser hospitaleiro ou não. Por isso, não é só o rito dentro do Santuário, é o entorno, tudo, inclusive com a natureza. Olha, é uma riqueza, é um privilégio nós estarmos aqui em Caravaggio com essa riqueza da natureza. Em Farroupilha, nós temos apenas doze por cento remanescente da mata atlântica original. É muito pouca, e tem que ser preservada (E 22, sacerdote).

O Santuário caracteriza-se como lugar de hospitalidade, como o define Baptista (2008). Esses lugares caracterizam-se por serem lugares abertos ao outro, os quais compreendem o lugar de residência, a paisagem envolvente, as cores, os sons e os cheiros característicos do ambiente, as narrativas da *nossa gente*, as tradições e os hábitos de *nossa comunidade*, como refere Baptista. Esses elementos de humanidade dão alento à singularidade subjetiva e caracterizam a identidade dos lugares. Um sacerdote (E 17) refere sua impressão de percepção do bem-estar de quem chega ao local.

Um santuário é um lugar onde a pessoa vai também para desabafar. O primeiro lugar de hospitalidade da Igreja é isso, que humanamente a gente abra o espaço,

não apenas o espaço físico, mas o espaço interior, no coração, para receber bem as pessoas, para não expulsar, para dar oportunidade à pessoa fazer uma experiência bonita de fé e de encontro (E 17, sacerdote).

O empenho coletivo da comunidade local consolida a afirmação de Baptista (2008), ao referir o caráter da verdadeira riqueza ou identidade dos lugares, a qual não está em suas potencialidades materiais, mas sim na forma como são apropriados, percebidos, desfrutados, amados e partilhados. Esses gestos denotam a humanização do espaço, que o transforma em *lugar* e imprime o respeito pela hospitalidade do próprio mundo natural e o constitui solo de enraizamento temporal, de sustento e de fruição. O entorno do Santuário mantém ainda uma paisagem composta de significativa vegetação natural. Como está localizado no pico de uma elevação, permite observar ao longe vales e montanhas cobertos pelo verde de vegetação e matas.

A escolha do lugar, aquele lugar elevado, é um lugar muito bonito. O entorno, a praça, quando se chega naquela avenida à frente se enxerga o Santuário. [...] É um lugar que cativa mesmo para as pessoas irem lá para passar algumas horas. [...] E ficando ali na porta, se vê todo aquele pessoal que entra... o rosto de cada um... É uma experiência muito viva de fé da pessoa que vai lá. Geralmente não precisa convidar. Nos fins de semana aquilo está sempre lotado. Não tem convite exclusivo para isso. É apenas um lugar. [...] Gosta de ir lá durante o dia, no silêncio, sentar, rezar, levar uma flor, rezar à Nossa Senhora. O local tem um sentido profundo. Se todo esse povo vem todos os dias é porque tem alguma coisa, não é apenas um lugar de passeio, mas tem algo que cativa e toca o coração dessas pessoas (E 9, sacerdote).

Nós precisamos tornar esse turismo “religioso”, mas também há uma questão muito sagrada, que é muito importante: a vida. Esse espaço, esse trajeto, essa paisagem que a pessoa vai se defrontando, com o cansaço, com a subida e a descida de morros, e assim por diante, colabora com o espírito do peregrino. E isso repercute positivamente com cada quilômetro que ele realiza... numa mudança de fundo. [...] cada um que chega lá e sai renovado, sai modificado (E 11, sacerdote).

De um simples oratório, transformado em capela, igreja e, após reconhecido como tal, o Santuário de *Caravaggio* (BERTUOL, 1950) foi se constituindo uma referência religiosa central da diocese. Embora localizado numa região geográfica, com fortes características rurais, em virtude das atividades desenvolvidas pela maioria dos moradores que lhe dão suporte, o Santuário tem o reconhecimento de ser o ponto central da diocese, como revela a fala de um sacerdote (E 11).

Hoje, fala-se de um encontro é Caravaggio! É Caravaggio! É tudo Caravaggio. Realmente é um centro. É o centro da Diocese. É um centro mariano. [...] vão lá [no Santuário] se encontrar, porque dizem que lá é um lugar muito espetacular. Quantas pessoas que a gente acolheu de diferentes línguas... italianos, e tudo... e que se sentiam felizes quando você os acolhia bem! Dava uma bênção, uma palavra, informava sobre as missas, mostrava lá... têm aqueles painéis sobre a história do

Santuário... sobre a construção... as fotografias... [...] O Santuário é um lugar precioso, um lugar que as pessoas precisam que haja. [...] A gente percebe que as pessoas precisam ter um local de referência sagrada. Caravaggio é o ponto referencial dessas cidades todas. Essa força de atração, essa dinâmica religiosa faz com que as pessoas encontrem alívio em suas vidas, se encontrem na caminhada (E 11, sacerdote).

Além da romaria que ocorre em torno do dia 26 de maio, há uma romaria denominada *Votiva*, que ocorre no dia 2 de fevereiro e que celebra um evento considerado milagroso: que ocorreu uma grande chuva após longa estiagem em 1889. A romaria votiva tem como característica reunir os moradores locais para uma celebração litúrgica, em que, além dos produtos hortifrutigranjeiros por eles produzidos, trazem seus maquinários agrícolas para serem abençoados. Após a celebração, confraternizam com um almoço comunitário no restaurante do Santuário.

Esse evento é considerado um dos fatores que fortalecem os laços de pertença à comunidade e de solidariedade ao serviço no Santuário (E 7). Nesse dia, os moradores celebram oferecendo ao Santuário os frutos da terra, colhidos em suas propriedades rurais, e que após são doados a entidades sociais do município. Os preparativos iniciam quinze dias antes, com a realização de celebrações nas comunidades das sete capelas que pertencem à paróquia de *Caravaggio*. (SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO, 2018a).

Importante para a história do Santuário, foram as romarias votivas de 2 de fevereiro, porque é mais um fator que une a comunidade. Existe a romaria votiva sempre no dia 2 de fevereiro, que na minha opinião, fez com que se solidificasse o sentimento de pertença das pessoas que moram na comunidade (E 7, sacerdote).

Outros momentos importantes que reúnem milhares de peregrinos e contribuem para o evento maior, em 26 de maio, são as pré-romarias. Elas ocorrem nos sábados, nas últimas semanas que antecedem a romaria principal, e reúnem motociclistas, caminhoneiros, ciclistas, *motorhomes*,³⁰ carros antigos, jipeiros, crianças e adolescentes, jovens, cavalarianos e caminhada da fé. Em 2018, onze grupos realizaram o percurso. (SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO, 2018a).

As pré-romarias nascem da iniciativa de grupos que se organizam e solicitam permissão e agendamento no Santuário para realizarem o percurso. A partir disso, a gestão do Santuário providencia a infraestrutura para acolher os participantes/peregrinos providenciando as demandas necessárias. Cada grupo traz sua motivação para a visita devocional, mas um aspecto parece comum, o de agradecer e pedir proteção por intercessão da Santa.

³⁰ Veículos equipados com moradia (casa motorizada).

A primeira pré-romaria a organizar-se e realizar o percurso foi a dos motociclistas, que iniciou em 1978. Em 2018, ocorreu a 40ª edição, que contou com aproximadamente oito mil motociclistas. Estes, como o grupo dos caminhoneiros, cuja pré-romaria acontece há doze anos, e o grupo de ciclistas, que veio agradecer, pedir proteção e mais respeito no trânsito. Dois dos grupos mais recentes a se organizarem foi o dos jovens e o das crianças, que realizaram sua quarta edição em 2018, com a motivação de demonstrar e avivar a fé nas novas gerações. (SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO, 2018a).

5.3 A FORÇA DO EVANGELHO NAS PRÁTICAS DEVOCIONAIS

Nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, verifica-se a presença acentuada de espírito religioso, na prática empreendida em torno da hospitalidade da Igreja. Estes deixam transparecer que essas ações são um *dever* daquele que se identifica e faz parte do seguimento religioso. Várias passagens bíblicas são reportadas, principalmente, ao fazerem memória do legado transmitido nos textos bíblicos, mas principalmente naqueles do Evangelho.

A religiosidade popular tem provocado interesse pelos valores humanos e religiosos que nela se evidenciam. Na avaliação de Mattai (1993), ocorreu um longo período de esquecimento ou descaso, em consequência de mudança de sensibilidade religiosa e política e da crise da civilização tecnológica, porém observa-se que, na piedade popular, evidencia-se uma “sede” de Deus (CELAM, 2008, n. 258), característica da simplicidade humana; move um expressivo número de pessoas capazes de práticas de generosidade e de sacrifício, em manifestar a fé que trazem consigo.

Esse contingente humano é acolhido generosamente pela população local. As evidências são encontradas no número expressivo de voluntários que prestam serviços gratuitamente ao Santuário, nas diversas atividades demandadas. Nos dias de romaria, as aproximadamente cento e oitenta famílias se envolvem nos serviços. Em outros momentos de demandas do Santuário, também as famílias se disponibilizam para prestar sua ajuda, como fica evidente nas falas tanto dos moradores quanto dos sacerdotes e religiosas entrevistados na pesquisa. As crianças também participam, auxiliando nos momentos litúrgicos, como podem ser notadas nas celebrações. Como já referido anteriormente, são todas famílias católicas e conhecidas entre si.

As motivações são percebidas pelos sacerdotes e pelas religiosas, que identificam nos moradores locais as práticas cristãs que reportam ao Evangelho e outros textos bíblicos.

Nós podemos ver até na Bíblia esse sentido de hospitalidade. É um dos elementos fundamentais do ser humano, especialmente quando se é peregrino. É uma das leis que tiveram os cristãos desde o início, mas ainda desde o tempo dos judeus, que a hospitalidade fosse um dos elementos da vivência humana. Agora, entende-se por hospitalidade “acolher bem”. Diz o lema que acolher bem é evangelizar! (E 17, sacerdote).

No evangelho diz: “Faça a teu irmão o que o gostaria que fizessem a ti.” A gente vê muitas vezes, aqui, no restaurante, vêm pessoas que não têm condições de pagar o almoço e a gente dá o almoço. Alguns deles vêm vendendo. Até pessoas de outras religiões também, eles vêm com santinhos que não são da Igreja católica, mas a gente acaba dando almoço, porque a gente tem aqui e vê que eles não têm condições. Depois de algum tempo, as pessoas voltam, vêm e agradecem. Então ajuda a tocar o coração (E 6, morador).

Aqui para nós, aqui, pelo que eu sei, a acolhida que fazemos não é algo de documento escrito, é algo que vem do Evangelho, da Palavra de Jesus. Não é uma regra, uma norma. É aquilo que Jesus fez, realizou e disse, porque o Jesus que falo, ele falou, e os evangelistas, os quatro evangelistas, registraram muito daquilo que Jesus falou, mas certamente não registraram tudo. No caso do Evangelho, Jesus falou muito mais do que está escrito lá. E também falou e realizou muito mais do que aqueles milagres que estão registrados lá nos evangelhos. Quer dizer que não existe uma norma. O pessoal que vem aqui... o sentido é acolher, também no sentido do que vem de perto, do que vem de longe. Os Evangelhos, os quatro evangelistas, o Novo Testamento também os outros documentos, as cartas, principalmente de São Paulo, realmente revelam a realidade do acolhimento na Igreja, em todos os sentidos (E 2, sacerdote).

Vamos encontrar, na Bíblia: “[...] Benditos do meu Pai, porque eu estava com sede e me deste de beber, eu estava com fome e tu me deste de comer...” Então, esse segredo, ou essa leitura precisa ser feita com maturidade, com os “pés no chão” (E 14, morador).

Certamente a comunidade de Caravaggio soube colocar em prática os ensinamentos do Evangelho também nessa acolhida, do seu jeito, com as suas condições, cada um com o seu estilo. No geral, a comunidade de Caravaggio ajudou e continua ajudando, inclusive a Igreja a ser melhor, a ser mais hospitaleira (E 22, sacerdote).

A romaria ao Santuário de *Caravaggio* reforça os dizeres de Valle (2006), ao afirmar que as romarias e os santuários católicos, cujos gestos são sustentados por tradições do passado, passaram gradativamente a acentuar traços do catolicismo atual, os quais não faziam parte do catolicismo tradicional. Esses traços atuais, e que são percebidos também no Santuário de *Caravaggio*, reforçam a centralidade na pessoa de Jesus Cristo e do Evangelho, a importância de uma pertença consciente à comunidade de fé e a missão de dar testemunho como algo inerente ao seguimento de Jesus.

Ao expressarem seu entendimento sobre a hospitalidade da Igreja, os sujeitos pesquisados têm em mente referências bíblicas que dão sustentação às suas práticas.

Hospitalidade da Igreja, no texto do evangelho, é colocar-se na escola de Jesus [...]a Igreja viva que somos todos nós. É muito mais do que acolher “bom dia”, “boa tarde”, “bem-vindo”, “bem-vinda”! É compreender o coração humano, além das palavras aquilo que de fato se passa no âmago das pessoas. É ser companhia atenta e misericordiosa. É acolhimento, compreensão, entendimento, palavra de esperança (E 22, sacerdote).

Hospitalidade da Igreja é acolher a dignidade da pessoa. Cristo é o exemplo para todos nós de saber acolher as pessoas, saber dizer uma palavra, saber amar essas pessoas (E 11, sacerdote).

Acredito que aí, só pelo fato de as pessoas prestarem o seu serviço gratuitamente elas entenderam o recado de Jesus Cristo, do Evangelho. Entenderam perfeitamente. Na gratuidade, na generosidade, na acolhida, na solidariedade, porque chega muita gente ali com necessidades e o povo tem acolhido. São muito atentos. Flui dentro deles toda essa energia, esse sentimento de servir, esse sentido não só de gratidão, mas esse sentido comunitário. Na verdade, isso é muito forte na comunidade de Caravaggio. Acredito que o próprio Santuário, as festividades uniram esse povo todo (E 16, religiosa).

Hospitalidade é uma palavra muito cristã e muito forte que não pode se reduzir a um aperto de mão, mas ser num aspecto mais amplo. Acolhida não é só acolher para acolher, mas o acolher é evangelizar também. Acolher bem é evangelizar! É atrair a simpatia da pessoa que às vezes está chegando perto da igreja. Acolhida também é através das pastorais sociais, ajudar os mais pobres, não só aqueles que vão na igreja, não só aqueles que vão pedir para batizar, que vão pedir o enterro, que vão pedir sacramentos, mas também as pessoas que às vezes têm vergonha de pedir, mas que são necessitadas, humanamente falando (E 19, sacerdote).

A hospitalidade da Igreja se manifesta hoje onde ela manifesta Jesus, manifesta Maria, onde ela traz presente os santos. Nós temos Santo Antônio, São Paulo, São Pedro e tantos santos. Ela se manifesta só na solidariedade. A partir do momento que a Igreja adota política fria, calculista, não somos Igreja (E 14, morador).

Jesus fez uma caminhada aqui na Terra, simples como qualquer menino, como qualquer adolescente, como qualquer jovem trabalhador. [...] o milagre da pessoa que se dispõe a ir dar ao irmão, ele não precisa dar um caminhão de favores, basta satisfazer a necessidade do dia. Este é o segredo. Se a pessoa precisa de pão, não precisamos disponibilizar uma padaria! Sirva um pão, um café, ou um almoço, aquilo que precisa. Providencia alguma coisa para a frente. Então, Jesus fez essa experiência para dizer para nós “ajuda!” (E 14, morador).

O Santuário está dedicado à Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo, porém percebe-se através das falas, que sua presença é uma mediação para chegar a Jesus Cristo. Os peregrinos a veneram, isto é, têm por ela profundo respeito, como refere Falcão (2016) ao caracterizar o sentido de “devoção”. Maria é identificada pela Igreja como uma mediadora que intercede ao Filho em favor de quem a ela recorre. Conforme declara São Paulo apóstolo, em sua primeira carta a Timóteo, “Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os homens” (BÍBLIA, 1 Tim 2, 5-6, 1983), bem como o declarado na *Lumen Gentium* (LG, n. 8) (PAULO VI, 1964).

Como afirmou Boff (2010), Maria tem papel importante no desenvolvimento de dogmas da fé católica, ao mesmo tempo em que considera que, no dogma, nada se inventa

mas se descobre. Para o autor, a mediação de Maria é bíblica e tornar-se dogma não é questão de verdade, mas de oportunidade, como o foram também os dogmas já declarados a seu respeito.

Na pesquisa, as referências a Nossa Senhora, como figura maternal e mediadora de graças alcançadas, aparecem em algumas das falas dos entrevistados. Essa constatação evidencia a ideia de que a Igreja mantém, em sua história, importante ligação com a Mãe de Deus. Maria é venerada como mãe espiritual da humanidade e advogada na ordem da graça, aquela que é intercessora, como o reforçam documentos que a ela se relacionam. Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), ao abordar sua mediação, consta que “A materna missão de Maria a favor dos homens de modo algum obscurece nem diminui esta mediação única de Cristo, mas até ostenta sua potência” (PAULO VI, 1964, LG, n. 60). Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), Maria é referenciada como a estrela da evangelização, por seu protagonismo na história da Igreja (PAULO VI, 1975, EN, n. 82).

As falas destes sacerdotes expressam a percepção da presença de Nossa Senhora na vida dos peregrinos a quem recorrem em busca de conforto e esperança.

Os peregrinos se identificam com a figura materna de Maria, porque Maria é tudo para eles. É o lugar onde eles encontram apoio e sustento. Eles saem do inferno da família, saem do inferno da favela, saem do inferno da agricultura, saem do inferno do seu hábitat e chegam lá e respiram e têm uma vida saudável, boa, de sustento (E 11, sacerdote).

Nós [comunidade] aqui [em Caravaggio] temos Nossa Senhora presente nas famílias, na tradição familiar. E Nossa Senhora, nesses anos que eu trabalhei em Caravaggio, eu nunca vi que tenha feito mal a alguém. Ao contrário, Nossa Senhora foi uma presença constante nas horas de dor, nas horas deles chegarem. Tinha um cartaz que dizia: “Ela veio com os migrantes e ficou!” Então, Nossa Senhora não abandonou! Quantas graças, quantos milagres que eu pude também ver, compreender. E tudo isso a pessoa vai marcando em seu coração (E 17, sacerdote).

Nos tempos mais atuais, através da Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV), do Concílio Vaticano II, a Igreja orienta pelo entendimento de que a fonte da revelação de Deus não está somente na Bíblia, mas se compõe de dois canais que são a sagrada tradição e a Sagrada Escritura. Segundo o documento, ambas devem ser aceitas e veneradas com igual sentimento de piedade e reverência (PAULO VI, 1965, DV, n. 9).

Percebe-se que há um ideal a ser cumprido por parte daqueles que colaboram envolvendo-se com as diversas atividades do Santuário. Por trás de todo o empenho, há uma razão maior: a de ser coerente em contribuir com a realização do projeto de Jesus, o qual tem

como centralidade o ser humano e sua condição de vida digna, e na perspectiva da obtenção das promessas de eternidade.

No Evangelho de Mateus, há a referência do que consiste o reino de Deus proferido por Jesus. Nos textos das bem-aventuranças (BÍBLIA, Mt 5, 3-16, 1983) e do juízo final (BÍBLIA, Mt 25, 31-46, 1983), o evangelista descreve a identidade para alcançar a vida gloriosa entendida como *eternidade*. Estes dois textos, principalmente, estão presentes em algumas das falas dos entrevistados.

A gente vai ver no Evangelho de Mateus: “Eu estava doente, tu vieste me visitar, eu estava nu, tu me vestiste [...]”. As bem-aventuranças. Eu acredito que o povo de Caravaggio se esmera muito para isso. Eles fazem de tudo para ajudar. Aquelas poucas famílias, que compõem a comunidade em torno do Santuário, eu acredito que não tenha nenhuma que não se esmera na parte do atendimento de estar sempre atento para acolher os peregrinos, e na parte da espiritualidade também, porque eles deixam de fazer as coisas deles próprios para estar ali no momento para os peregrinos se sentirem melhor (E 9, sacerdote).

É lógico que nós não chegamos ao que os Atos dos Apóstolos dizem sobre uma comunidade perfeita, onde tinham tudo em comum, onde repartiam os seus bens... apesar de que em muitas coisas o pessoal de Caravaggio tem colaborado com coisas, com viveres, com trabalho, com dedicação e tudo isso mantém não só o Santuário, mas mantém toda aquela estrutura que precisa. Quanta gente que dias antes roçando, preparando comidas, preparando aquelas lonas, aqueles furgões, as limpezas ao redor, dentro do Santuário. Quanta dedicação! Leigos, religiosos, religiosas e padres. Então, eu lembro quando chegava de noite no último dia doía a sola dos pés de todo o mundo, dos padres, das freiras. Mas depois a gente dizia: “Bendito seja Deus se cada um encontrou aquilo que estava procurando na fé e nos valores!” Então, os peregrinos vêm ao encontro, oferecemos o que nós temos, mas o mais importante é que sobre o amor de quem fica e vá o amor no coração de quem vai. Mais bonita identidade do que essa não existe! (E 17, sacerdote).

Aqui a comunidade de Caravaggio é pequena e todos os anos há toda essa montagem de tendas e serviços, e o pessoal daqui realmente assume. Mesmo das comunidades vizinhas muita gente acolhe e fazem isso como serviço voluntário. E então, a gente vê que eles fazem isso movidos pela fé, movidos pela fé e são atitudes evangélicas de colaboração, de participação, de valorizar a pessoa, o trabalho das pessoas, as preocupações que as pessoas enfrentam. Então, acho que há a presença do Evangelho nessa realidade toda: “Quem os acolhe, a mim acolhe” (Mt 10, 40) (E 21, sacerdote).

Na região da diocese de Caxias do Sul, a Mãe de Jesus, sob diversos títulos, está presente nomeando 335 comunidades-Igreja, de um total de 1.005 comunidades. (GUIA DA DIOCESES DE CAXIAS DO SUL, 2017). Além disso, dos quatro santuários existentes na diocese, três deles trazem títulos de Nossa Senhora.³¹ Essas escolhas em dedicar comunidades

³¹ Santuários com títulos de Maria: (1) Santuário Nossa Senhora de Caravaggio (Farroupilha), (2) Santuário São João Batista e Nossa Senhora Aparecida (Nova Prata) e (3) Santuário Nossa Senhora do Rosário de Pompéia (Pinto Bandeira). (GUIA DA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL, 2017).

com o título à Maria revelam a forte relação que os devotos têm com a Santa, bem como a admiração por sua identificação com características enfatizadas nos textos bíblicos. No Antigo Testamento, revela-se com características relacionadas a qualidades atribuídas ao Povo de Deus e, no Novo Testamento, evidenciam os atributos da identidade dos bem-aventurados na conquista do reino de Deus, descrito nas Bem-Aventuranças, Evangelho de Lucas, conforme descreve Fiores (1993). Essas qualidades se relacionam com humildade, serviço, fidelidade, abertura e confiança nas promessas de Deus.

A sublime santidade de Maria a formou modelo para os fiéis e razão de lhe ser atribuída a função de mediação, como também dito por Agostinho (1996), em seus escritos no séc. IV, o qual já defendia a proposição de Maria ter nascido preservada do pecado original e de estar isenta de todo o pecado, dizeres que, séculos após, fundamentaram o dogma da Imaculada Conceição em 1854.

Nossa Senhora, com essa denominação, Nossa Senhora de Caravaggio, está ligada à aparição que foi a única, que aconteceu em Caravaggio, na Itália, em 26 de maio de 1432. Além do acolhimento, da acolhida, da hospitalidade, esse título está muito presente na vida do povo aqui da nossa região, mas também de outras regiões: Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro. É uma devoção que fala, que tem uma eloquência muito grande diante das pessoas. Ela também marca a linguagem própria daquele título que ela tem para falar ao povo, sem dizer nenhuma palavra, mas ela vai falando, vai se comunicando com o povo e o povo vai sentindo que ela é realmente mãe, ela é alguém que ouve, escuta, através da manifestação da oração (E 2, sacerdote).

Santo Tomás de Aquino (1265-1273), através da Suma Teológica escrita entre os anos 1265 a 1273, refere que nada impede que exista entre Deus e os homens, abaixo de Cristo, mediadores secundários e entre essas mediações distingue-se a bem-aventurada Virgem Maria (SUMA TEOLÓGICA, III, q. 26, a.1). Nesse sentido ainda, o Papa São João Paulo II (1987), através da Encíclica *Redemptoris Mater*, IIIª parte, n. 38, reforça a doutrina milenar da Igreja ao afirmar a mediação de Maria intimamente ligada à sua maternidade e ao caráter especificamente maternal, que a distingue da mediação das outras criaturas que, segundo a fé cristã católica, de diferentes modos e sempre subordinados, participam na única mediação de Cristo (JOÃO PAULO II, 1987).

A percepção dos sacerdotes (E 9, E 7) confirma a aproximação dos peregrinos à imagem maternal de Maria e a confiança de estar próximos de alguém a quem dedicam confiança para exporem seus anseios. Nesse sentido também, o rito de tocar a santa, como refere uma religiosa (E 10), demonstra a relação afetiva de proximidade e de estabelecer um contato efetivo.

Ir à Caravaggio, rezar à Nossa Senhora, ou tocar em Nossa Senhora [...] é o desejo através da intercessão da mãe de chegar mais perto [de Deus]. E acho que é aquela figura materna, figura da mãe como na casa da gente. Quando a gente queria uma coisa, não ia pedir direto para o pai, ia convencer a mãe, que depois a mãe atendia os pedidos. Então, essa figura materna, feminina, traz um aspecto de melhor acolhida. A mãe é sempre aquela que acolhe melhor. E se olha aquela figura, esculpida há tantos anos, é uma imagem belíssima que tem no Santuário e frisa aquela que tem mais facilidade de acolher a todos sem distinção, de ver a necessidade que a pessoa está passando naquele momento. [...]E se vamos lá visitar é para cumprir aquilo que Jesus nos diz, o que Jesus nos pede. Agora, a figura feminina, com certeza, retrata mais o aspecto da acolhida, da sensibilidade, de estar ali, de acolher a pessoa que tem a sua necessidade (E 9, sacerdote).

A determinação de Nossa Senhora de Caravaggio para a história do Santuário, eu acho, que é muito significativa porque a mãe é aquela que acolhe no ventre durante nove meses uma pessoa, ou seja, ela é hospedeira de alguém, do seu filho. [...] Então, talvez, mesmo que inconscientemente, quando decidiram por Nossa Senhora de Caravaggio esse sentimento de acolhida já estava meio que impregnado no coração daquelas pessoas, talvez porque também eles tiveram que encontrar, ao chegarem aqui no Brasil, ao chegarem naquelas matas, alguém que pudesse acolhê-los com um grande abraço, como uma mãe que sabe das necessidades do seu filho (E 7, sacerdote).

É muito forte a imagem de Nossa Senhora para os peregrinos. Eles choram, se ajoelham, eles fazem esses gestos, pois têm presente a veneração por Maria. É muito forte. E quando eles entram no Santuário, quando chegam perto da imagem, eles têm que tocar em Nossa Senhora. A gente vê, ao tocar, eles ficam com aquele semblante... parece que transforma o semblante deles (E 10, religiosa).

Ao falar sobre a importância de acolher bem, um sacerdote (E 11) relata o testemunho de uma moradora, que, como tantos outros do local, se envolvem no serviço em prol do Santuário. Através desse testemunho, pode-se perceber motivações que impulsionam tantos a colaborarem com o Santuário.

[...] “é uma responsabilidade bem grande e precisamos receber bem as pessoas e também fornecer informações para o público”. Além disso, a família oferece toda a ajuda necessária à organização da romaria: os filhos lavam louças, recolhem talheres e se colocam à disposição da comunidade. Na última semana [próxima a uma das romarias], eles trabalharam arrumando as fitinhas de Nossa Senhora de Caravaggio que seriam comercializadas. “Aprendemos que em todos os momentos existe uma mãe que olha para a nossa família”, ensina [a moradora]. Isso é um exemplo muito concreto onde a comunidade se coloca a serviço e missão. Deixam tudo [para colaborar] (E 11, sacerdote).

Nas liturgias no Santuário, são reforçados elementos identitários a respeito da figura de Maria através das homilias, em orações próprias dirigidas a ela, na contemplação dos mistérios do terço, nas canções durante as missas. Como referiu Sampel (2017), em seu pontificado, o Papa Bento XVI aprovou ofício próprio na missa em que reza-se à Maria, invocando-a medianeira de todas as graças.

As liturgias com seus elementos devocionais contribuem para ressaltar o modelo humano de Maria a seguir. Na Bíblia, são poucos os textos que falam a seu respeito. Sua expressão se apresenta no silêncio e sabedoria de suas poucas ações relatadas. Numa dessas poucas referências a ela, consta relato, no Evangelho de João, quando do alto da cruz Jesus a incumbiu do múnus de intercessora ao proferir: “Mulher, eis aí teu filho” e, em seguida, ao dizer ao discípulo: “Eis aí tu mãe” (BÍBLIA, Jo 19, 26-27, 1983).

Maria foi alguém muito acolhedora. No cenáculo, mesmo na cruz: “Eis aí a tua mãe.” Nós temos que ser criativos, novos métodos, nova expressão. Hoje, temos que ter essa dimensão toda de caminhada com o romeiro. Nossa Senhora vai ao encontro de Joaneta Varoli, que era maltratada por aquele carrasco Franchesco. [...] Ele só se converteu quando aquele bastão se transformou numa rosa, numa flor... foi tocado por isso. A gente vê com muita esperança esse Santuário por aquilo que ele significa na História (E 11, sacerdote).

[No Santuário] as pessoas veem, em Nossa Senhora, a mãe de Jesus; veem a Nossa Senhora que ajuda, que dá um colo prá gente como nossa própria mãe (E 15, moradora).

Vejo que o grande trabalho de Nossa Senhora, em toda a vida dela, é mostrar Jesus. Ela não quer ser centro nunca. Ela nunca quer buscar a sua divulgação. [...] E as pessoas são atraídas aqui, e a gente vai vendo isso... as pessoas são atraídas muitas vezes pela presença de Maria. Mas na festa, o centro é a missa. Vejo que essa atração por Maria faz parte da atração materna. O próprio doar por Maria foi aos pés da cruz quando ele disse: “Eis aí tua mãe!” Então, quando ele diz isso, inclui o poder da palavra, e eu sinto que a gente tem ali o refúgio materno. Na hora da dor, na hora do sofrimento, a gente vai buscar quem? O colo de mãe (E 13, morador).

O Novo Testamento registra um dos momentos em que Maria interveio diante de Jesus. No episódio das bodas de Caná, há o relato da falta de bebida, imprescindível para os convidados na festa de casamento, quando, a pedido da mãe, Jesus transformou água em vinho (BÍBLIA, Jo 2, 3-11, 1983). Maria é lembrada por um colaborador do Santuário como referência de pessoa atenta às realidades mais profundas do ser humano, como mostra sua fala (E 23).

Eu gosto muito de uma passagem sobre Nossa Senhora nas Bodas de Caná: “Fazei tudo o que Ele vos disser!” Então, é a imagem da mãe, é a imagem de uma pessoa escolhida, que Deus escolheu exatamente pra isto. Eu acho que ela é um meio, um exemplo, ela não é Deus mas é alguém da nossa espécie humana. Então dá a impressão que estamos mais próximos dela a tal ponto que o povo cristão tem dado à Nossa Senhora os melhores sentimentos. Por exemplo, Nossa Senhora dá o nome ao lugar onde ela aparece: é Fátima, é Pompéia, e por aí vai. Então, dar o nome da cidade onde a pessoa vive, onde ela aparece é uma demonstração de carinho. E também, uma outra demonstração de carinho é dar à Nossa Senhora o nome de uma situação: Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora Auxiliadora... [...] há esse sentimento de proximidade, eu diria, de mãe e ela é da espécie humana, ela é ser humano, uma pessoa escolhida e também aquele fato, que

ela diz assim: “Fazei tudo o que Ele vos disser!” (Jo 2,5) (E 23, colaborador no Santuário).

A história do Santuário de *Caravaggio* se confunde com a própria história da comunidade local (E 5) que somou esforços para compor suas estruturas físicas e culturais, combinadas ainda com a presença e colaboração de tantos peregrinos que, através de doações materiais e/ou demonstrações de fé, deixaram suas marcas no local.

Toda a história do Santuário de Caravaggio se expressa através de um povo e de uma comunidade e das comunidades do entorno do Santuário, como de fato uma expressão de hospitalidade através do trabalho, através de todas as construções que, com o tempo, foram realizando. E também é fruto de todos os peregrinos, de muitas formas, de doações, e que é um patrimônio que está aí a serviço do peregrino, a serviço de Deus, da evangelização. A história do Santuário, da comunidade local, foi esta, digamos, caixa de ressonância entre a devoção de Nossa Senhora e todo este povo que chega e continua chegando de todos os lugares, mas que agora é pequena pra atender tanta demanda, de modo que está vindo ajuda de tantos outros leigos e leigas de outras comunidades, de outras paróquias, da diocese, para auxiliar e atender bem o peregrino (E 5, sacerdote).

A figura de Maria e a devoção a ela são compreendidas pelos entrevistados formando uma unidade identitária. As liturgias no Santuário reforçam as qualidades e a distinção a Maria, embora tenham a centralidade em Jesus Cristo, como apontam os documentos da Igreja, que estabelecem os ritos de culto. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no capítulo VIII, apresenta Maria como personagem importante no mistério de Cristo e da Igreja. O documento destaca sua missão na economia da salvação, suas virtudes, orientações do culto e a aponta como sinal de esperança e conforto ao peregrinante povo de Deus (PAULO VI, 1964). Tais referências fazem parte permanente das celebrações que ocorrem no Santuário de *Caravaggio*, como podem ser verificadas em homilias, cantos, orações e bênçãos.

5.4 COMUNIDADE, PERTENÇA E SOLIDARIEDADE

As características culturais da comunidade de *Caravaggio*, em Farroupilha, indicam reforçar os dados levantados por Putnam (1993) na pesquisa realizada na Itália, entre 1970 a 1989. As características levantadas e identificadas, no Norte daquele país, também se manifestaram na conduta das famílias que migraram para *Caravaggio*, em Farroupilha. Os relatos de Bertuol (1950) e Zorzi (1986), bem como as falas, nas entrevistas desta pesquisa, mostram que as iniciativas de organização coletiva, senso de comunidade, gestos de hospitalidade e ajuda mútua favoreceram a formação de laços sociais, os quais contribuíram para melhor convivência e desenvolvimento local. É importante lembrar que os imigrantes

que povoaram o que hoje se constitui a comunidade de Caravaggio (sede do Santuário e capelas do entorno), tiveram procedência do Norte da Itália, região em que foi comprovado melhor desempenho social e econômico, em relação às suas outras regiões. Tal constatação apurada deve-se ao fato de um contexto social que forjou laços horizontais, ligações sólidas daqueles de solidariedade e que gerou fundamentos cívicos nas suas comunidades.

Nesse sentido, estudos sobre movimentos migratórios internacionais, do final do século XIX, reforçam a afirmação de que foram decisivos na conformação da estrutura econômica e social do Brasil, principalmente nas características das Regiões Sudeste e do Sul, como o mencionado por Herédia (2015).

Esses traços de princípios e valores, pertencentes à doutrina católica e que levam em conta a sensibilidade para a necessidade do outro, a ajuda mútua, a fraternidade, a vivência comunitária, são relatados a partir da percepção da cultura local por uma religiosa (E 16) e de um morador (E 13).

Acredito que é um grande mutirão de fé, um grande mutirão de serviço, de solidariedade e de partilha que fica na História. A comunidade de Caravaggio como tal, essas famílias estão voltadas totalmente ao serviço do Santuário e têm deixado seus interesses pessoais, o próprio trabalho, para estar presente não só nas romarias mas em qualquer outro contexto. Os fabriqueiros são nomeados por um ou dois anos. O trabalho deles é justamente atender o restaurante do Santuário gratuitamente. Assim como os demais serviços, na festa eles colocam às vezes dinheiro do próprio bolso para fazer a montagem de uma infraestrutura. Eles doam muita coisa, porque a grande maioria são hortifrutigranjeiros que estão ali, e eles doam não só o tempo mas também as coisas materiais para que haja um apoio mútuo. Se percebe também que os filhos e netos dos que permaneceram ali na localidade eles estão muito absortos em tudo o que é a dimensão e as exigências e também das responsabilidades com o Santuário (E 16, religiosa).

A comunidade se organiza e se dedica a acolher, não só na festa mas todos os fins de semana. [...] E a gente vê que isso proporciona ao peregrino chegar, saber que está tranquilo, e tudo aquilo que ele talvez nem saiba, aconteça para que ele seja bem acolhido (E 13, morador).

Baptista (2008) reforça o apurado por Putnam (1993) quanto ao exercício de cidadania e comprometimento influenciados pela cultura local. Contata-se pelas obras de Bertuol (1950), Zorzi (1986), Pasa (2013), Vendrúsculo (2015), autores que abordaram sobre a localidade em estudo, que a comunidade do Santuário³² se organizou no território e influenciou o estilo de pertença comunitária. A força da cultura caracterizada pela tradição religiosa condicionou decisivamente a trajetória de vida e interação social da comunidade do Santuário, reproduzida nas gerações que se seguiram.

³² Comunidade da sede do Santuário.

A solidariedade, a fé e os vínculos de sociabilidade revelam-se através das falas (E 4, E 6) de dois moradores, e de uma religiosa (E 3).

Aqui tem muita gente que ajuda. Depois tem gente de fora. A nossa comunidade aqui é muito pequena. Com o número daqui nós não conseguiríamos dar conta... temos sorte que vem gente das capelas, de Farroupilha, vem de Caxias, vem um monte de gente para auxiliar (E 4, morador).

A fé é que fez a comunidade de Caravaggio. O início, o fato de estarem aqui há pouco tempo e já estarem construindo a capela... Em dois, três anos construiram a igreja... E, as graças que pediam à Nossa Senhora, Nossa Senhora atendia. [...] Então a comunidade acabou sendo formada nesse meio de ajudar, de acolher... que quando pedia era atendida. E esse vínculo com as pessoas que vêm e rezam fica (E 6, morador).

O pessoal aqui é muito unido. Eles se envolvem muito com o pessoal. O pessoal é muito disponível. [...] No domingo é muita gente, muita gente. Muitos dizem: “Só vim agradecer, não quero pedir nada, só vim agradecer porque eu tenho tudo. Quando eu tenho saúde está tudo bom, o resto é por acréscimo. Eu só vim agradecer. Agradecer a vida porque eu estou aqui” (E 3, religiosa).

Também fica evidente, na comunidade, a questão da alteridade nas relações pessoais. Percebe-se que essa peculiaridade animou a bondade e a capacidade da doação de si mesmos na prática de ajuda mútua entre os moradores locais. As evidências mostraram que a empatia dos moradores os levou a importarem-se com os peregrinos que, desde os primeiros tempos do povoado, procuravam o local para expressar suas necessidades através da devoção. Essa condição de sensibilidade de ser capaz de colocar-se no lugar do outro, numa relação de diálogo e valorização de diferenças, reforça o pensamento de Baptista (2008), ao afirmar que, no sutil excesso de hospitalidade, emergem os atos que exprimem a sociabilidade humana.

A bondade encontra ressonância no fato da doação própria, e esse gesto provoca um alento de bem capaz de fazer transbordar a devoção familiar, a amizade, a obrigação profissional e a responsabilidade cívica, como refere Baptista (2008). Esses traços aparentes, que se percebem na comunidade de *Caravaggio*, como referiram Bertuol (1950) e Zorzi (1986), e os entrevistados através das falas (E 9, E 10), vêm contribuindo no cultivo da fé e do serviço prestado ao Santuário e da sustentação da solidariedade para com os peregrinos, mas também para si próprios, fatos que têm perpassado gerações.

A partir do momento que você se abre para o próximo e o acolhe, você também vai ser acolhido, você cresce. Se você doa de sua vida na participação, certamente Deus se revela também em bênçãos. Então acho que a comunidade reflete isso. [...] Acho que é próprio de nossas comunidades religiosas... é acolher bem e num aspecto de gratuidade. [...] No geral, também pessoas de outras comunidades que na gratuidade colaboram (E 9, sacerdote).

Desde que Nossa Senhora chegou em Caravaggio, há quase cento e quarenta anos, o povo principalmente os adultos, não tanto os menores, as crianças e os jovens, mas o povo mais adulto, mais maduro, eles têm aquilo: “Nós não queremos que isso se perca”, “nós não queremos que isso se abandone”, porque eles receberam lá da raiz que veio da Itália. Imagina, com um simples quadrinho começaram a fazer as romarias que se tornaram tão grandes (E 10, religiosa).

A pertença ao lugar é um aspecto que faz muito sentido à população local. O espírito de pertencimento foi sendo construído desde as primeiras famílias, que no local se estabeleceram quando da imigração. As dificuldades pelas quais passaram frente à falta de recursos e estruturas no local motivaram a busca de soluções na mútua ajuda. Os imigrantes trouxeram essas práticas que, culturalmente, exerciam em seu país de origem, como também referem Bertuol (1950) e Zorzi (1982).

Os estudos de Putnam (1993) demonstraram características das sociedades do Norte da Itália, as quais originaram traços de comportamento dos primeiros moradores da localidade do Santuário e das comunidades que diretamente fazem parte de seus serviços. Suas iniciativas de resolução de problemas, pela prática de cidadania, contribuiu para a consolidação do espírito de pertença na comunidade de *Caravaggio*. Zorzi (1986), Pasa (2013) e relatos dos entrevistados na pesquisa (E 21, E 6, E 23) apontam que os moradores locais foram realizando suas estruturas (moradias, escolas, estradas, cooperativas...) numa relação de comprometimento mútuo e fortalecidos pela fé. Apesar da escassa, ou quase inexistente ajuda do governo, somaram esforços para superar suas adversidades.

Essas iniciativas corroboram o que Valle (2006) abordou acerca da pertença à fé, base que sustenta e movimenta as iniciativas da comunidade.

[...] há toda a história da imigração e da colonização. Os imigrantes vieram em busca de melhores condições de vida. Se organizaram em pequenas comunidades e a fé os motivou para esse encontro. Quando os primeiros colonos aqui vieram, organizaram um capitelzinho e houve um trabalho entre eles para encontrarem um padroeiro. [...] Em 1890 inauguraram o Santuário antigo aqui de Caravaggio. E em 1963 foi inaugurado o atual. E, então, a gente vê toda essa motivação de fé que movimenta toda essa gente. [...] Então, há uma tradição, uma motivação de fé que leva as pessoas a participarem (E 21, sacerdote).

Desde o início, quando vieram os italianos para cá, e vieram da Região do Vêneto, eles não tinham outra opção. Quando chegaram aqui, pelo que se lê e conta a História, eles tiveram pouca ajuda do governo. E o que eles trouxeram para cá foi a fé. Se eles não tivessem a fé, em pouco tempo, nesses cento e quarenta anos da imigração, eles não teriam transformado esta região no que é hoje. (E 6, morador).

A Vania [Herédia] estudou muito a imigração. Quando os colonos vieram para cá, o governo ficou na Itália. O governo daqui não tinha grande envolvimento. Então, o apelo era para o céu. E começam primeiro rezar o terço debaixo de uma árvore, depois fazem um pequeno capitel, depois do capitel vem a igreja, da igreja vem a igreja (E 23, colaborador do Santuário).

O conjunto de comportamentos manifestados pela comunidade de *Caravaggio*, como a partilha e a troca dos frutos do trabalho, juntamente com a mutualidade e a reciprocidade, foi decisivo para determinar a essência da organização coletiva e do senso de comunidade, conforme afirma Putnam (1993). O espírito comunitário demonstrado através das falas dos entrevistados (E 11, E 12, E 19) sustenta a hospitalidade no atendimento aos peregrinos, seja no período das romarias, seja nos serviços regulares que acontecem principalmente nos finais de semana, no Santuário.

A comunidade lá ela tem cento e oitenta famílias além das comunidades por perto que são quinhentas e quarenta pessoas que moram naquelas sete comunidades: São José, Todos os Santos, Monte Bérico, São Vitor e Corona, São Tiago, Santa Justina, Nossa Senhora das Dores. Se você soma, dá umas setecentas, quase oitocentas pessoas. Mais a comunidade da Julieta. Então você calcula umas mil pessoas. Essas mil pessoas elas participam da romaria por meio dos serviços, além de Farroupilha (E 11, sacerdote).

A gente ajuda não pelas pessoas só, mas por Jesus Cristo. Fazendo cada um o papel que cada um faz, a gente ajuda as pessoas a rezarem (E 12, moradora).

E aí em Caravaggio aconteceu que o povo se reuniu ao redor de um quadro que representa Nossa Senhora de Caravaggio. A partir daí a devoção começa, começa a partir do coração do povo, da vontade do povo. [...] nasce do coração do povo, da devoção que os migrantes trouxeram e que depois foi transmitida através do exemplo pelos pais, pelos avós aos seus filhos e netos. Foi transmitida e continua ainda hoje essa devoção de ser transmitida de pai para filho, de maneira que o Santuário não precisa fazer muita propaganda de dizer: “Venha ao Santuário!”, porque o povo vai, vai ao Santuário sem propaganda (E 19, sacerdote).

A dádiva de que fala Mauss (2003), a tríplice aliança “dar-receber-retribuir” pode ser observada nas práticas dos envolvidos com os serviços no Santuário. Essas leis não escritas da hospitalidade continuam a se exprimir com generosidade no atendimento aos peregrinos.

Conforme discorre Camargo (2015), a cena hospitaleira ocorre pela troca de dádivas e contradádivas. O Santuário é o local que convida ao encontro com o sagrado, cujo apelo é compreendido e aceito, mesmo que não seja um convite propriamente humano, feito por pessoas, mas intuído pelo convite da fé enraizada no peregrino. O convite feito ou o pedido de acolhimento aceito é uma primeira dádiva do anfitrião.

A contradádiva do peregrino expressa-se pela resposta do anfitrião, no caso o Santuário, que pode ser expresso pelas figuras do próprio elemento sagrado, na pessoa de Jesus Cristo, e através de Nossa Senhora, dos sacerdotes, das religiosas e demais pessoas que, nos diversos serviços, dão atendimento aos peregrinos. O anfitrião, assim representado, reconhece com gratidão a presença desses peregrinos.

A nova contradádiva do anfitrião, nas figuras das pessoas que exercem o acolhimento, é demonstrada através da promessa de realização pelas estruturas que proporcionam o conforto necessário, ou possível. Tais estruturas incluem as liturgias e os ambientes propícios à oração, os quais se empenham em saciar as necessidades na dimensão espiritual, e as demais que visam a dar conforto físico, através da alimentação, dos atendimentos em saúde, na segurança e nos demais apoios.

A liturgia eucarística, Santa Missa, constitui o ponto central da cena do rito religioso e da expressão de hospitalidade. Esse entendimento também é defendido por Beni (2016). Na missa, ocorre a comunhão do corpo e do espírito através do sacramento da Eucaristia, a mesa sagrada da qual todos estão convidados a participar, vivendo a plena união com Cristo.

Na abordagem de Camargo (2015), na cena hospitaleira o gesto de confraternizar entre si e proporcionar esta experiência é a maior dádiva do anfitrião. No ambiente religioso católico, na realização do culto da missa, ocorre o acolhimento por excelência, momento em que o sacerdote, em nome de Cristo, acolhe a todos para participarem da grande ceia. Nela, anuncia o perdão de Cristo pelas faltas cometidas, convida todos a escutarem a palavra de Deus, através das leituras bíblicas, com ênfase no Evangelho e atualiza-o no tempo. Consagra os frutos do trabalho humano nos elementos de pão e vinho e, também, em nome de Cristo, reparte-os entre todos, convidando-os a fazerem o mesmo no cotidiano o que vivenciado na missa, em atendimento ao pedido de Jesus em sua última ceia.

Os entrevistados (E 6, E 10) percebem que os envolvidos no serviço ao Santuário sentem como obrigação ajudar, pois dizem ter recebido e receberem constantemente graças pela intercessão de Nossa Senhora. Os mesmos se compadecem com os peregrinos em suas buscas espirituais e nos seus sofrimentos, e demonstram ter presente o apelo de Jesus para os necessitados.

A gente nota que, quando a gente faz um trabalho de doação, a gente se sente bem e quando está atendendo alguém e vê que caminhou vinte, trinta quilômetros, e vem a pé, muitas vezes... Aí você nota assim... aquele que vem caminhando é uma pessoa que está de tênis... mas aquela pessoa que vem pagar uma promessa, ela vem caminhando de pés descalços... ela vem com a criança no colo... Não tem como você não ser sensível em ver que essa pessoa está vindo porque precisa ou está vindo para agradecer. Você está ajudando. O seu pagamento, no fim, é esta coisa boa que você leva para casa: eu ajudei a fazer a Festa (E 6, morador).

As famílias que moram ali já têm isso no sangue. As pessoas dali fazem de tudo para fazer o melhor. Observam que aquilo que não deu certo deve ser mudado para dar mais certo. Elas têm muito disso. Se esse caminho não leva muito à realização total, elas mudam para outro caminho para aperfeiçoar-se melhor. Isso o povo de Caravaggio tem. E não são capazes de dizer não quando lhes é solicitado para trabalhar na Igreja, no Santuário. Deixam tudo para estar presentes, porque a

Igreja precisa do trabalho delas. E eu digo, noventa e nove vírgula nove por cento de todos os trabalhos que são realizados no Santuário – para não dizer cem por cento –, é gratuito. Tem muita gente que vem se oferecer: “Olha, se vocês precisam, eu estou aqui.” Mas vêm de longe, até muitas vezes, de outros estados. Eles vêm e se colocam à disposição se precisa de ajuda. Alguns têm parentes ali. Aqueles que saíram, que moravam ali em Caravaggio e não estão mais morando, dificilmente eles passam uma romaria sem que estejam lá. Eles trazem ainda na vivência deles o bonito trabalho de conjunto que é feito no Santuário (E 10, religiosa).

A atração de massas, observada no fenômeno religioso moderno, como refere Hervieu-Léger (2008), ocorre à margem do controle instrucional da religião. Evidencia-se que, na romaria a *Caravaggio*, há uma força atrativa que foge ao controle. Como refere o morador (E 13), a romaria independe de convite para acontecer. Nos dias de romaria, as pessoas simplesmente se dirigem ao local. E a comunidade, que dá sustentação aos serviços no Santuário, bem como as estruturas físicas demandadas necessitam estar preparadas e disponíveis para oferecer todo o suporte de acolhimento necessário.

Toda a ação do Santuário, eu noto como um esforço de acolhida. A própria comunidade; e, nas comunidades à sua volta, há um grande esforço para que as pessoas sejam bem-vindas. Como acolher as pessoas é uma preocupação constante, porque independente do que se faça, a romaria de Caravaggio não é uma romaria que tu vai lançar uma nota e dizer “hoje não vai ter” porque as pessoas vão vir igual porque elas são atraídas. A gente tem que estar aqui para acolher, é só isso (E 13, morador).

A história de *Caravaggio*, narrada por estudiosos sobre o local (BERTUOL, 1950; ZORZI, 1986), e o relato de um sacerdote (E 11) demonstram a vocação ao acolhimento daqueles que vêm de outros lugares para fazer sua experiência de encontro com o religioso e harmonizarem-se consigo mesmos através dos atributos do lugar.

Então faz parte da história. Até os prefeitos queriam tornar esse caminho dos romeiros uma coisa importante. Hoje nós temos entre Bento e Caravaggio, e entre Caravaggio e Caxias, esse caminho dos romeiros que tem muita frase bíblica, muitos pensamentos. Não é por nada que o padre Gilnei Fronza [reitor do Santuário] com toda sua equipe colocou. Eles souberam ler muito bem isso. Nós precisamos tornar esse turismo “religioso”, mas também há uma questão muito sagrada, muito importante que é a vida (E 11, sacerdote).

Um sacerdote entrevistado (E 24) faz ressalvas à questão do turismo no Santuário, pois considera que o local é espaço de oração e contemplação, e o turismo, compreendido de modo genérico, não justificaria a motivação da visita.

Às vezes a gente percebe turistas religiosos aqui. Esses que estão fazendo turismo religioso. Ou estão fazendo turismo e acabam caindo no Santuário, porque alguém falou para eles. Mas eu já vi muitos deles decepcionados dizendo: “Porque aqui

não tem nada, não tem nada, não tem uma pintura!” Às vezes chegam aqui e, quando entram na loja, dizem: “Isso aqui é muito simples!” Então a gente diz assim: “Olha, aqui não é um centro comercial religioso! Aqui é um ponto de expressão de uma fé em Caravaggio. Nem foi aqui que ela [Nossa Senhora] apareceu!” Teve uma irmãzinha [religiosa] esses dias que veio de lá [de Caravaggio, Itália]. Nossa! Ela ficou impressionada! Como que aqui tem tanta gente! Lá [em Caravaggio, Itália] não tem tanta gente assim! Eles lá ao meio-dia fecham! Então, a queixa de quem vem sem esse espírito ela é enorme! (E 24, sacerdote).

Urry (2001) atualiza o conceito ao abordar que embora tenha ocorrido uma variação histórica e sociológica a respeito do turismo, existem características mínimas das práticas sociais que, por questões de conveniência, são descritas como *turismo*.

O turismo religioso que acontece em *Caravaggio*, tem aproximação ao conceito formulado por Cárdenas (2012), que o caracteriza como um movimento de pessoas em direção a um centro, um lugar geográfico, que as pessoas o têm como um lugar sagrado, um lugar de encontro com Deus. Nesse sentido ainda, Cárdenas compreende que a espiritualidade, associada ao turismo religioso, provoca manifestações que ultrapassam a mera presença do peregrino em frente a uma imagem, santuário ou lugar sagrado, ou mesmo ao retorno à natureza, ou à vida nômade como um caminhante.

A importância do fenômeno da devoção à Nossa Senhora na América Latina, conforme reconhece Feres (2006), atrai milhares de pessoas que buscam alimentar sua espiritualidade nos lugares de peregrinação, na intenção do encontro com a presença materna da Mãe do Cristo, tida como modelo humano de quem acreditou em Deus e viveu a fé.

Em *Caravaggio*, como mostraram os dados, há um fluxo expressivo de peregrinos vindo de muitos lugares. Vê-se que seu fluxo intenso é regional, entretanto, as anotações nos livros de visitas do Santuário mostram que peregrinos de todos os continentes deixam seus registros no local, com frequência em todos os períodos do ano.

O fluxo de peregrinos, embora com motivação religiosa, demanda necessidades que podem ser comuns a outros segmentos do turismo, quando no local visitado. O Santuário de *Caravaggio* é um destino de muitos, que, vindos à região, mesmo por outros motivos, recorrem à visita.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalidade é uma experiência humana que expressa a genuinidade das relações interpessoais. Ela tem perpassado o tempo e se modificado em seu percurso, porém mantidos os traços que caracterizam sua essência: a de ser uma acolhida incondicional ao outro, necessitado ou convidado, reconhecido em sua singularidade. Portadora de uma ambiguidade, a hospitalidade pode transformar-se em hostilidade por não comportar *a priori* a garantia de uma relação saudável.

A hospitalidade é nutrida por ritos específicos que mesmo sem uma norma definitiva que impliquem leis não escritas, permite que ocorra uma delimitação dos protagonistas e dos gestos esperados. Isso verifica-se em benefício de um real encontro humano com potencialidade transformativa e correspondência assimétrica dos mesmos, a fim de promover uma relação recíproca do intercâmbio de dons.

A hospitalidade aqui investigada buscou conhecer essa relação, através de percepções no âmbito religioso, na ótica de sacerdotes, religiosas, moradores locais e colaboradores que, ao longo do tempo, contribuíram, com seus serviços e experiências pessoais, com o Santuário, tendo em vista o campo proposto para o estudo. A abrangência do conhecimento a seu respeito, notadamente, tem caráter universal e aplicação em situações diversas. Entretanto, observadas as delimitações da pesquisa, observou-se que há um entendimento específico sobre hospitalidade, quando se trata da hospitalidade da Igreja.

Essa especificidade está relacionada à compreensão de que, na Igreja, as pessoas buscam em primeiro lugar a hospitalidade na dimensão espiritual, estando em segundo plano a dimensão material. Isso manifesta-se claramente nas narrativas dos sujeitos pesquisados, que demonstram consenso ao considerarem que, na Igreja, é mais apropriado utilizar o termo *acolhimento*.

O fenômeno que envolve a hospitalidade, aqui compreendida com significado equivalente a acolhimento, na concepção de Boff (2005) caracteriza-se pela prática de virtudes, as quais constituem o mundo das sublimidades e dos valores que carregam em si um apelo utópico de transportar o ser humano a horizontes mais abertos. O acolhimento constitui-se um fenômeno humano e relacional, em que estão envolvidas trocas afetivas e de interdependência humana.

A prática das virtudes relacionadas à hospitalidade abrange também a convivência, a tolerância e a comensalidade e constitui a base para um futuro de esperança, com novos valores e possibilidades de outras formas de organizar os conhecimentos, as relações sociais e

a natureza. Tais capacidades apresentam potencialidades que favorecem pessoas, comunidades e povos a alimentarem a reciprocidade entre si e a reforçarem os laços de paz e amizade.

O cuidado, a escuta, o sorriso, a atenção, o respeito à singularidade do outro, a compreensão do coração humano, o diálogo que transmite uma palavra de esperança são gestos que remetem à relação interpessoal revelada como prática que sustenta o acolhimento no ambiente religioso, no campo de estudo. A presença de sacerdotes à disposição para a escuta individual e a possibilidade de ouvir uma palavra de conforto, estímulo e esperança revelam peregrinos que relatam fatos surpreendentes ao retornarem para agradecer.

A falta de alguém que saiba escutar parece ser um dos maiores problemas humanos na atualidade, o que também é identificado em algumas falas dos entrevistados. Encontrar alguém preparado para a escuta e proporcionar espaço para que o outro possa ser ele mesmo respeitando-o em sua condição e garantindo-lhe o respeito ao silêncio da confidência, é considerado um importante gesto humano, capaz de grandes transformações.

Os momentos litúrgicos, nos ambientes em que ocorre a acolhida coletiva, com seus rituais próprios, buscam comunicar a mensagem a que se propõem: principalmente a de proporcionar a experiência religiosa, centrada na fé, que envolve a piedade popular no Santuário. Todos são acolhidos em suas realidades. Os valores humanos, relatados nos Evangelhos, são atualizados para o tempo presente, com o objetivo de serem uma palavra a iluminar a caminhada de cada um na jornada pessoal, familiar, profissional, comunitária e na sociedade.

As estruturas que envolvem o conforto físico, necessárias para que ocorra experiência religiosa pessoal e comunitária, são cuidadosamente planejadas, preparadas e mantidas em suas demandas de serviços por voluntários da comunidade. Estas pessoas são motivadas pela fé que trazem de sua história e da tradição transmitida de geração em geração, com a esperança da continuidade para as gerações seguintes. Esse espírito que as alimenta faz com que sintam-se pertencentes não só ao lugar, mas também ao Santuário e ao que nele acontece. Ao relatarem os fatos da história do lugar, os sujeitos da pesquisa parecem ter vivido toda a história, no mesmo tempo cronológico de seus bisavós, avós, pais e de sua vida pessoal. Há uma fidelidade nos mesmos detalhes e uma preocupação de que seus descendentes a mantenham.

A grande comunidade local, constituída pela comunidade do Santuário e as de seu entorno, vivem o espírito da dádiva. Por sentirem-se agraciadas pelas infinitas graças recebidas, pela mediação de Nossa Senhora de *Caravaggio*, as cento e oitenta famílias

(aproximadamente) que compõem o lugar engajam-se no serviço voluntário ao Santuário, com o espírito de proporcionar ao peregrino a vivência da experiência religiosa que o motivou a realizar a peregrinação.

A comunidade tem em Nossa Senhora o símbolo do acolhimento. Vê em sua identidade a imagem da mãe que acolhe seus filhos, independentemente de como são. Acolhe-os em suas necessidades e diferenças. Deposita na figura de mãe a expectativa de ser atendida em seus pedidos e considera que a mãe sempre faz tudo para ver seus filhos bem, como também deposita a esperança de que intercederá junto a Deus. São bastante recorrentes as manifestações de que peregrinos foram atendidos em todas as suas necessidades, bem como o reconhecem em relação às suas gerações anteriores.

O mesmo pode-se dizer dos peregrinos que visitam o local. Os milhares de sinais deixados no espaço memorial dos devotos, no Santuário, são um testemunho de que muitas pessoas foram tocadas de alguma forma em sua manifestação de fé. Há muitos testemunhos escritos e atualmente também registrados em vídeos, que podem ser visualizados no local e que mostram situações de curas que a ciência não consegue justificar. Também há relatos de sacerdotes e religiosas, de peregrinos que voltam, tempos após, para narrar curas e/ou transformações importantes que ressignificam sua vida.

Os milhares de peregrinos concentrados nos dias de romaria implicam uma estrutura física e humana grande e complexa. Percebe-se que há um esforço conjunto de planejamento que envolve todas as estruturas, tanto para atender às questões relacionadas às demandas espirituais quanto às físicas. Há um comprometimento de todos os setores envolvidos, tanto da parte da Igreja quanto das instituições que lhe dão suporte (saúde, transporte, segurança, tráfego).

O clima, principalmente a chuva, pode representar obstáculos quanto ao fluxo de peregrinos, uma vez que a característica das romarias é o deslocamento a pé daqueles que vêm das cidades vizinhas. O retorno, geralmente, ocorre através de ônibus. Em função do grande fluxo, o motivo de espera em filas é uma das preocupações constantes dos organizadores, que buscam condições para minimizar esse tempo nos terminais de embarque. Dos lugares mais distantes, de outros municípios e também de outros estados, a mobilidade ocorre em transporte convencional, de ônibus ou em automóveis.

A manutenção do contingente de pessoas, no suporte aos serviços no Santuário, também se constitui uma das preocupações de seus gestores. Observa-se que as famílias tendem a reduzir-se em função dos filhos que migram para outras cidades para estudos e trabalhos. Por outro lado, ocorre fluxo crescente de peregrinos nas romarias, bem como

regularmente nos finais de semana, o que gera demanda de serviços nos restaurantes do Santuário, realizados voluntariamente.

A preservação e sustentabilidade das condições da vegetação no entorno do Santuário, bem como condições de silêncio propício à contemplação e à oração, próprios para o ambiente religioso, preocupa seus gestores. Aliada a isso também existe a questão da água, cuja fonte é símbolo do Santuário. O templo, conforme relato, foi construído sobre terreno rochoso de onde brotou uma nascente de água. Atualmente, uma fonte pode ser visualizada na entrada do Santuário, sob um piso de vidro. O fato importante relacionado a isso é que, nos lugares das aparições de Nossa Senhora, há vinculação com a água. No próprio Santuário de *Caravaggio*, na Itália, conforme relato da aparição, no local onde Nossa Senhora apoiou seus pés surgiu uma fonte como sinal de sua presença.

O Santuário de Caravaggio, em Farroupilha, RS, indiscutivelmente atrai um grande contingente de pessoas que se deslocam de muitos lugares. É o maior do Sul do Brasil em fluxo de peregrinos com procedência de todos os continentes. Os sinais no Santuário apontam a singularidade de lugar sagrado. Nele, as pessoas buscam uma disposição especial de reunião de culto, com o propósito de fé, não apenas como alguém que vai como espectador, mas que vai com uma necessidade de viver uma experiência de encontro com Deus, uma experiência de fé, traços que caracterizam o turismo religioso.

O turismo religioso propicia momentos de celebração e fraternidade entre as pessoas e lhes favorece compartilhar o que têm e também o que não têm em torno do objeto devocional e lugar sagrado, possibilitando vivências a pessoas de diferentes ideologias e crenças. Observa-se a frequência de pessoas de outras denominações religiosas, que encontram no Santuário de *Caravaggio* lugar de acolhida e convivência fraterna.

Muito embora os espaços de turismo religioso tenham suas identidades e compromissos próprios no âmbito de sua fé, o acolhimento e o diálogo com as religiões podem fortalecer a compaixão, o cuidado, a cortesia e a hospitalidade. As religiões guardam em si um patrimônio único de reverência e respeito pelo mistério da existência e o dom da vida. O diálogo surge como uma potente voz em favor do ser humano e da natureza, como lugar comum da humanidade.

Sem dúvida, o turismo é visto com cautela pela Igreja, pois, em princípio, como também expressam seus documentos, considera que todo o turista, no momento em que está num ambiente religioso, é um peregrino, pois passível de fazer uma experiência de Deus. A Igreja, através de seus representantes e documentos, reconhece os profundos valores e os

específicos elementos de aperfeiçoamento que o turismo pode promover para uma nova ordem nas relações humanas.

Os valores autênticos que o fenômeno do turismo implica podem contribuir não apenas do ponto de vista estritamente espiritual mas também humano. O turismo tem a potencialidade de promover a unidade da família humana e, ao mesmo tempo, de transformação e elevação social; de promover a solidariedade do ser humano com o Universo e a restauração da pessoa humana.

O Santuário é um lugar propício para a formação de valores de respeito à vida e à natureza, além de ser um espaço oportuno para purificar a fé. O Santuário proporciona espaço de diálogo fraterno em prol da paz e com pessoas de outras denominações religiosas. Através da comunicação, é possível à Igreja contribuir com a construção de uma identidade humana que se assemelhe àquela do projeto de Jesus para a humanidade, com amor, justiça e fraternidade.

O Santuário de *Caravaggio*, além de ser um espaço que acolhe por suas características de atração religiosa, é um lugar de generosidade de tantas pessoas, que se empenham oferecendo seus melhores dons, imbuídas pela devoção, na solidariedade aos peregrinos. A prática de acolhimento, atenção, escuta, cuidado; um pequeno sorriso, um pequeno olhar entrelaçam e traduzem a hospitalidade da Igreja naquele lugar: no Santuário de Nossa Senhora de *Caravaggio*.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários.** Trad. de Nair de A. Oliveira. São Paulo: Paulus, 1996.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Trad. de Pedrinho Guareschi. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 39-63. cap.2.
- BAPTISTA, Isabel. Lugares de Hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade, reflexões e perspectivas.** São Paulo: Manole, 2002. p. 157-164.
- BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade.** São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/150/175>>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo.** São Paulo: Senac/SP, 1998.
- BENI, Mário Carlos. **Planejamento estratégico e capacidade de gestão.** Universidade de Caxias do Sul. 30 nov. 2016, 2 dez. 2016. 5 p. Notas de Aula. Turismo Religioso.
- BERTUOL, Pe. Olívio. **Milagrosa Rainha de Caravaggio.** Caxias do Sul: Mitra Diocesana de Caxias do Sul, 1950.
- BERTRAND, Dominique. Riso e sorriso: convivência e exclusão. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas.** Trad. de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Ed. do Senac, São Paulo, 2011.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia mensagem de Deus.** São Paulo: Loyola, 1983.
- BINET-MONTANDON, Christiane. Acolhida: uma construção do vínculo social. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas.** Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Ed. do Senac, São Paulo, 2011.
- BOFF, Clodovis. **Dogmas marianos: síntese catequético pastoral.** São Paulo: Ave Maria, 2010.
- BOFF, Clodovis. **Mariologia social.** São Paulo: Paulus, 2014.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. v.1.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar.** Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Maria, símbolo do cuidado de Deus: aparição de Nossa Senhora em Caravaggio.** São Paulo: Paulinas, 2004.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 41-70, maio 2015. Mensal. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/download/574/643>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

CÁRDENAS, Rogelio Martínez. Propuesta metodológica para la conceptualización dinámica del turismo espiritual. In: **Turismo Espiritual II: una vision Iberoamericana**. México: Universidad de Guadalajara, 2012. Disponível em: <www.turismoespiritual.com.mx>. Acesso em: 3 jul. 2018. p. 9-14.

CBM. Confederação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos. História de misericórdia das Santas Casas. Disponível em: <<https://www.cmb.org.br/cmb/index.php/institucional/quem-somos/historico>>. Acesso em: 17 set. 2018.

CCDDS. CONGREGACIÓN PARA EL CULTO DIVINO Y LA DISCIPLINA DE LOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia – DPPL**. 2002 (Documentos, 261). Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html>. Acesso em 4 de jul. de 2018.

CDC. CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado pelo Papa João Paulo II. São Paulo: Loyola, 2001.

CELAM. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulus, 2008.

CIC. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CLKER.COM. Mapa do Brasil. Disponível em: <<http://www.clker.com/clipart-mapa-do-brasil-cinza.html>>. Acesso em: 4 out. 2018.

CNBB. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral do turismo: desafios e perspectivas**. Brasília: Ed. da CNBB, 2009a.

CNBB. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Aparições e revelações particulares**. Brasília: Ed. da CNBB, 2009b. (Coleção Subsídios Doutrinários, n. 1).

CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. **Dossiê Fides: Nossa Senhora na América Latina**. 2006. Disponível em: <http://www.fides.org/pt/news/8137-Nossa_Senhora_na_America_Latina>. Acesso em: 7 jul. 2018.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Pastoral do Turismo** (1969). Disponível em: <http://www.fides.org/pt/news/14976-VATICANO_A_Pastoral_do_Turismo_hoje_apos_40_anos_do_Diretorio_Peregrinans_in_terra_reuniao_europeia_promovida_pelo_Pontificio_Conselho_da_Pastoral_para_os_Migrantes_e_os_Itinerantes>. Acesso em: 4 de jul. 2018.

CORREIA, João Alberto Sousa. **A hospitalidade na construção da identidade cristã**. Braga: Ed. da Universidade Católica, 2014.

CPPMI. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES. (2001). Orientações para a pastoral do turismo. In: CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Pastoral do turismo: desafios e perspectivas**. Brasília: CNBB, 2009a. p. 43-87.

CPPMI. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES (1998). A Peregrinação. In: CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Pastoral do turismo: desafios e perspectivas**. Brasília: CNBB, 2009a. p. 89-128.

CPPMI. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES (1999). O Santuário. In: CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Pastoral do turismo: desafios e perspectivas**. Brasília: CNBB, 2009a. p. 129-159.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e profano**. Trad. de Rogério Fernandes. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FALCÃO, Manuel Franco. D. **Enciclopédia Católica**. Editora Paulinas *online*. Disponível em: <<http://www.ecclesia.pt/catolicopedia>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

FERES, Pe. Raúl. A devoção do povo latino-americano à Virgem. In: CONGREGAÇÃO PARA EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. **Dossiê Fides: Nossa Senhora na América Latina**. 2006. Disponível em: <http://www.fides.org/pt/news/8137-Nossa_Senhora_na_America_Latina>. Acesso em: 7 jul. 2018.

FIORES, Stefano. Maria. Religiosidade popular. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993.

FORALOSSO, Mariano. Religiosidade popular. **Dicionário de Mística**. Dir. de L. Borriello, E. Caruana, M. R. Del Genio e N. Suffi. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003. (Dicionários).

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***, Vaticano, 2013. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.

FRANCISCO. Mensagem no *Twitter* em 30 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://twitter.com/Pontifex_pt/status/428852803352551425?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwc%5Etweetembed%7Ctwterm%5E428852803352551425&ref_url=https%3A%2F%2Ffoanunciador.com%2F2014%2F01%2F31%2Ftuites-do-papa%2F>. Acesso em: 19 set. 2018.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. [In]: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. de Pedrinho Guareschi. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 64-89. cap. 3.

GODI, Patricia. Igreja: a casa da misericórdia. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Ed. do Senac, São Paulo, 2011. p. 605-617.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

GOOGLE MAPS. Área urbana de Farroupilha e o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio. 2018. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/edit?hl=pt-BR&mid=1jPkLBUhXhjMjZqRXWOUQqAiSD8JBFve0&ll=-29.211440176145178%2C-51.358527301746335&z=13>>. Acesso em: 4 out. 2018.

GRASSI, M. C. Transpor a soleira. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. Trad. de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Ed. do Senac, São Paulo, 2011.

GRINOVER, Lúcio. A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano VI, n. 1, p. 04-16, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/214/284>. Acesso em: 16 jun. 2016.

GUIA DA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL, 2017. **Comunidade: acolhedora, formadora e missionária**. Caxias do Sul, RS: Diocese de Caxias do Sul, 2017.

HERÉDIA, Vania B. M. (Org.). **Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no Sul do Brasil**. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2015.

HERÉDIA, Vania B. M. Um município marcado por migrações. In: HENRICHES, L.A. (Org.). **Histórias de Caxias do Sul**. Caxias do Sul/RS: Secretaria de Cultura, 2012. p 122-130.

HERVIEU-LÉGER, Daniela. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. (Farroupilha, RS). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/farroupilha/panorama>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater***, publicada em 25 de março de 1987. Vaticano. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.

JOÃO PAULO II. **Mensagem para o dia mundial do turismo**. 27 de setembro de 2001. Vaticano. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf_jp-ii_mes_20010619_giornata-mondiale-turismo.html>. Acesso em: 25 abr. 2018.

LAKELAND, Paul. **Igreja: Comunhão viva**. Trad. de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Teologia hoje).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATTAI, Giuseppe. Religiosidade popular. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MONTANDON, Alain. **Hospitalidade, a difícil e necessária dádiva da reciprocidade**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias?id=563269:hospitalidade-a-dificil-e-necessaria-dadiva-da-reciprocidade-entrevista-especial-com-alain-montandon&catid=159>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2007.

MORGAIN, Stephane M. Peregrinação. **Dicionário de Mística**. Dir. de L. Borriello, E. Caruana, M. R. Del Genio e N. Suffi. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003. (Dicionários).

MORTARI, Luigina. **Filosofia do cuidado**. São Paulo: Paulus, 2018.

NOUWEN, Henry J. M. **Pão para o caminho**. Trad. de Emerson Lalluce Ricci. São Paulo: Loyola, 1999.

NOUWEN, Henry J. M. **Crescer: os três movimentos da vida espiritual**. Trad. de Marcos Viana Van Acker. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

PASA, Guálter. **Padre Theodoro Portolan: Santuário de Caravaggio**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2013.

PAULO VI. **Carta Apostólica Marialis Cultus**. Vaticano, 1974. Carta Apostólica sobre o culto à Virgem Maria, publicada em 24 de novembro de 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.

PAULO VI. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Vaticano. 1964. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

PAULO VI. **Constituição Sacrosanctum Concilium**. Roma. 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

PAULO VI. **Constituição Dogmática Dei Verbum**. Vaticano. 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. 1975. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

PCPMI. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES. **O Santuário: memória, presença e profecia do Deus vivo**. São Paulo: Paulinas, 1999. (Documentos da CNBB, 170).

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS. **Anuário Estatístico da Igreja Católica 2016**. Agenzia Fides. Disponível em: <<http://www.fides.org/pt/news/61026->

VATICANO_Estatisticas_da_Igreja_catolica_2016#.WNgxyRjOrmU>. Acesso em: 26 mar. 2017.

PREFEITURA DE FARROUPILHA. Dados Socioeconômicos. Disponível em: <<http://farroupilha.rs.gov.br/novo/dados-socio-economicos/>>. Acesso em: 18 de mar. 2017.

PUTNAM, Robert. **La tradizione cívica nele regione italiane**. Milano, Itália: Mondadori, 1993.

RIEGER, Joerg. **Fé e viagens no mundo globalizado**. São Paulo: Paulus, 2014.

SAMPEL, Edson Luiz (Org.). **Principais documentos dos papas sobre Nossa Senhora: do beato Pio IX a Francisco**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO (2016). **Romaria encerra com público de 180 mil pessoas**. Disponível em: <http://www.caravaggio.org.br/novidades?Noticias_page=24>. Acesso em 28 jun. 2016.

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO (2018a). **139ª Romaria de Caravaggio**. Disponível em: <<http://caravaggio.org.br/evento/139a-romaria-de-caravaggio/>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO (2018b). **Movidos pela fé em Nossa Senhora de Caravaggio**. Disponível em: <<http://caravaggio.org.br/movidos-pela-fe-em-nossa-senhora-de-caravaggio-cerca-de-145-mil-fieis-participaram-da-139a-romaria-ao-santuario-em-farroupilha/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO (2018c). **Centenas de agricultores participam da 118ª romaria votiva ao Santuário de Caravaggio**. Disponível em: <<http://caravaggio.org.br/centenas-de-agricultores-participam-da-118a-romaria-votiva-ao-santuario-de-caravaggio/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO (2018d). **Romaria ao Santuário de Caravaggio reúne 100 mil pessoas somente no primeiro dia de festa**. Disponível em: <<http://caravaggio.org.br/139a-romaria-ao-santuario-caravaggio-reune-100-mil-pessoas-somente-no-primeiro-dia-de-festa/>>. Acesso em: 20 de set. 2018.

SCHNEIDER, Mônica. **A hospitalidade, sob a ótica do romeiro, na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS e seu corolário no universo conceitual de turismo religioso**. 2013. Dissertação (Mestrado). UCS, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/872/Dissertacao%20Monica%20Schneider.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

SCHVARSTZHaupt, Rosalina Luiza Cassol. **O modelo dos pais na educação religiosa dos filhos: percepção dos pais quanto a não permanência dos filhos na prática religiosa após a catequese**. 2014. 74 f. TCC (Especialização em Espiritualidade do Trabalho: Organizações Humanizadas e Eco-engajadas) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2014.

SETCESUL. Mapa do Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em: <https://setcesul.com.br/base-territorial/rs_cinza/>. Acesso em: 4 out. 2018.

SILVA, Adimilson Renato. **Das maneiras de negociar e professar a fé: modelos devocionais e agenciamentos da festa e romaria ao Santuário N. Sra. do Caravaggio.** 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3883/Adimilson%20Renato%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. **Suma teológica.** Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018. (1265-1273).

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.** Trad. de Carlos Eugênio M. de Moura. São Paulo: Studio Nobel: Sesc, 2001.

VALLE, Edênio. **Santuários, romarias e discipulado cristão.** IV Congresso Americano de Santuários Católicos, em Aparecida. São Paulo, de 23 a 28 de maio de 2006. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/501/526>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

VANIER, Jean. **Comunidade: lugar do perdão e da festa.** Trad. de Denise P. Lotito. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulinas, 1995. (Coleção em busca de Deus).

VENDRÚSCULO, Ivone Foletto. **Caravaggio: cinquenta anos de trabalho e fé.** Caxias do Sul, RS: Ed. São Miguel, 2015.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ZIGLIOLI, Roberto. **Santa Maria del Fonte in Caravaggio: l'apparizione e il santuario.** 2. ed. Caravaggio, Italia: Cassa Rural Ed. Artigiana, 2004.

ZORZI, Dom Benedito. **Nossa Senhora de Caravaggio no Brasil.** Caravaggio, Farroupilha, RS: Mitra Diocesana de Caxias do Sul, 1986.

**APÊNDICE A – VISITAS DE PEREGRINOS AO SANTUÁRIO NOSSA SENHORA
DE CARAVAGGIO, FARROUPILHA, DE 2003 a 2017**

Ano/ Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	TOTAL
2003	65.700	63.000	72.850	86.000	376.150	62.350	66.050	67.000	54.600	73.500	65.000	90.000	1.142.200
2004	64.000	70.000	66.000	70.000	290.000	64.250	58.000	57.000	68.000	70.000	75.000	91.000	1.043.250
2005	75.000	70.000	85.000	65.000	400.000	60.000	70.000	45.000	55.000	70.000	70.000	85.000	1.150.000
2006	95.000	80.000	70.000	82.650	337.000	65.000	70.000	70.000	75.000	85.000	81.000	100.000	1.210.650
2007	95.000	80.000	80.000	100.000	450.000	80.000	75.000	80.000	98.000	100.000	110.000	152.000	1.500.000
2008	95.000	95.000	110.000	90.000	454.000	91.000	95.000	100.000	90.000	90.000	110.000	130.000	1.550.000
2009	90.000	80.000	100.000	100.000	510.000	90.000	70.000	75.000	80.000	100.000	90.000	115.000	1.500.000
2010	95.000	90.000	95.000	100.000	500.000	90.000	95.000	95.000	85.000	100.000	110.000	150.000	1.605.000
2011	100.000	90.000	95.000	120.000	520.000	100.000	95.000	85.000	95.000	120.000	130.000	150.000	1.700.000
2012	120.000	100.000	110.000	120.000	450.000	105.000	112.000	120.000	125.000	135.000	143.000	150.000	1.790.000
2013	49.500	54.850	56.200	72.900	338.000	70.000	66.000	71.920	60.000	63.200	64.800	72.200	1.039.570
2014	68.000	66.750	64.500	64.500	350.000	57.200	66.490	62.500	69.315	75.000	76.000	79.930	1.100.185
2015	76.900	66.750	65.300	66.500	348.000	56.300	58.300	65.500	69.315	85.000	92.000	102.000	1.150.865
2016	64.000	70.000	66.000	70.000	299.850	64.250	58.000	57.000	76.000	78.000	86.000	138.000	1.127.100
2017	95.000	85.000	100.000	110.000	350.000	100.000	80.000	85.000	95.000	110.000	105.000	135.000	1.450.000
TOTAL	1.248.100	1.161.350	1.235.850	1.316.550	5.973.000	1.155.350	1.134.840	1.135.920	1.195.230	1.354.700	1.407.800	1.740.130	20.058.820

Fonte: Acervo do Santuário. Dados do Santuário de Caravaggio no período de 2003 a 2017. Organização da autora. Farroupilha, 2018.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____
 Proveniência: _____ Estado civil: _____
 Profissão: _____ Religião: _____
 Escolaridade: _____ Ocupação: _____ N: _____

1. Quantas vezes você já **participou da romaria** à Nossa Senhora de *Caravaggio*, no Santuário em Farroupilha?

- primeira vez
- anualmente
- de dois em dois anos
- mais de cinco anos
- mais de 10 anos
- outra _____

2. O que você **busca** através da romaria ao Santuário?

- devoção
- agradecimento
- consolo
- proteção
- fé
- Outro _____

3. Você se sente **acolhido** no Santuário? _____

4. Como você **participa** da Romaria?

- percurso a pé
- ônibus
- carro
- outros _____

5. A visita ao Santuário realizou suas expectativas? _____

6. Como você se sente após ter participado da romaria? _____

7. Você relata sua experiência a outras pessoas? Por quê? _____

8. Você tem por costume participar da missa na localidade onde mora? _____

9. Como você conheceu a romaria à Nossa Senhora de *Caravaggio*? _____

10. Você costuma frequentar o Santuário fora do período em que ocorre a romaria? Quais os motivos? _____

11. Que sentido tem para você a peregrinação que ocorre na romaria? _____

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Pesquisa no Santuário de *Caravaggio*

Questões semiestruturadas que nortearam as entrevistas

1. O que o(a) senhor(a) entende por hospitalidade na Igreja?
2. Quais as ações que o(a) senhor(a) percebe que a Igreja realiza para acolher os peregrinos na Romaria ao Santuário?
3. O que o(a) senhor(a) atribui ser o sentido de as pessoas colocarem-se a caminho na peregrinação ao Santuário?
4. Que fato (ou fatos) o(a) senhor(a) destaca ter marcado a história do Santuário?
5. O(a) senhor(a) considera que o peregrino que participa da romaria encontra a hospitalidade espiritual que busca?
6. O(a) senhor(a) considera que a atitude de hospitalidade da comunidade de Caravaggio contribuiu para a formação da identidade cristã, relatada nos Evangelhos, e que reflexos percebe ocorrer na vida dos peregrinos e na Igreja como um todo?
7. O que não foi perguntado e o(a) senhor(a) vê como importante considerar para a pesquisa?

Idade:

Naturalidade:

Grau de escolaridade:

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a), _____:

Estamos convidando-o(a) a participar de um estudo intitulado HOSPITALIDADE NA FESTA DE NOSSA SENHORA DE *CARAVAGGIO*, FARROUPILHA, RS, SOB A ÓTICA DA IGREJA CATÓLICA, realizada pela aluna do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado, **Rosalina Luiza Cassol Schvarstzhaupt***, sob a coordenação da Profa. **Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia**, docente na Universidade de Caxias do Sul. O estudo tem por objetivo analisar a hospitalidade que ocorre, da parte da Igreja católica, com os peregrinos que chegam ao Santuário, nos dias da Festa de Nossa Senhora de *Caravaggio*, e o envolvimento da população local.

Caso aceite participar, terá somente de se submeter a uma entrevista, que poderá ser gravada. A sua participação será mantida em sigilo pelos pesquisadores, sendo que seu nome não constatará em qualquer parte do estudo, somente neste documento. Da mesma forma, os seus posicionamentos e suas opiniões serão tratados com total confidencialidade (sigilo).

Lembramos que a sua participação será totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) desistir de participar em qualquer momento da entrevista, sem qualquer prejuízo pessoal. Caso tenha qualquer dúvida, pode ligar para (54) 3218-2100, ramal 2289.

Data: _____

Assinatura do(a) entrevistado(a): _____

Assinatura da entrevistadora: _____

(*) E-mail: rlcschvarstzhaupt@ucs.br.

**ANEXO – MATÉRIA INFORMATIVA SOBRE A ROMARIA AO SANTUÁRIO
NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO**

**COMPAHC aprova Romaria de *Caravaggio* como Bem Cultural de
Natureza Imaterial de Caxias do Sul**

08/06/2016

A Prefeitura de Caxias do Sul, por meio da Secretaria da Cultura, informa a aprovação da inscrição da Romaria de Nossa Senhora de *Caravaggio* como Bem Cultural de Natureza Imaterial de Caxias do Sul. A decisão foi tomada pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultura (COMPAHC) em reunião nesta quarta-feira (08/06).

O Registro de Patrimônio Imaterial constitui uma forma de reconhecimento da sociedade daquilo que ela própria selecionou para salvaguarda das novas gerações.

A fé que faz existir a Romaria é um bem intangível, realizado sobre uma estrada que, há mais de um século imprime, em seu chão, os milhões de passos peregrinos. A estrada que conduz ao Santuário de *Caravaggio* de Farroupilha não é, portanto, uma estrada comum a ligar localidades, mas um percurso de perpetuação de Fé Religiosa Popular como ficou demonstrado no dossiê Interpretativo apresentado pela historiadora Liliana Alberti Henrichs, coordenadora da Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria da Cultura.

Além dos documentos textuais, fotográficos e audiovisuais reunidos e disponibilizados pelo Santuário de Caravaggio, quando da solicitação do registro pelo Reitor Gilnei Fronza, foi elaborada extensa pesquisa sobre o trajeto percorrido pelos fiéis ao longo de mais de um século desde o início da devoção em 1879, de acordo com metodologia e normas consagradas para a inscrição de bem cultural. A estrada municipal que conduz a *Caravaggio* pertencia, na sua integralidade, ao município de Caxias do Sul até 11 de dezembro de 1934 quando foi criado o município de Farroupilha. A partir de então, uma parte da estrada integra o território caxiense, desde 1991 sob a denominação “Arziro Galafassi” e a outra parte integra o município farroupilhense, desde 2010 sob a denominação “Luiz Victório Galafassi”, compreendendo 20 km no total. Com base no artigo 33 da Lei nº 7.495/2012 a Romaria de Nossa Senhora de *Caravaggio* será inscrita no Livro de Registro de Lugares e o Certificado será entregue em nova oportunidade.

A reunião do COMPAHC foi presidida por Ana Carla Furlan, além dos conselheiros, contando com a presença do Bispo Diocesano, Dom Alessandro Ruffinoni, do Reitor do Santuário Diocesano Nossa Senhora de *Caravaggio*, Pe. Gilnei Fronza, do Vereador Gustavo Toigo (Prefeito em Exercício à época da entrega do pedido em 2014), do vereador Adiló Didomênico, dos pesquisadores e escritores Cleodes Piazza e José Clemente Pozenato, de José Antonio Adamoli e Marisa Poloni, assessores da Prefeitura de Farroupilha.

Notícia veiculada no dia 8 de junho de 2016, no *site* da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul e em órgãos da imprensa local, informando a aprovação e inscrição da Romaria Nossa Senhora de *Caravaggio* como Bem Cultural de Natureza Imaterial de Caxias do Sul, RS.

Fonte: Departamento de Comunicação, Secretaria da Cultura, Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. Disponível em: <https://www.caxias.rs.gov.br/cultura/noticias_1er.php?codigo=39328>. Acesso em: 28 jun. 2016. Adaptado pela autora (2016).